

PESQUISA DE OPINIÃO

M U L H E R

C O R A
C E A R

Os medos e demandas das mulheres
cearenses por segurança

REALIZAÇÃO:

INSTITUTO
PATRÍCIA GALVÃO

EXECUÇÃO:

 Ipsos



M U L H E R
CORAM
CLEM

PESQUISA QUANTITATIVA

Job: 25-050624 | Outubro/2025



RESUMO DO PROJETO DE PESQUISA QUANTITATIVA

Nome do Cliente	Editora Verdes Mares
Objetivos de Pesquisa	Identificar e compreender os medos e as inseguranças das mulheres cearenses, em geral e em diferentes espaços: casa, trabalho, escola, rua/transporte e ambiente virtual.
Universo	Mulheres cearenses com 16 anos ou mais
Período de campo	De 01 a 14 de outubro de 2025.
Método de coleta	Pesquisa quantitativa/ Entrevistas pessoais e domiciliares
Amostra	2.032 entrevistas no total, distribuídas em 77 municípios
Ponderação	Não se aplica
Margem de erro	Considerando nível de confiança de 95%, a margem de erro estimada é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra
Verificação dos dados	20% do material de cada entrevistadora foi criticado e verificado e 100% dos questionários foram submetidos a um teste eletrônico de consistência para verificar a coerência das respostas.
Somas dos percentuais	As perguntas cujas somas dos percentuais não totalizam 100% são decorrentes de arredondamentos ou de múltiplas respostas.
Destaques analíticos	Pontuam as diferenças estatisticamente significativas superiores aos resultados encontrados no total da amostra. Já o número em rosa indica as diferenças estatisticamente significativas inferiores aos resultados encontrados no total da amostra. Comparações feitas dentro dos grupos de segmentos sociodemográficos foram feitas também considerando diferenças estatisticamente significativas.
Abreviações	I.M. = Índice de multiplicidade de opções de respostas dadas em perguntas de múltipla resposta. RM = pode mencionar mais de uma resposta / RU: pode escolher apenas uma resposta

Nota: Ipsos Brasil declara que a pesquisa foi realizada em conformidade com a norma ISO 20252:2019.

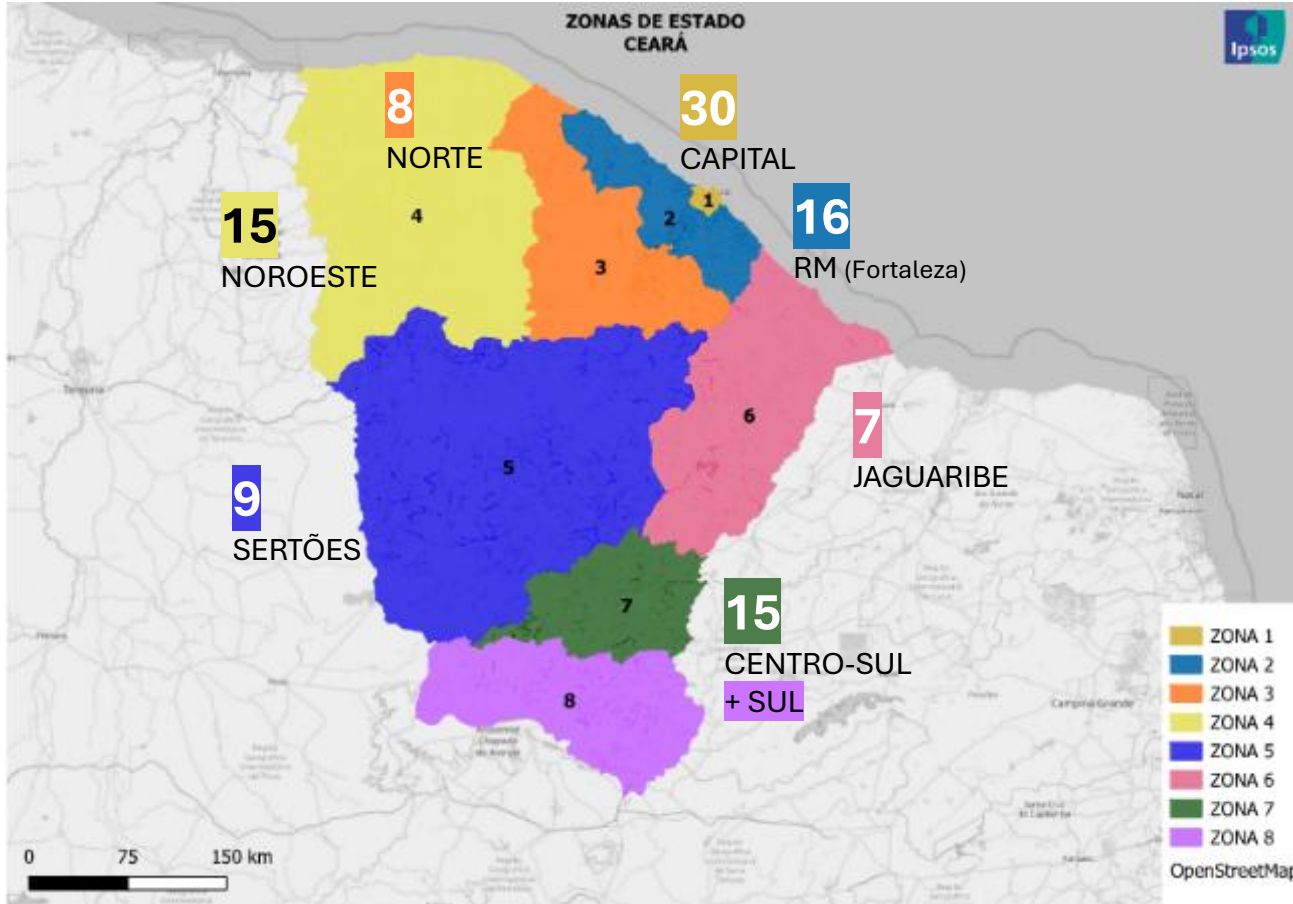
DISTRIBUIÇÃO E PERFIL DA AMOSTRA

01

Distribuição da amostra

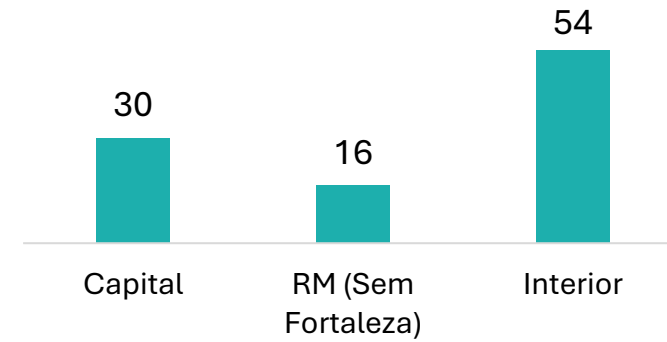
(%)

REGIÃO

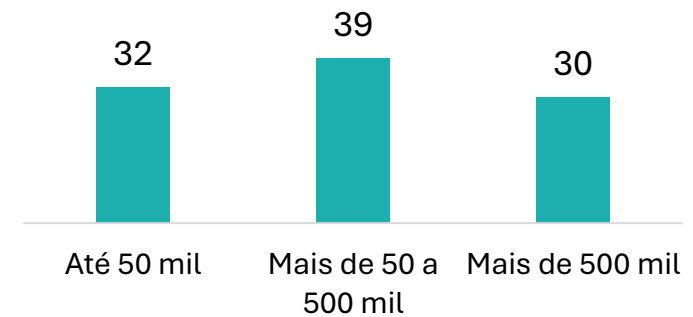


Base: Amostra (2032)

CONDIÇÃO DO MUNICÍPIO



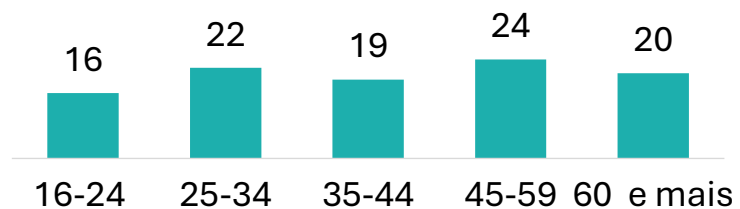
PORTE DO MUNICÍPIO (EM NÚMERO DE HABITANTES)





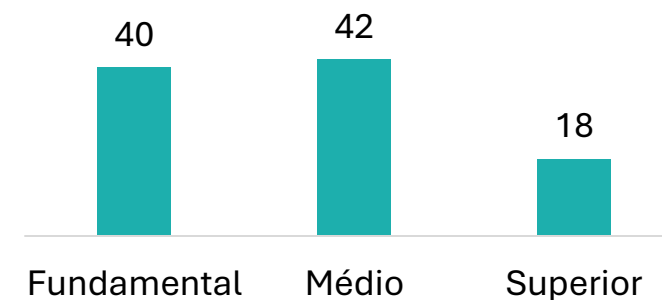
Perfil da amostra

IDADE (anos)

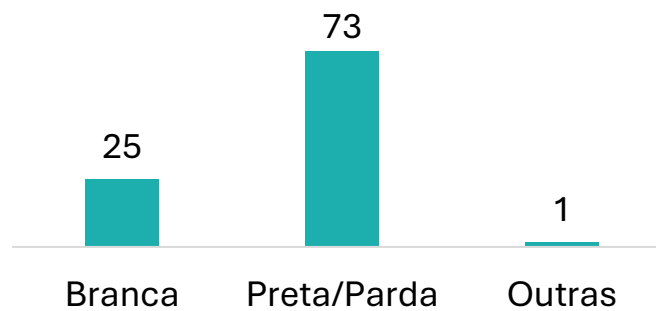


ESCOLARIDADE

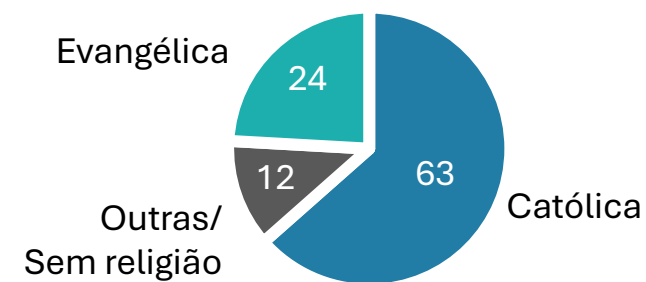
(%)



RAÇA/COR



RELIGIÃO



Base Amostra (2032)

Sexo | idade | Grau de instrução | Raça/Cor | Religião

© Ipsos | Projeto Elas - CE | Outubro 2025 | Estritamente Confidencial

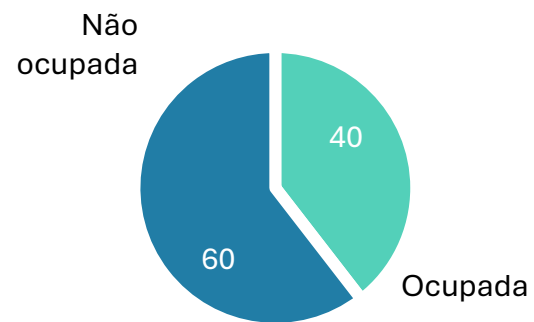




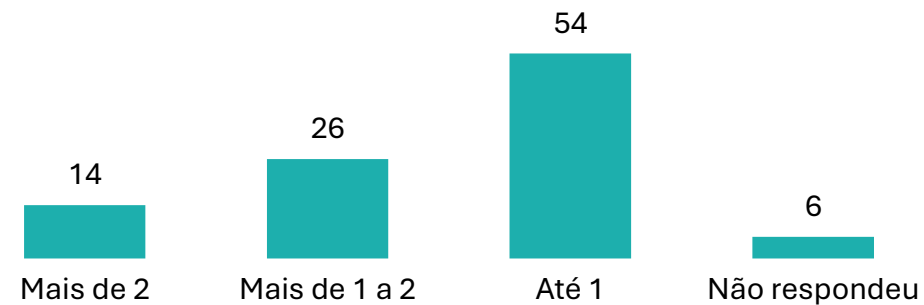
Perfil da amostra

(%)

OCUPAÇÃO



RENDA FAMILIAR (Em salário mínimo)



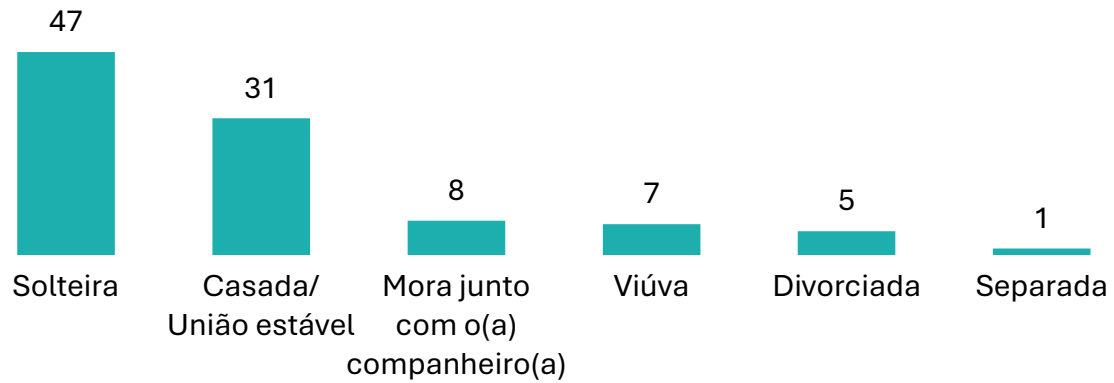
Base Amostra (2032)

Ocupação| P32. RENDA| Em qual destas faixas está a renda total da sua família no mês passado, somando as rendas de todas as pessoas que moram com você, inclusive a sua? (RU)

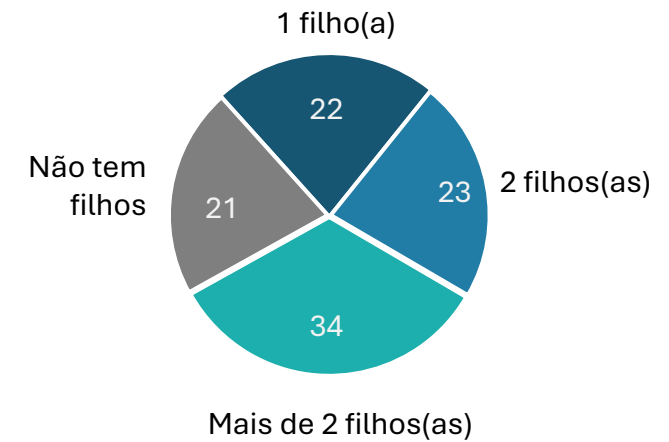
Perfil da amostra

(%)

ESTADO CIVIL



TEM FILHOS?



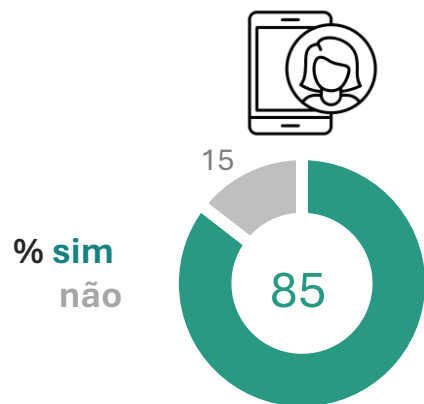
Base Amostra (2032)

P30. Qual seu estado civil? (ESPONTÂNEA - RU) | P31. Você tem filhos? (CASO SIM) Quantos? (RU)

Perfil da amostra

(%)

TEM PERFIL EM REDES SOCIAIS OU USA WHATSAPP



Tem perfil:

16 a 24 (97%), 24 a 34 (96%), 35 a 44 (93%)

Ensino médio (94%) e superior ((97%)

Já sofreu violência (91%)

Está estudando (97%)

Ocupado (92%)

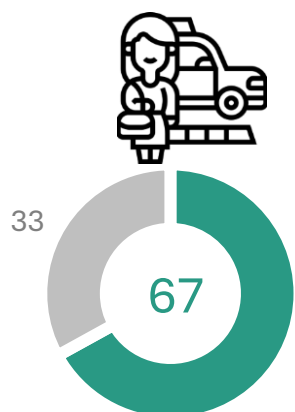
60 e mais (61%)

Ens. Fundamental (71%)

Base Amostra (2032)

P28. Você... (RU POR ITEM)

USA TRANSPORTE INDIVIDUAL NO APLICATIVO (Uber, 99 ou taxi)



Usa aplicativo:

Ens. Superior (77%) / Capital (93%) , RM (82%)

Mais de 500 mil (93%) / Mais de 2 mil (80%)

Já sofreu violência (74%)

Mais de 2 SM (80%) / Ocupado (73%)

Usa transporte coletivo (78%)

60+ (59%) / Ens. Fundamental (58%)

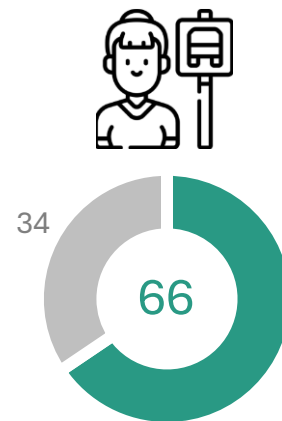
Interior (48%) / Até 50 mil (38%)

Não sofreu violência (60%)

Não tem perfil em redes sociais (51%)

Não usa transporte coletivo (46%)

USA TRANSPORTE PÚBLICO COLETIVO



Usa transporte coletivo:

Capital (79%) / RM (77%)

Mais de 500 mil (79%)

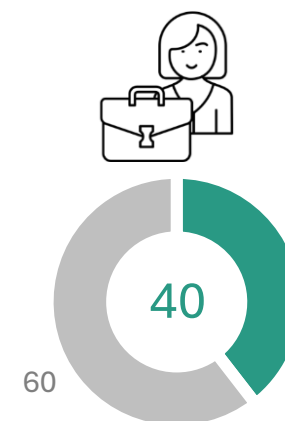
Usa transporte por aplicativo (76%)

Interior (55%) / Até 50 mil (53%)

Não sofreu violência (60%)

Não usa transporte por aplicativo (43%)

TRABALHA ATUALMENTE



Trabalha:

25 a 34 anos (48%) / 35-44 (50%) / Ens. Superior (67%)

Mais de 2 SM (67%)

60 + (19%) / Ens. Fundamental (27%)

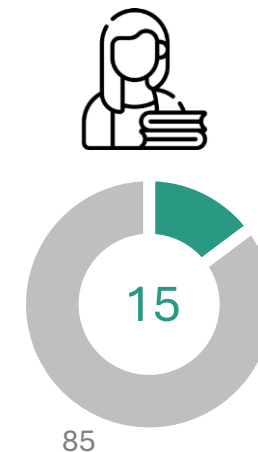
Até 1 SM (31%) / Teme sofrer violência (21%)

Não sofreu violência (34%)

Não tem perfil em rede social (21%)

Não usa transporte por aplicativo (33%)

ESTUDA ATUALMENTE



Estuda:

16 a 24 anos (42%) / Ensino Superior (41%)

Mais de 2SM (27%)

Não sofreu violência (66%)

45 a 59 anos (7%) / 60 + (3%)

Ens. Fundamental (5%)

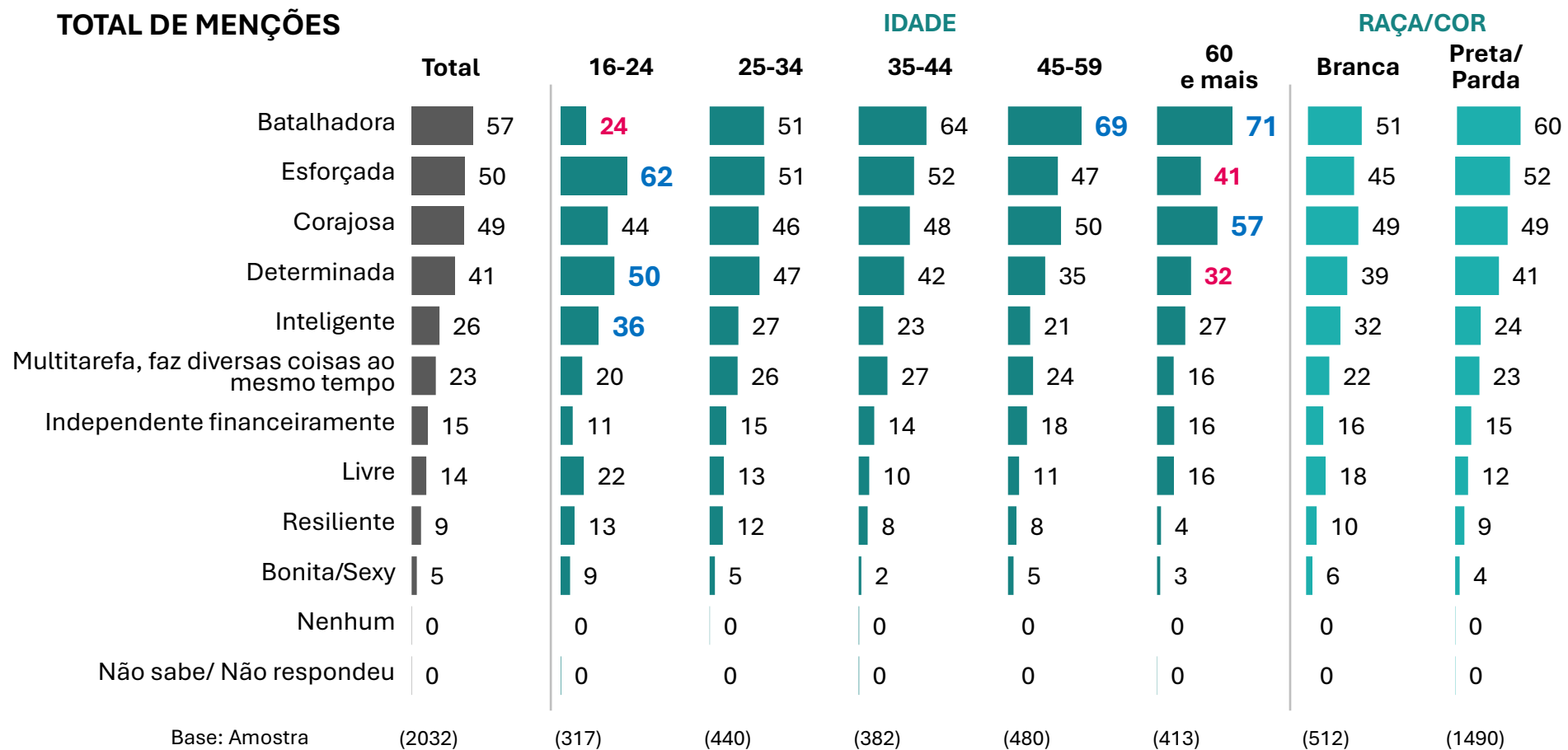
Não tem perfil em redes sociais (3%)

VALORES MAIS IMPORTANTES PARA AS MULHERES CEARENSES

02



Mulheres cearenses se identificam sobretudo como batalhadoras, esforçadas e corajosas. Mas há diferenças geracionais: as jovens tendem a valorizar a determinação e o esforço, enquanto as mulheres mais velhas valorizam a luta contínua e a coragem. Estatisticamente, as cearenses pretas e pardas se reconhecem mais no atributo “esforço” do que as brancas, enquanto essas mencionam “inteligente” mais do que as pretas e pardas.

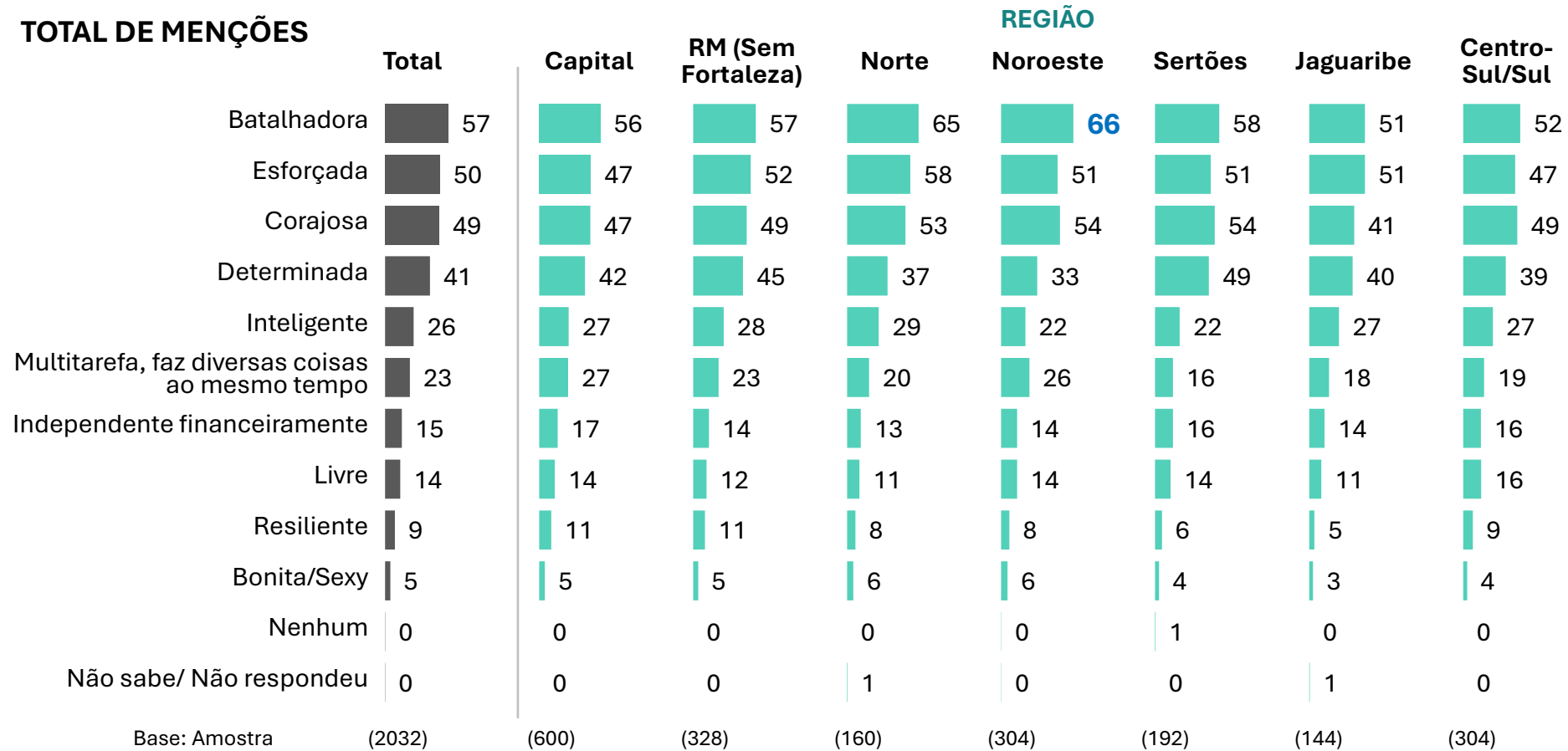


P01. Qual dessas características te define melhor como mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)



A definição de batalhadora predomina em todas as regiões, com destaque no Noroeste. Em Jaguaribe, “batalhadora” e “esforçada” dividem a primeira posição. As características “esforçada” e “corajosa” alternam posições, conforme a região do estado.

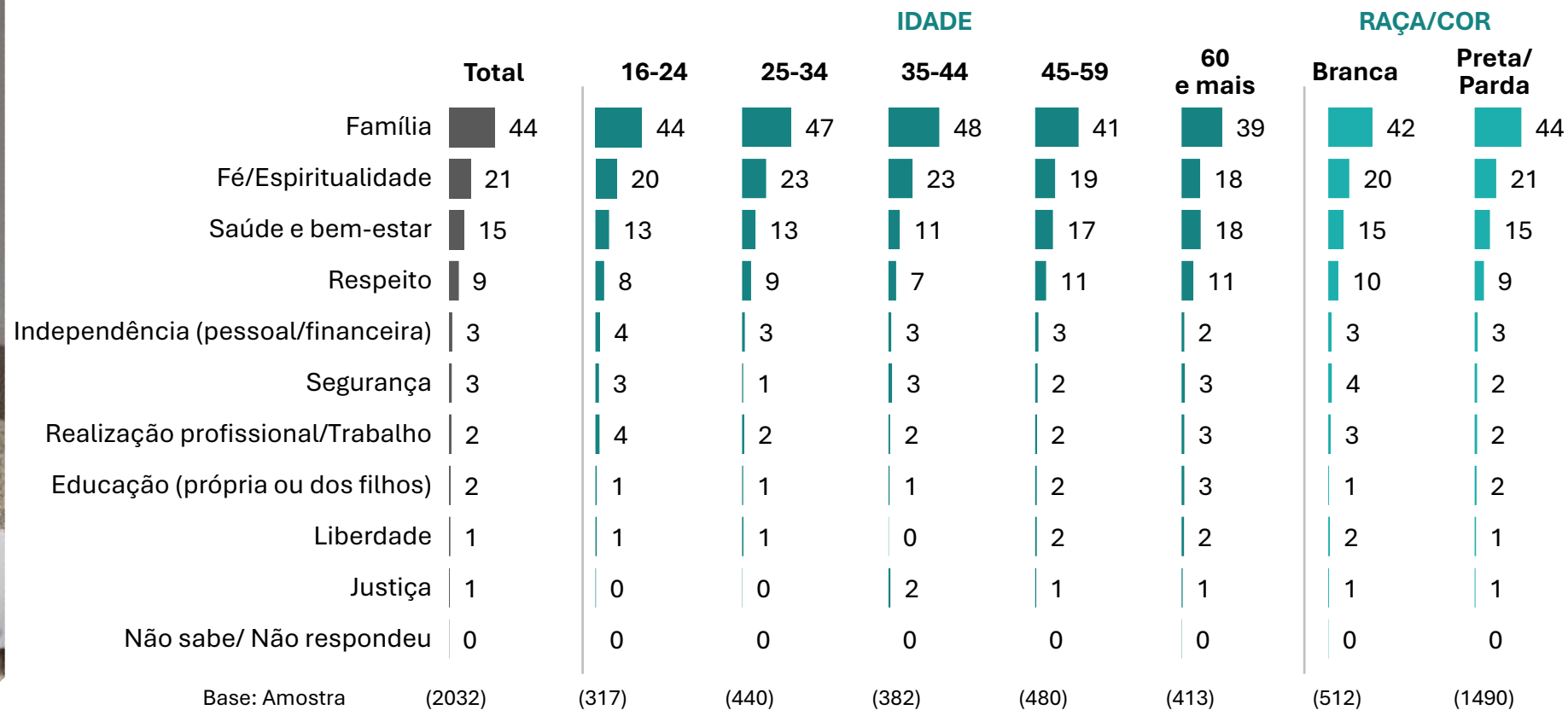
TOTAL DE MENÇÕES



P01. Qual dessas características te define melhor como mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)



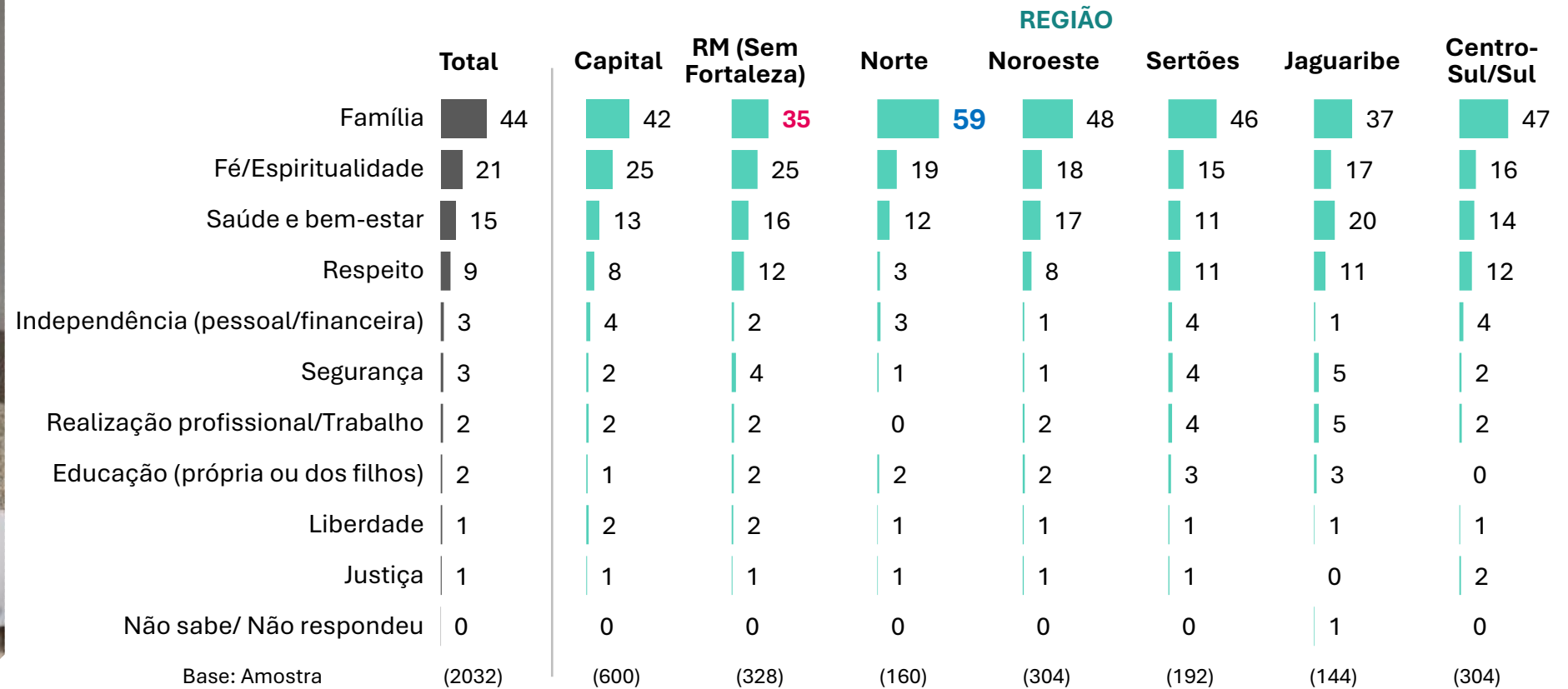
Família é o valor central das mulheres do Ceará; não há diferenças significativas entre as faixas de idade ou por raça/cor.



P02. Qual dos valores listados nessa cartela você considera mais importante para a sua vida? (RU)



Na região Norte a valorização da família se sobressai em relação ao total da amostra, enquanto na Região Metropolitana esse valor aparece com o menor percentual.



SITUAÇÕES DE INSEGURANÇA

02

A impunidade dos agressores lidera o ranking dos fatores que mais contribuem para a insegurança e violência contra as mulheres cearenses, com destaque entre as de 25 a 34 anos. Em seguida, em patamar similar de menções, aparecem pouco policiamento, cultura machista e vícios dos agressores. Evidenciando as diferenças geracionais, mulheres com até 34 anos enfatizam o machismo, enquanto as de 60+ minimizam esse aspecto.

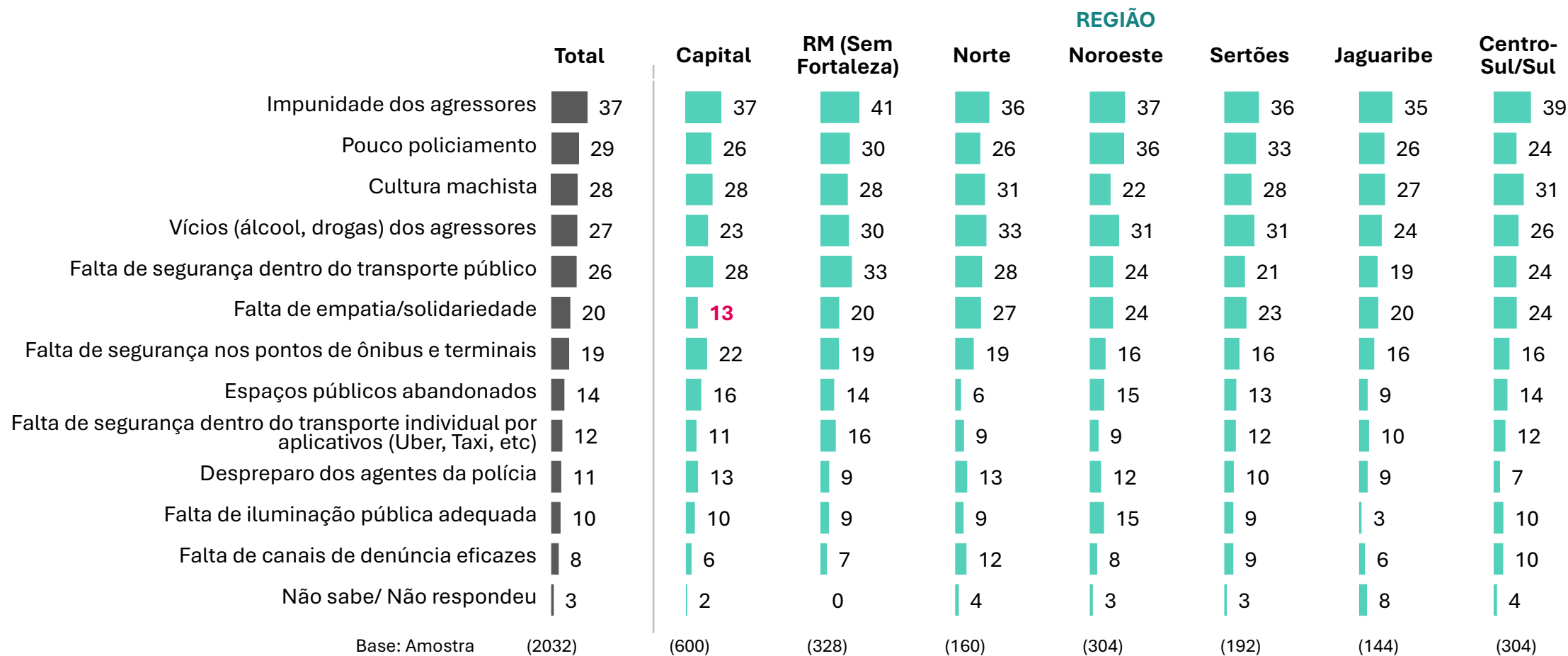
(%)



P03. Na sua opinião, qual desses fatores mais contribui para a insegurança e a violência contra as mulheres no estado do Ceará? (RM – ATÉ 3 RESPOSTAS)

Em todas as regiões, a impunidade dos agressores lidera como fator de contribuição para a insegurança e violência contra as mulheres. Apesar dos demais fatores não apresentarem diferenças estatísticas por região, as distinções regionais podem ser observadas na ordem do ranking de cada uma delas.

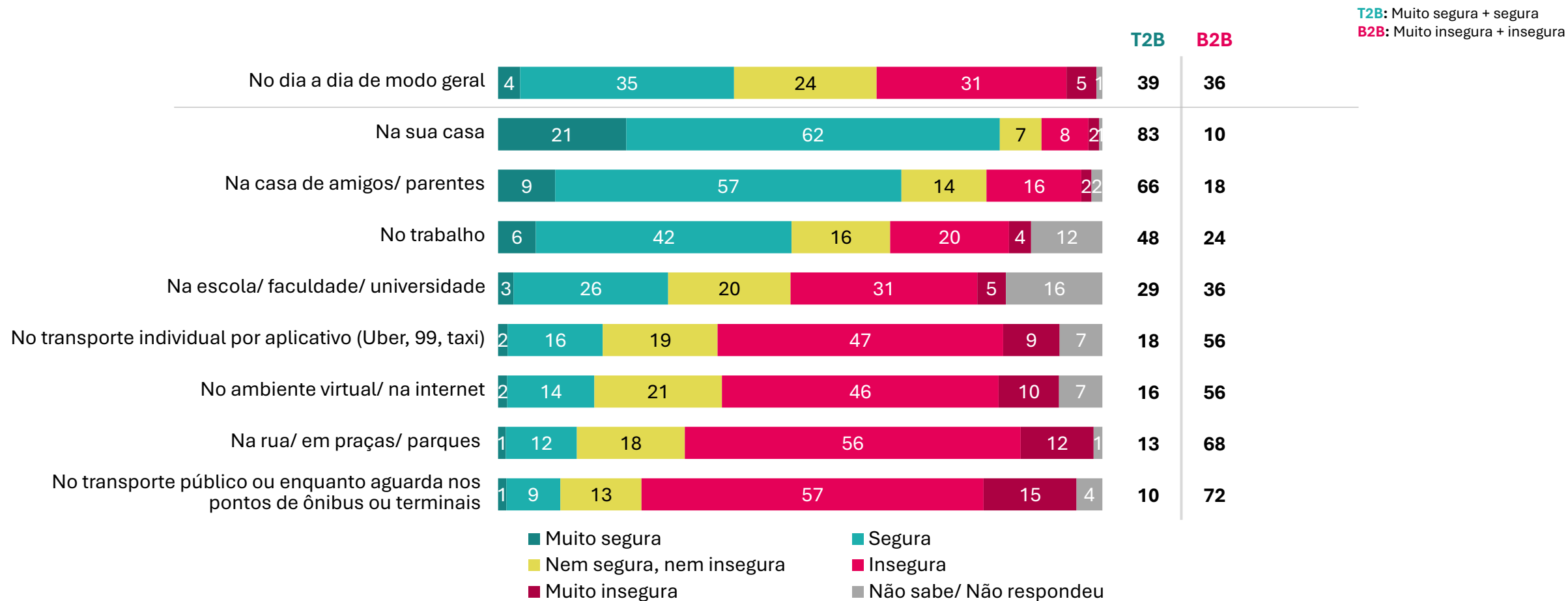
(%)



P03. Na sua opinião, qual desses fatores mais contribui para a insegurança e a violência contra as mulheres no estado do Ceará? (RM – ATÉ 3 RESPOSTAS)

A maior parcela das cearenses se sente segura sendo mulher no ambiente doméstico, seja o próprio ou de amigos/parentes. Em contraposição, os espaços públicos, como o transporte público e as ruas, praças e parques configuram-se como territórios de maior insegurança.

(%)

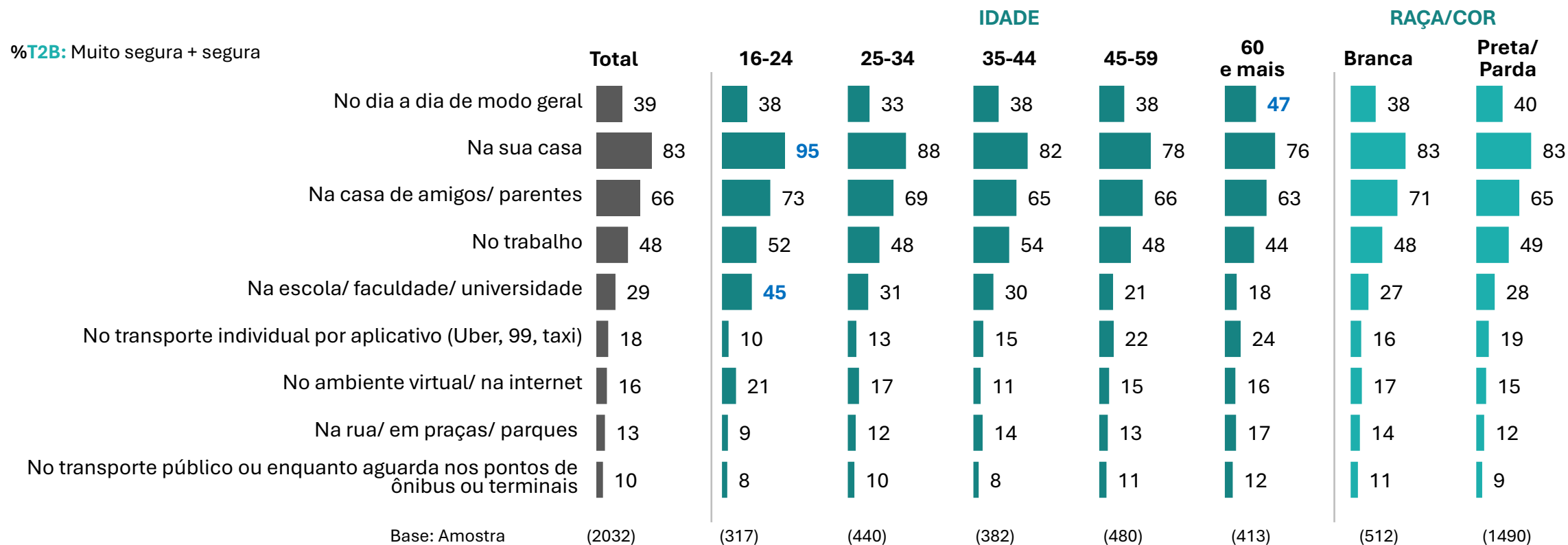


Base Amostra (2032)

P04. De modo geral, hoje, o quanto você se sente ou se sentiria segura sendo mulher... (RU POR ITEM)

Enquanto as cearenses com 60+ se sentem mais seguras que a média geral sendo mulheres no dia a dia, as de 16 a 24 anos se destacam pela sensação de segurança em casa e no ambiente educacional. Além disso, aquelas com mais de 45 anos se sentem mais seguras no transporte por aplicativo do que as mais jovens.

(%)

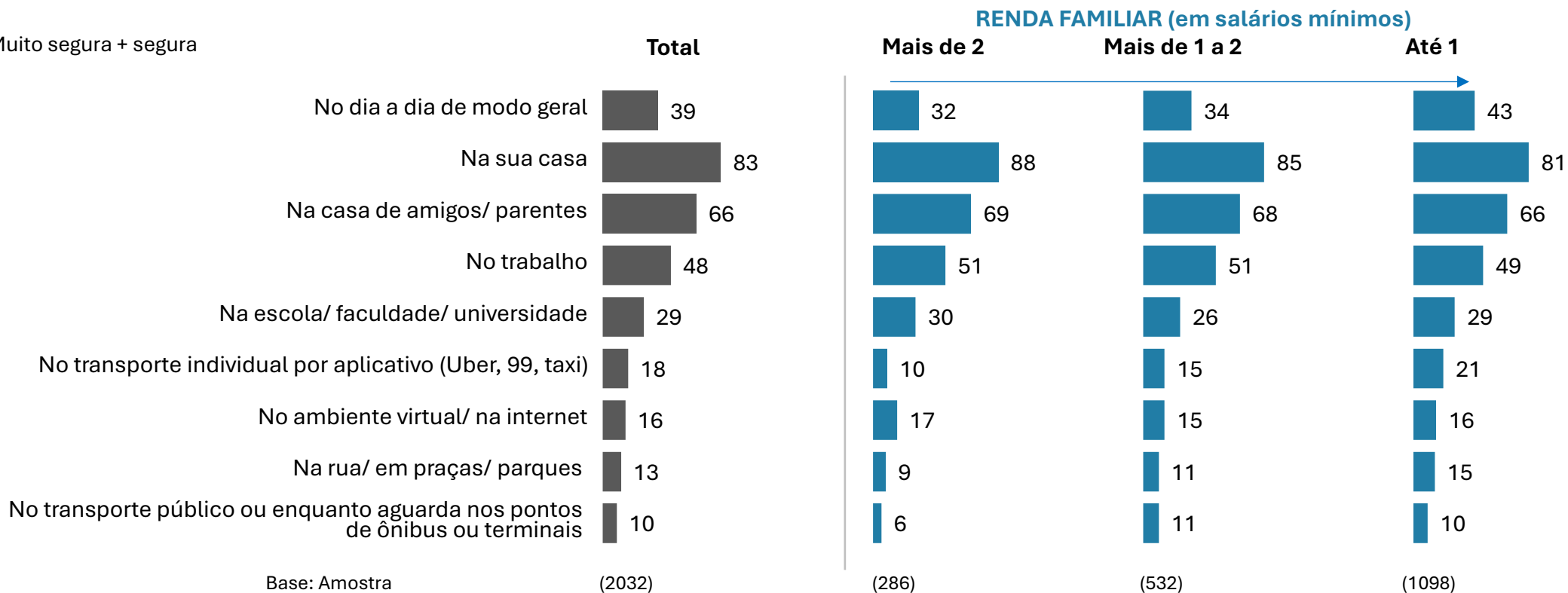


P04. De modo geral, hoje, o quanto você se sente ou se sentiria segura sendo mulher... (RU POR ITEM)

A sensação de segurança no dia a dia aumenta quanto menor é a renda familiar das mulheres. Nos demais locais não há diferença estatística.

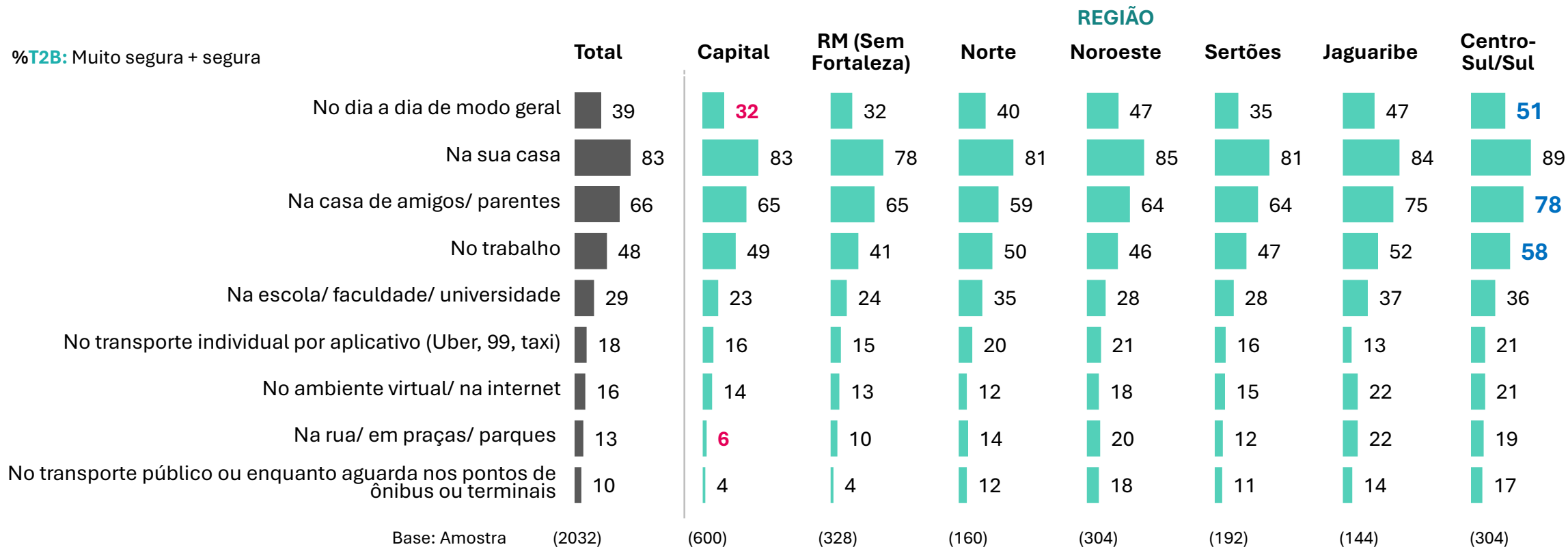
(%)

%T2B: Muito segura + segura



Na Capital, é estatisticamente menor a proporção de mulheres que se sentem seguras no dia a dia ou na rua, praças ou parques, do que o observado no total da amostra. Já na região Centro-Sul/Sul, a sensação de segurança é mais elevada no dia a dia, no ambiente doméstico próprio ou de amigos/parentes e no trabalho.

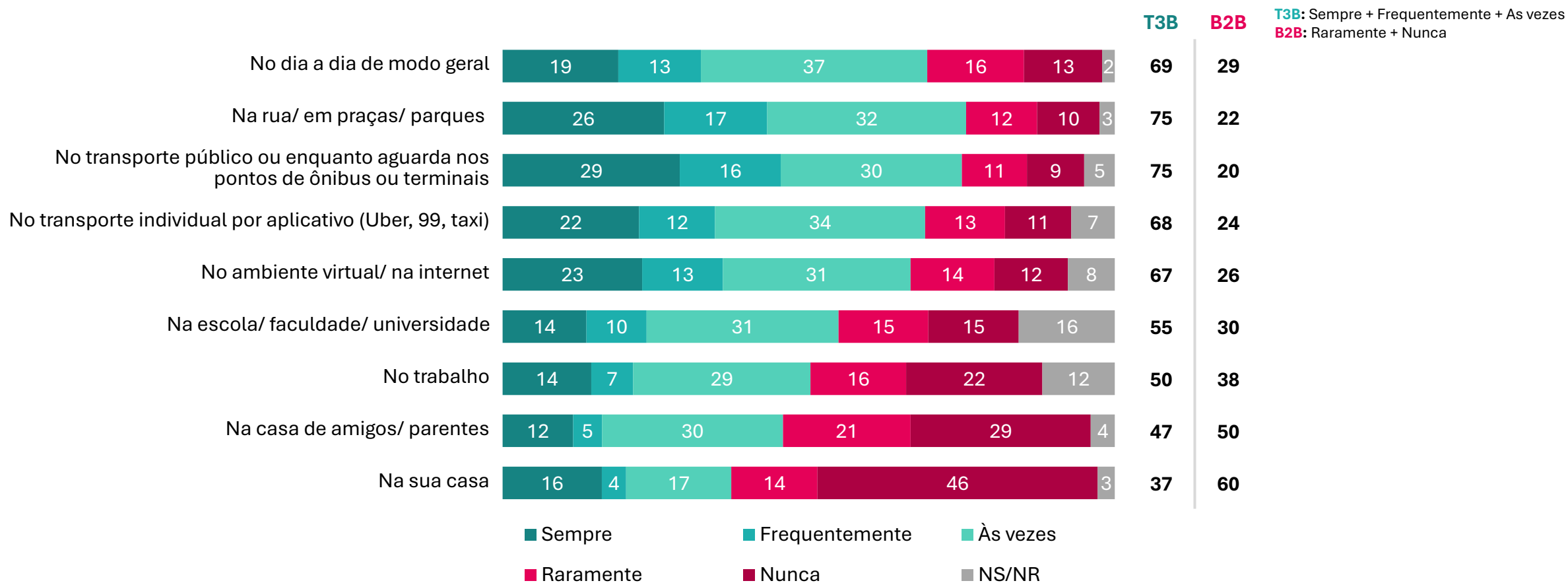
(%)



P04. De modo geral, hoje, o quanto você se sente ou se sentiria segura sendo mulher... (RU POR ITEM)

Cerca de sete em cada 10 mulheres cearenses relatam sentir insegurança por ser mulher com alguma frequência nos espaços públicos, no transporte (público e por aplicativo), no ambiente virtual e no dia a dia de modo geral; cerca de metade nunca se sente insegura em casa.

(%)

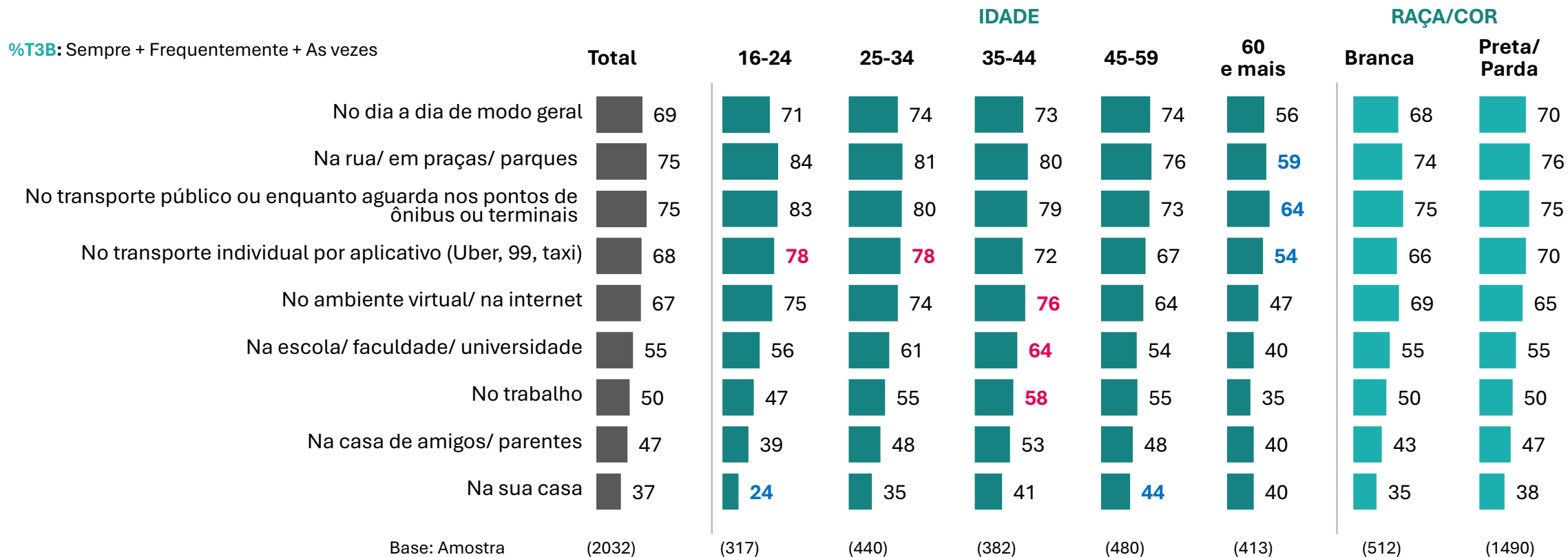


Base Amostra (2032)

P05. Independentemente do seu grau de segurança em cada ambiente que acabamos de ver, com que frequência você diria que se sente ou se sentiria insegura por ser mulher... (RU POR ITEM)

Na comparação com a média geral, as cearenses com até 34 anos se destacam por se sentirem inseguras com alguma frequência no transporte individual por aplicativo. Já na faixa de 35 a 44 anos, a insegurança ocorre com alguma frequência no ambiente de trabalho, no virtual e no educacional. Ainda que a maioria das que têm 60+ se sinta insegura nas ruas e no transporte, a proporção observada é menor do que no total da amostra. Nota-se, ainda, que a sensação de insegurança em casa é menos frequente entre as mais jovens do que entre as que têm 35 anos ou mais.

(%)

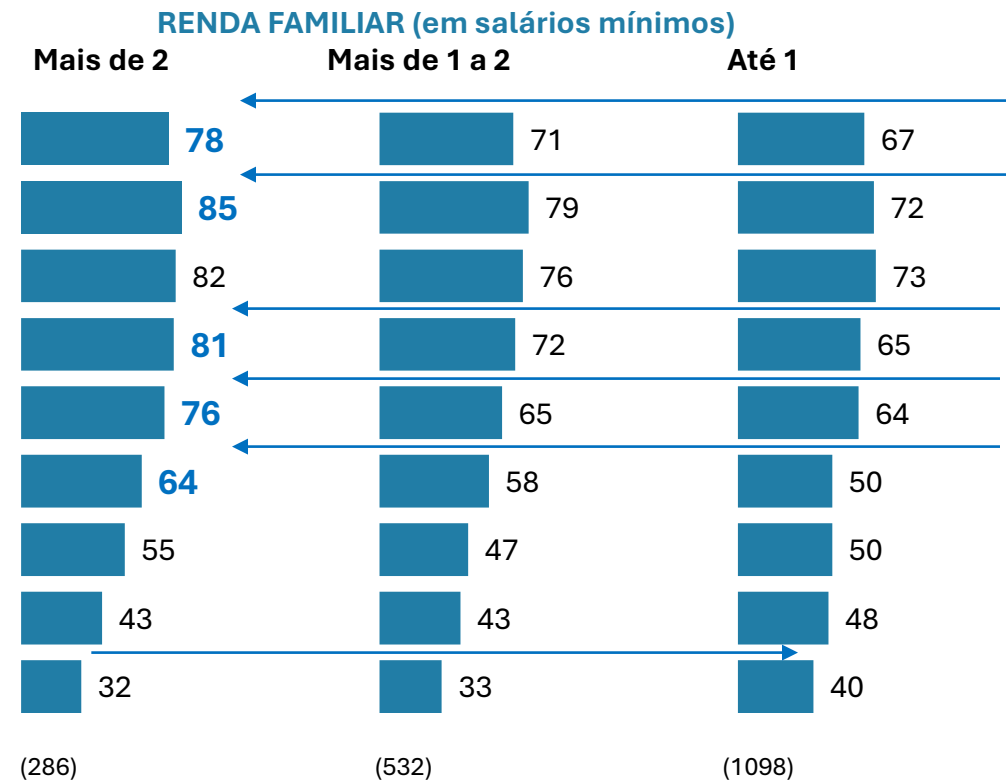
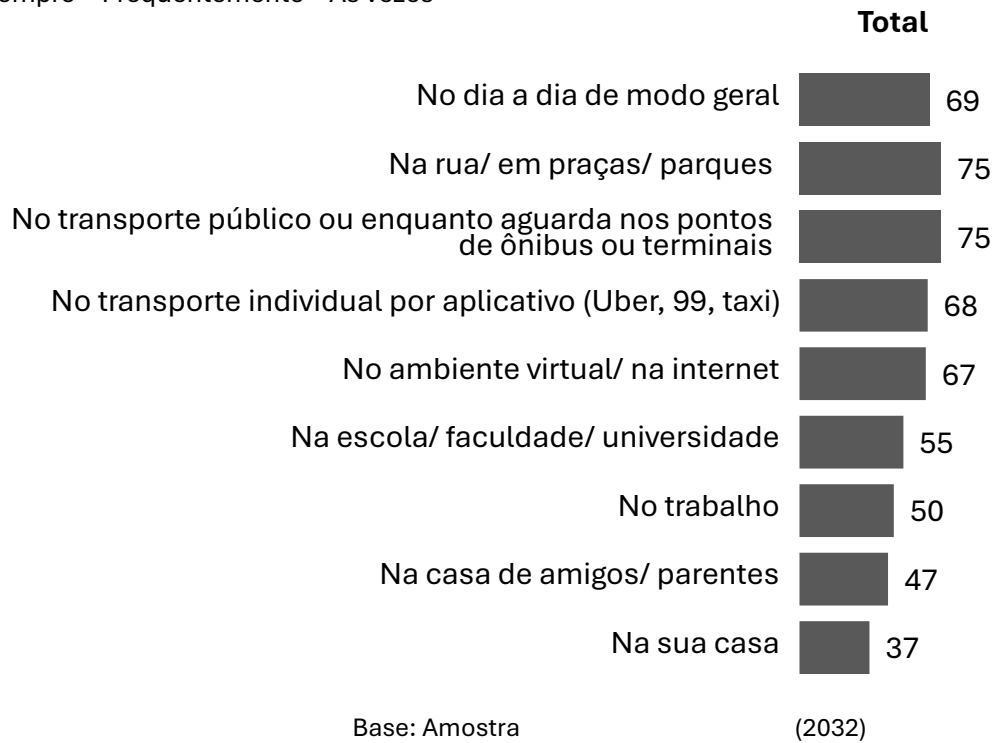


P05. Independentemente do seu grau de segurança em cada ambiente que acabamos de ver, com que frequência você diria que se sente ou se sentiria insegura por ser mulher... (RU POR ITEM)

A frequência da insegurança feminina é mais acentuada nos espaços públicos, no transporte por aplicativo ou público, no ambiente virtual, no educacional, e no dia a dia à medida que a renda familiar das cearenses aumenta. No ambiente doméstico, a regularidade com que se sentem inseguras é mais expressiva quanto menor é a renda da família.

(%)

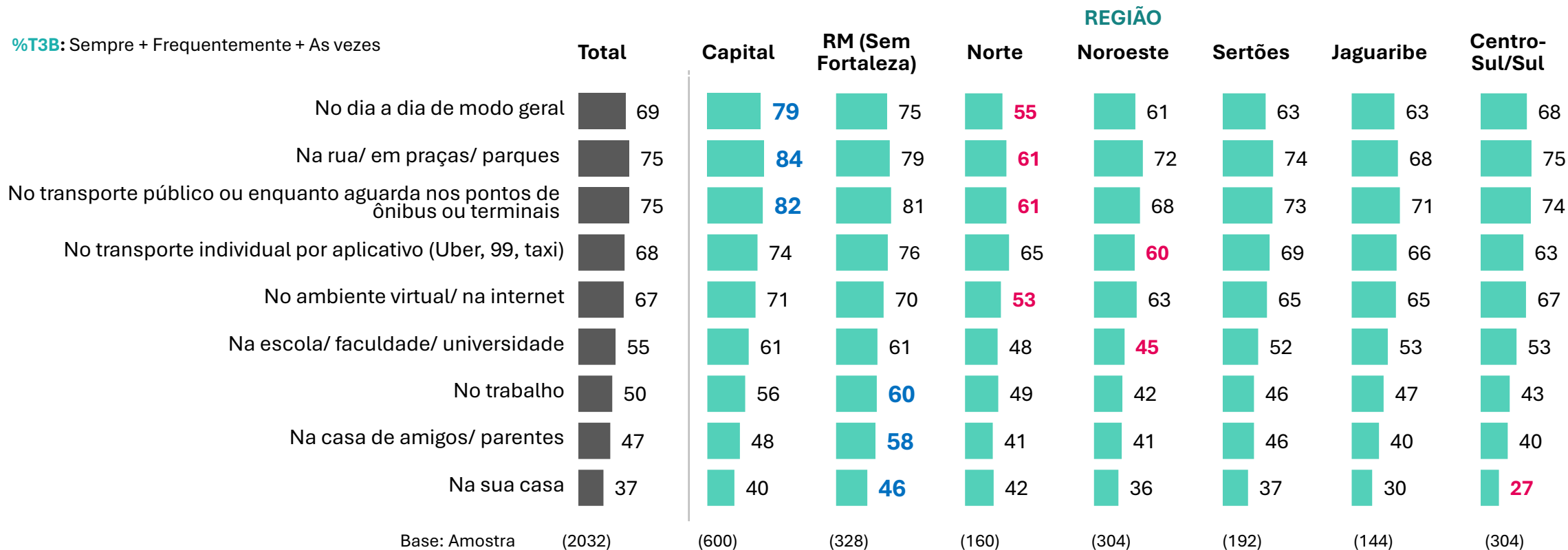
%T3B: Sempre + Frequentemente + As vezes



P05. Independentemente do seu grau de segurança em cada ambiente que acabamos de ver, com que frequência você diria que se sente ou se sentiria insegura por ser mulher... (RU POR ITEM)

Moradoras da Capital apresentam maior patamar de insegurança frequente nos espaços e transportes públicos e no dia a dia. Entre mulheres da RM a regularidade é mais expressiva no trabalho e no ambiente doméstico. A região Norte tem menor proporção de mulheres que sentem insegurança com alguma frequência no dia a dia, nos espaços e transportes públicos e no ambiente virtual, enquanto no Noroeste isso ocorre no transporte por aplicativo e no ambiente educacional.

(%)

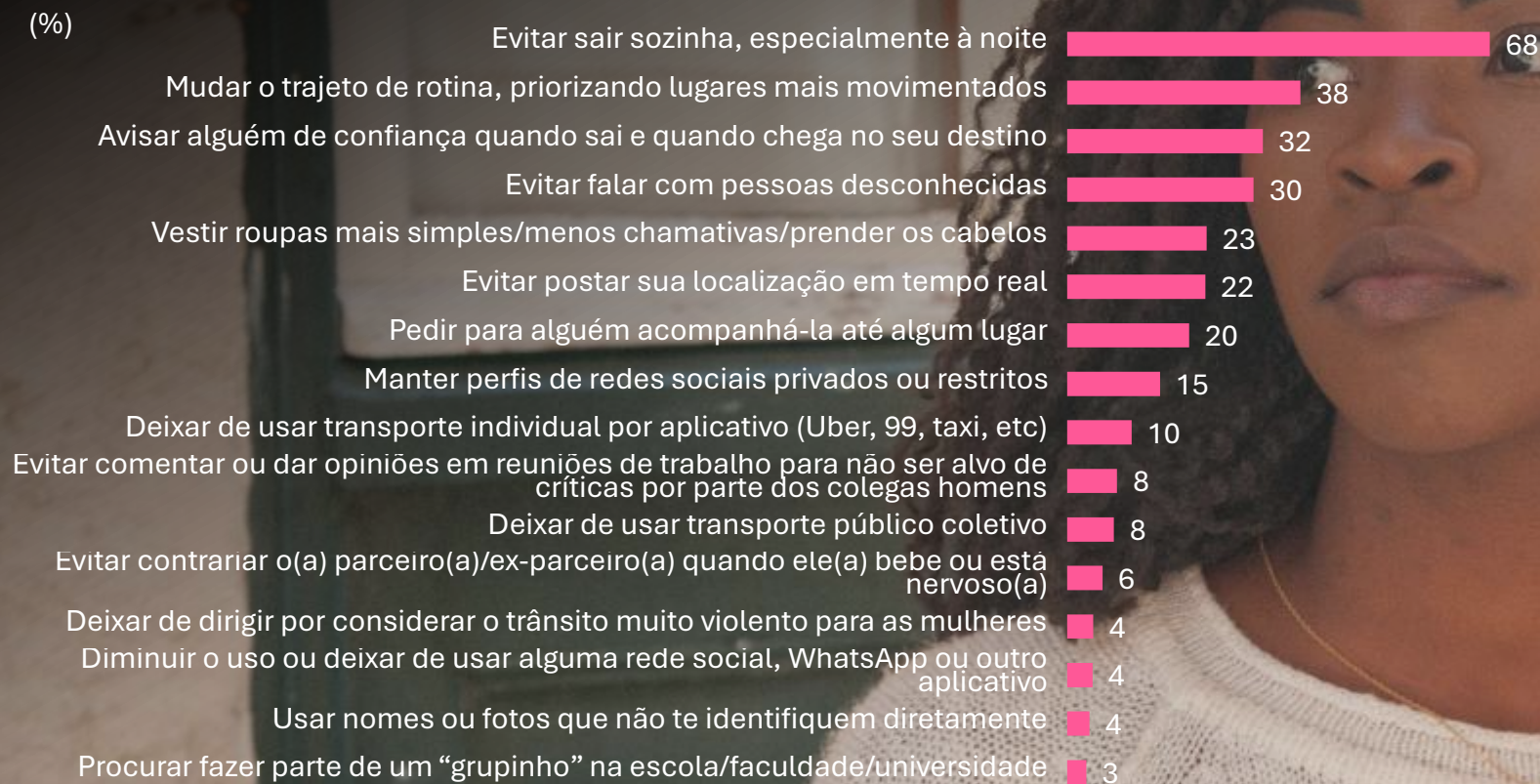


P05. Independentemente do seu grau de segurança em cada ambiente que acabamos de ver, com que frequência você diria que se sente ou se sentiria insegura por ser mulher... (RU POR ITEM)

Quatro em cada dez mulheres do Ceará mudam a rotina diante do medo e da insegurança por serem mulheres; a atitude mais comum é evitar sair sozinhas, especialmente à noite.

40% Costumam mudar sua rotina ou hábito do dia a dia por medo ou insegurança por ser mulher

Base Amostra (2032)



2 NS/NR

I.M.: 3,01

P14. Você já precisou ou costuma mudar sua rotina ou hábito do dia a dia por medo ou insegurança por ser mulher? (RU) /
P15. Quais desses hábitos você já precisou ou costuma mudar por medo ou insegurança por ser mulher? (RM)

Base: Já precisou ou costuma mudar a rotina ou hábito do dia a dia por medo ou insegurança por ser mulher (805)

40%
costumam
mudar a
rotina ou
hábito do dia
a dia por
medo ou
insegurança
por serem
mulheres

O medo e a insegurança impõem restrições diferenciadas por idade e território, indicando que a juventude e a urbanização parecem impactar na necessidade de estratégias defensivas no cotidiano feminino: quase metade das jovens e das moradoras da Capital altera rotinas por insegurança, contrastando com o comportamento das mulheres com 60+ e das moradoras da região Noroeste.

% Costumam mudar sua rotina ou hábito

Por perfil

IDADE

16 a 24	48%
25 a 34	43%
35 a 44	40%
45-59	40%
60 e mais	29%

RAÇA/COR

Branca	40%
Preta/ Parda	39%

RENDA

Mais de 2	48%
Mais de 1 a 2	43%
Até 1	36%

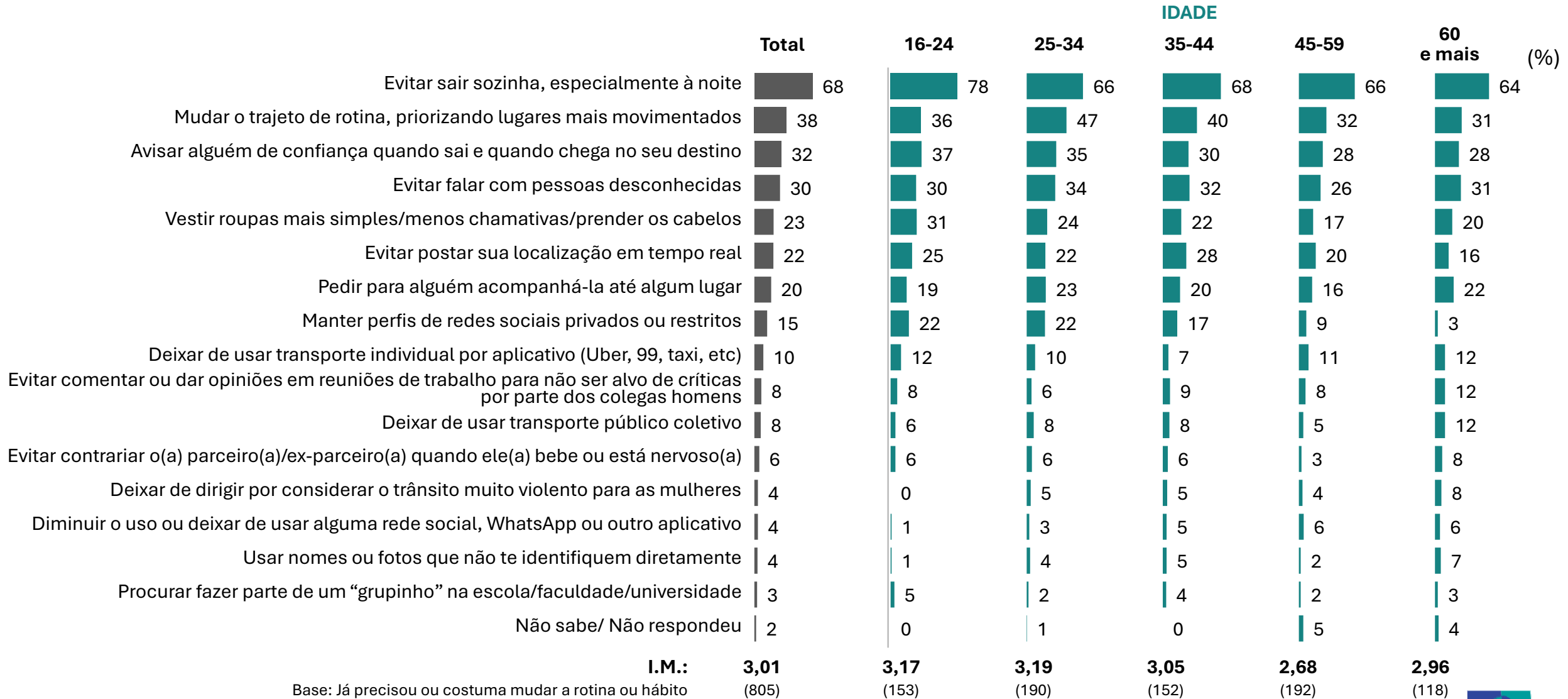
REGIÃO

Capital	48%
RM (Sem Fortaleza)	40%
Norte	32%
Noroeste	27%
Sertões	46%
Jaguaribe	37%
Centro-Sul/Sul	37%

Base Amostra: (2032) | 16-24 (317) | 25-34 (440) | 35-44 (382) | 45-59 (480) | 60 + (413) | Branca(512) | Preta/ Parda (1490) | Mais de 2 (286) | Mais de 1 a 2 (532) | Até 1 (1098) | Capital (600) | RM (Fortaleza) (328) | Norte (160) | Noroeste (304) | Sertões (192) | Jaguaribe (144) | Centro-Sul/Sul (304)

P14. Você já precisou ou costuma mudar sua rotina ou hábito do dia a dia por medo ou insegurança por ser mulher? (RU)

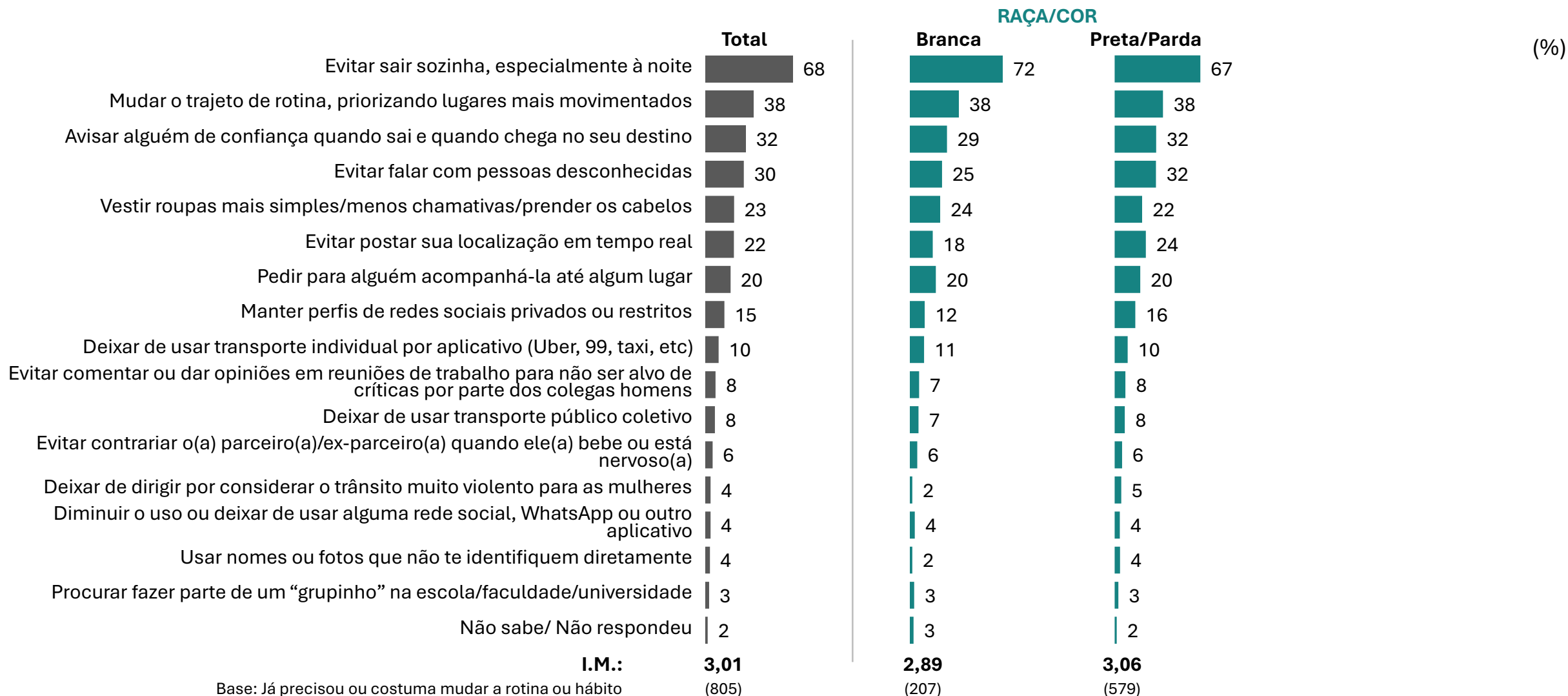
A adoção de hábitos defensivos transcende gerações: evitar sair sozinha à noite lidera em todas as idades, sendo seguido por mudanças de trajeto, avisos sobre deslocamentos e evitar contatos desconhecidos. A necessidade de autoproteção é homogênea, revelando que o medo é generalizado entre as idades.



P15. Quais desses hábitos você já precisou ou costuma mudar por medo ou insegurança por ser mulher? (RM)

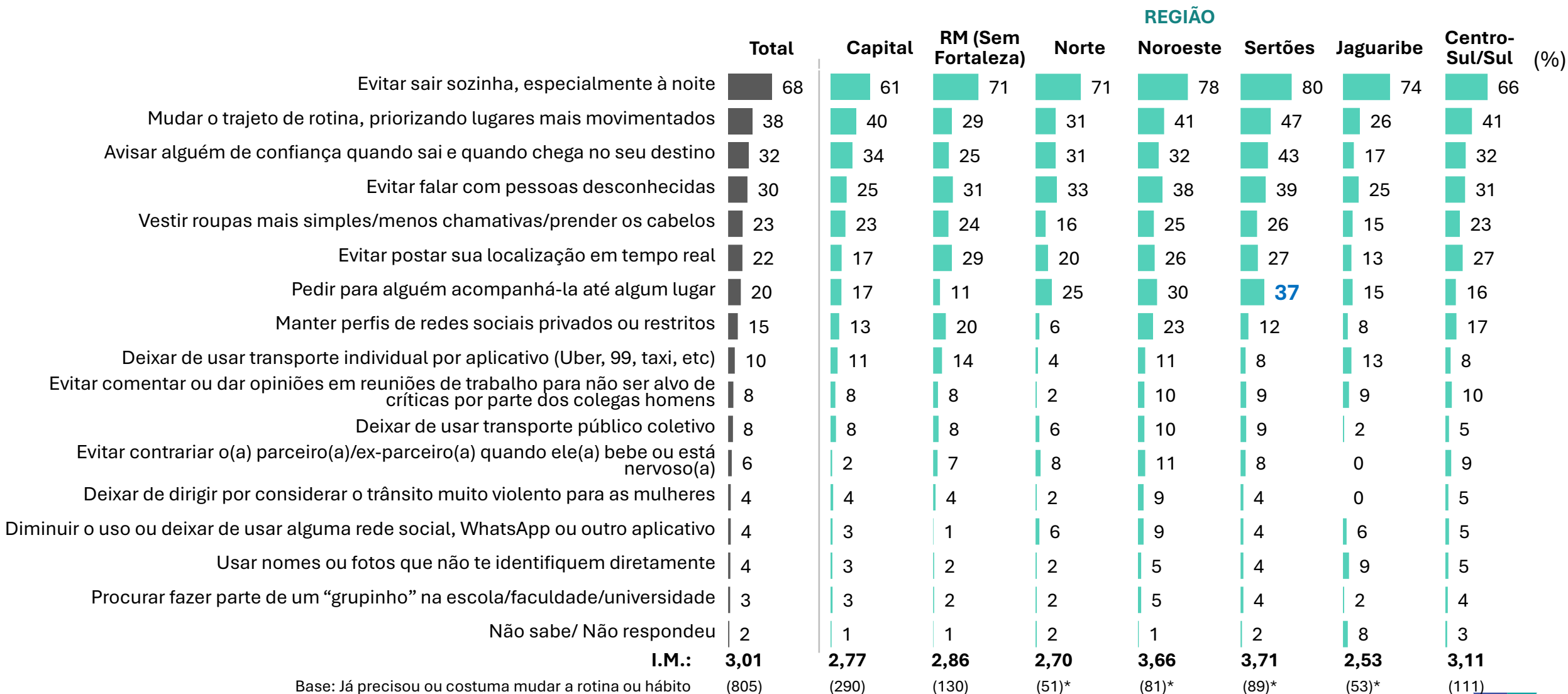


As estratégias de autoproteção independem da raça/cor, já que as práticas pesquisadas são comuns para mulheres brancas e pretas/pardas.



P15. Quais desses hábitos você já precisou ou costuma mudar por medo ou insegurança por ser mulher? (RM)

Evitar sair sozinha é a atitude mais comum entre as mulheres de todas as regiões do Ceará. Contudo, há diferenças na ordem do ranking por região; além disso, moradoras dos Sertões costumam adotar mais o acompanhamento de alguém em seus trajetos do que a amostra total.

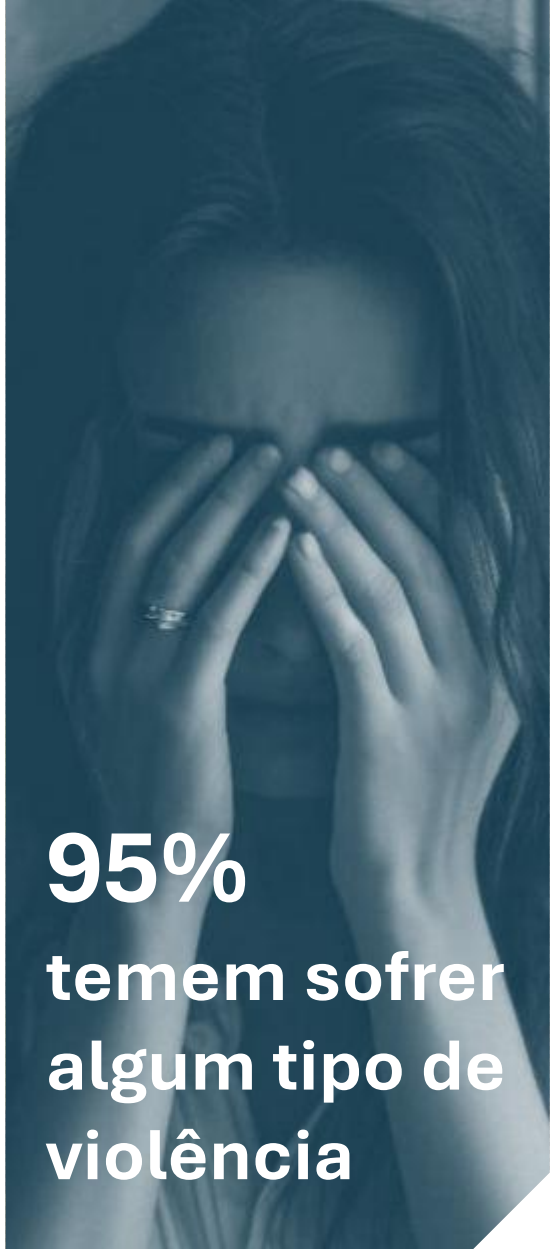


P15. Quais desses hábitos você já precisou ou costuma mudar por medo ou insegurança por ser mulher? (RM)

*base pequena. Análise deve ser feita com cautela

SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA EM DIVERSOS AMBIENTES

04



95%
temem sofrer
algum tipo de
violência

O medo de sofrer algum tipo de violência é generalizado no Ceará e permeia a vida de praticamente a totalidade das mulheres que vivem no estado; a violência sexual é a mais temida.



61%

Violência Sexual (assédio, toques sem consentimento, importunação sexual, estupro, etc)



47%

Violência Física
(agressão, empurrão, tapa, espancamento, etc)



43%

Violência Psicológica (ameaças, xingamentos, ofensas, bullying, assédio moral, isolamento, etc)



24%

Violência Doméstica
(violência física, psicológica, patrimonial ou sexual ocorrida dentro da sua própria casa, no ambiente doméstico/familiar)



19%

Violência Virtual
(cyberbullying, ataque em redes sociais, exposição de fotos, ameaças online ou recebimento de nudes sem consentimento)



17%

Violência Policial
(abordagem abusiva, uso excessivo da força ou agressão por agentes de segurança, policiais, etc)



12%

Violência Institucional
(mau atendimento, discriminação ou desrespeito em órgãos públicos, como as delegacias gerais, etc)



11%

Violência Patrimonial
(quebra de objetos, furto/roubo, retenção de documentos por pessoas fora de suas relações íntimas/familiares)



3%

Não temem sofrer esses tipos de violência

Base Amostra (2032)

P06. Quais desses tipos de violência você tem mais medo de sofrer? Mais algum? Algum outro? (RM)

© Ipsos | Projeto Elas - CE | Outubro 2025 | Estritamente Confidencial

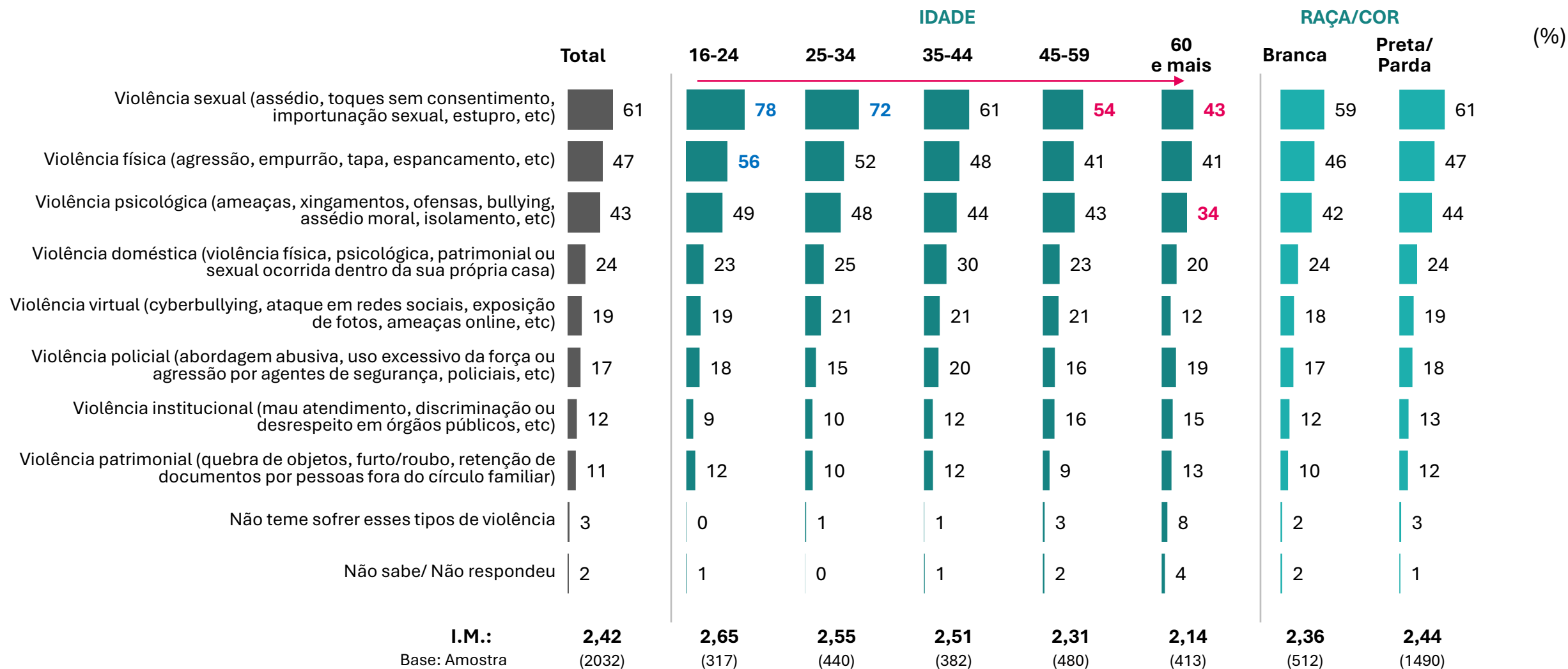
31

I.M.: 2,42

2% - NS/NR



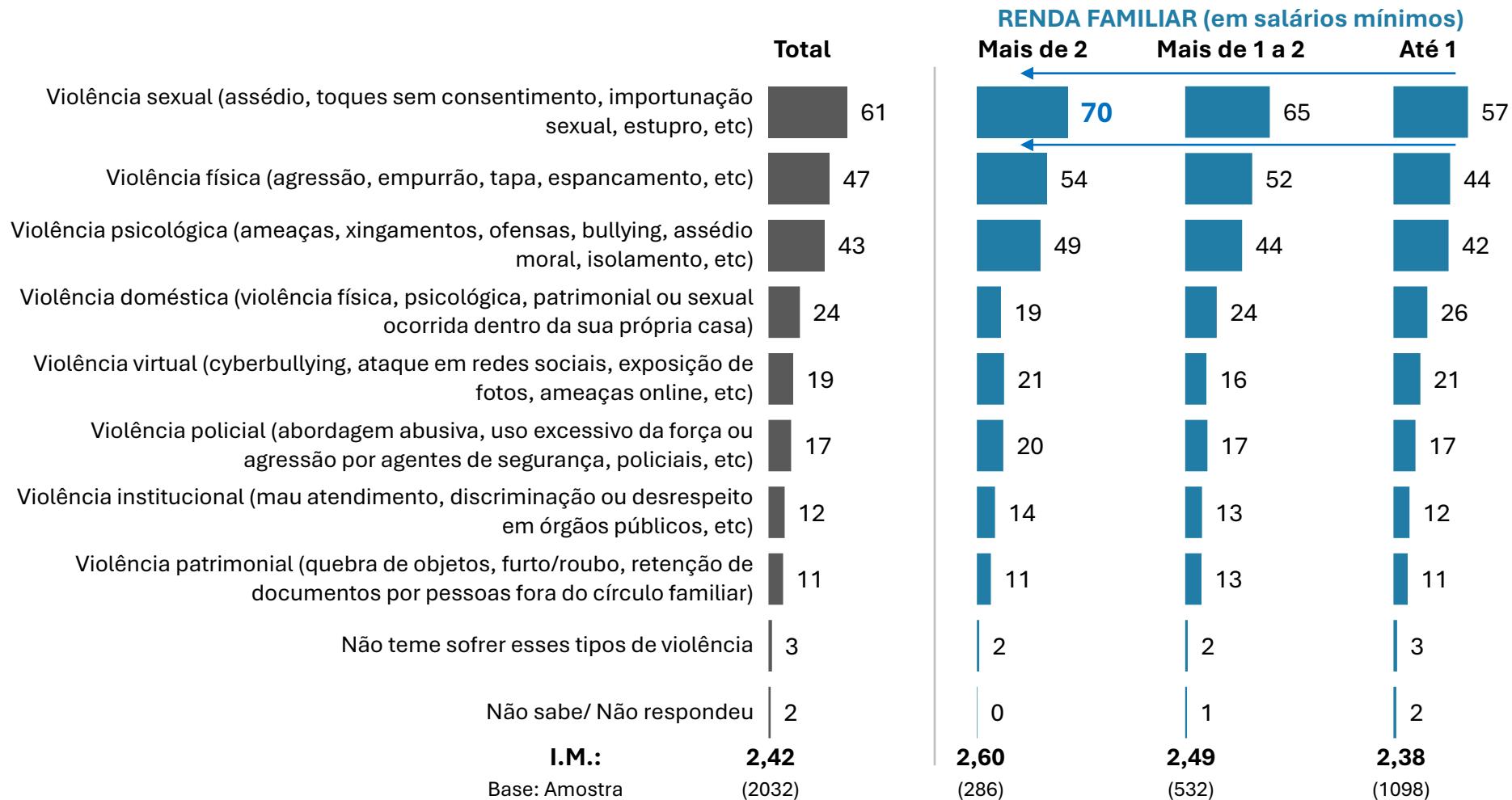
Os temores femininos revelam diferentes dinâmicas geracionais: a violência sexual, embora generalizada, atinge maior percentual entre as cearenses com até 34 anos e tende a declinar gradualmente com a idade. A preocupação com violência física e psicológica é maior entre as que têm até 34 anos, comparado com as de 60+. A análise racial não revela diferenças significativas entre brancas e pretas/pardas.



P06. Quais desses tipos de violência você tem mais medo de sofrer? Mais algum? Algum outro? (RM)

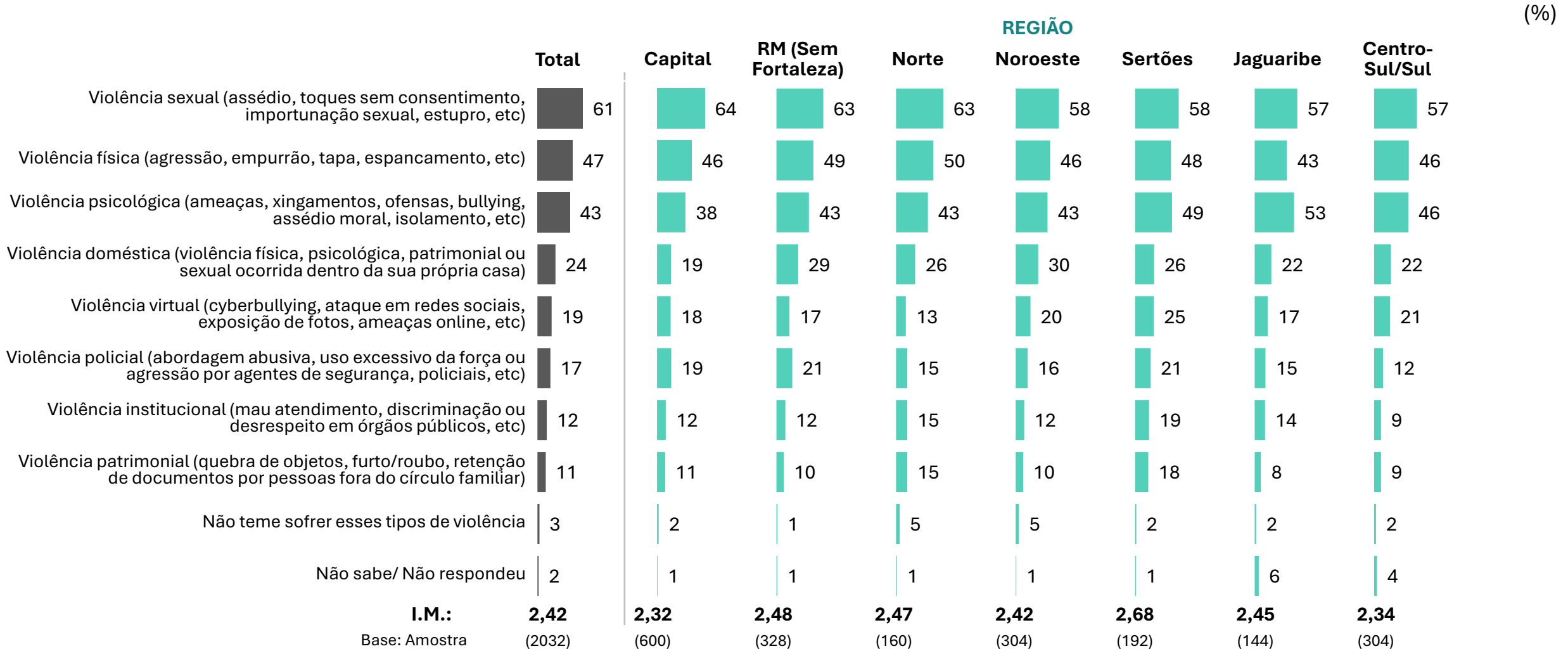
A estratificação econômica desenha contornos específicos: quanto maior é a renda familiar, maior é o temor das violências sexual e física.

(%)



P06. Quais desses tipos de violência você tem mais medo de sofrer? Mais algum? Algum outro? (RM)

O temor da violência sexual se sobressai entre as mulheres de todas as regiões. Embora os percentuais regionais não sejam estatisticamente distintos, o ranking por região apresenta algumas variações.

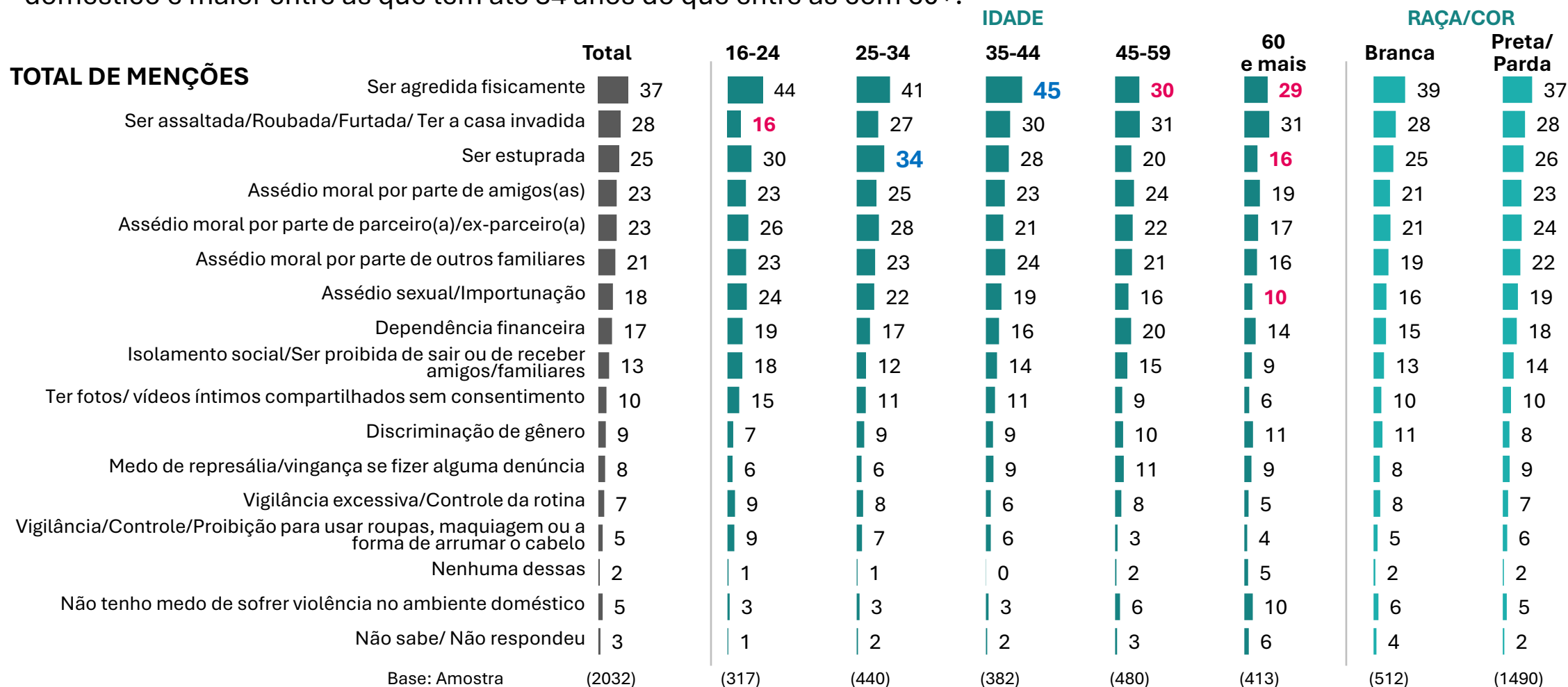


P06. Quais desses tipos de violência você tem mais medo de sofrer? Mais algum? Algum outro? (RM)

Medos no ambiente doméstico pelo fato de ser mulher

Embora o lar seja o espaço percebido como mais seguro dentre os avaliados na pesquisa, nesse ambiente a agressão física é a mais temida, sendo maior entre aquelas com até 44 anos na comparação com as que têm 45 ou mais. Figurando na segunda posição, o receio de assaltos se sobressai entre as idosas em comparação com as jovens. Em terceiro lugar, medo do estupro doméstico é maior entre as que têm até 34 anos do que entre as com 60+.

(%)



Base: Amostra (2032)

(317)

(440)

(382)

(480)

(413)

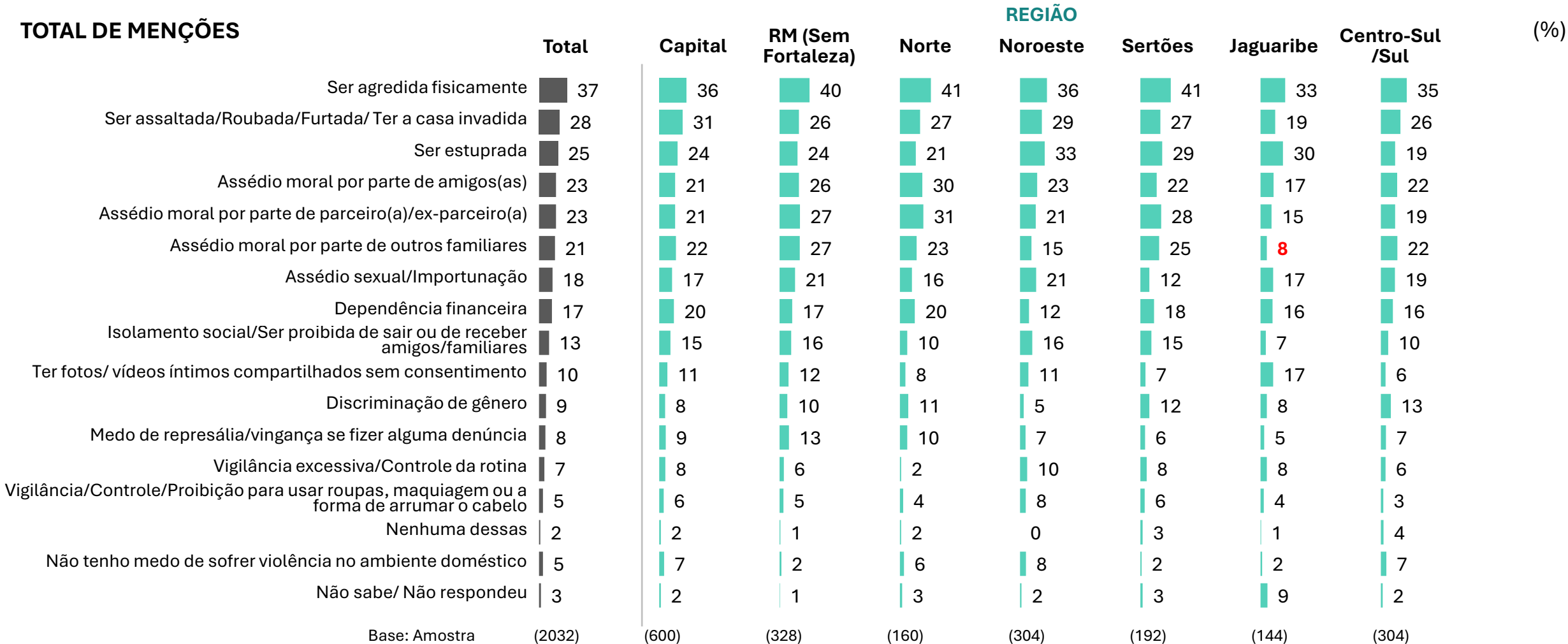
(512)

(1490)

P07. [DOMÉSTICO] Qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer por ser mulher no ambiente doméstico, ou seja, na sua casa, na casa de parentes ou de amigos? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no ambiente doméstico pelo fato de ser mulher

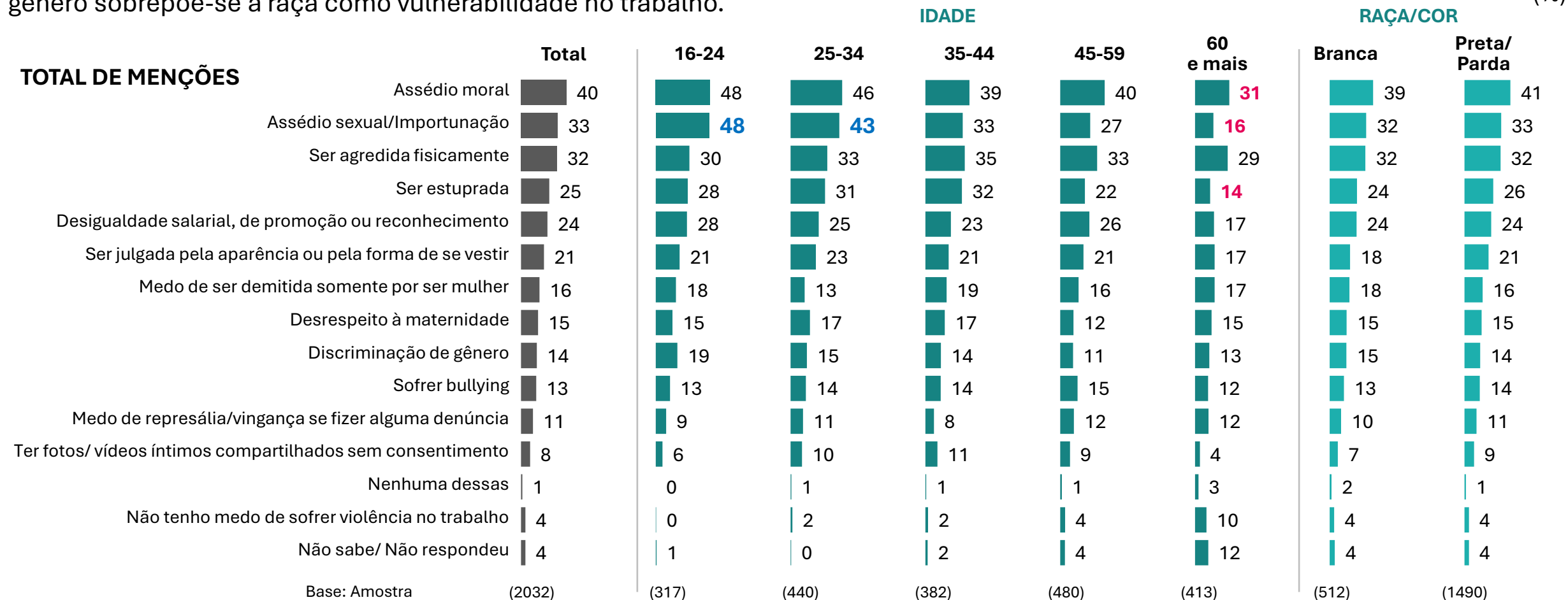
A violência doméstica manifesta-se diferentemente no território cearense. Embora a agressão física predomine em todas as regiões do estado, mesmo não apresentando diferença estatisticamente, Norte e Sertões registram os maiores índices. Peculiaridades regionais emergem quando se observa a diferença de posição das violências temidas no ranking.



P07. [DOMÉSTICO] Qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer por ser mulher no ambiente doméstico, ou seja, na sua casa, na casa de parentes ou de amigos? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no trabalho pelo fato de ser mulher

O assédio moral lidera o ranking dos tipos de violências temidas no ambiente do trabalho, seguido do assédio sexual e da agressão física, que figuram em patamar similar. As cearenses mais jovens se mostram mais vulneráveis: as de 16 a 34 anos temem mais o assédio moral e o estupro do que as mulheres de 60+. O receio do assédio sexual se sobressai entre as jovens e vai perdendo intensidade conforme aumenta a faixa etária. Não há diferenças entre brancas e pretas/pardas, indicando que gênero sobrepõe-se à raça como vulnerabilidade no trabalho.



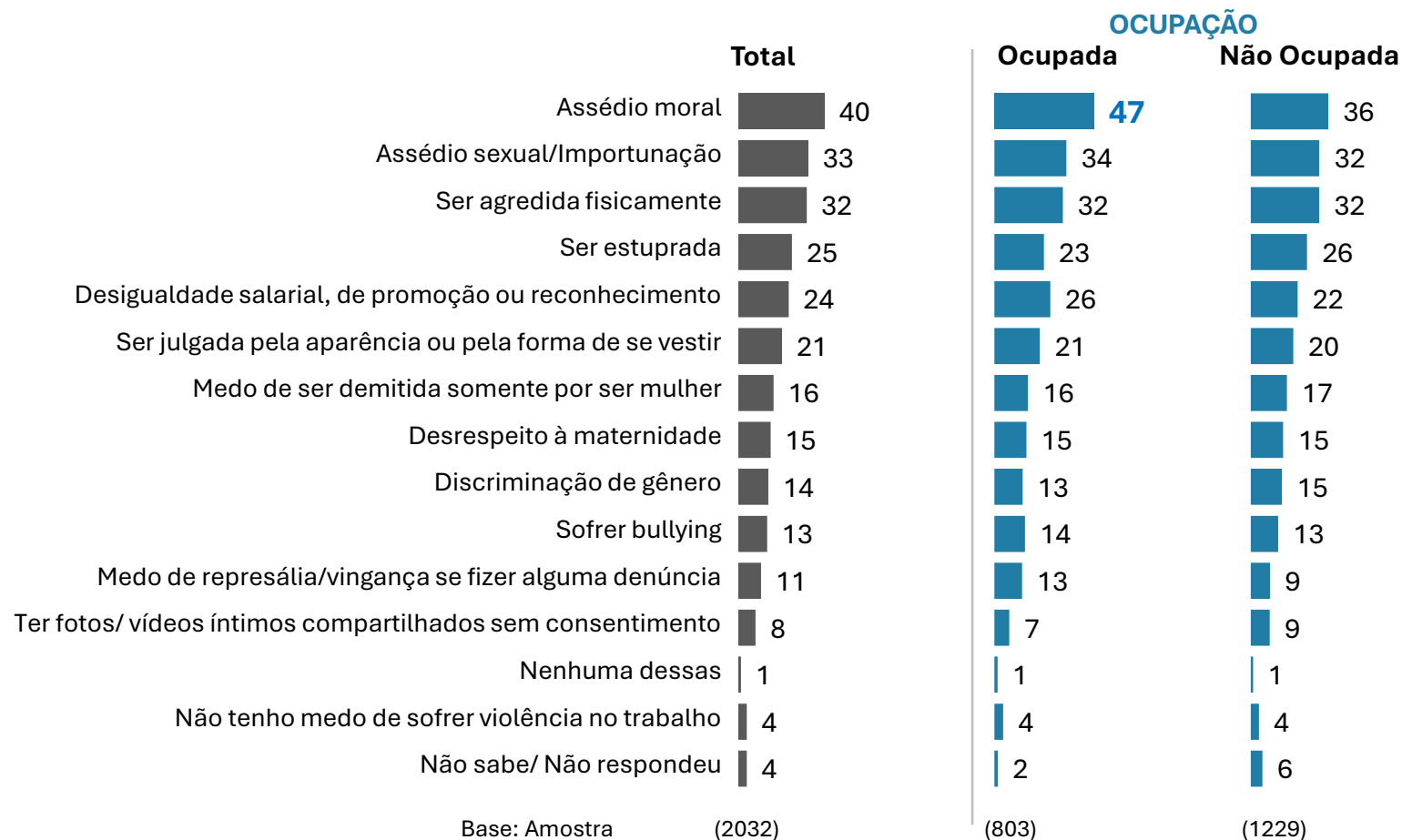
P08. [TRABALHO] Independentemente de estar trabalhando atualmente, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no trabalho por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no trabalho pelo fato de ser mulher

O receio do assédio moral permeia tanto mulheres que exercem uma ocupação quanto as que não estão ocupadas atualmente. Comparativamente, mulheres que têm uma atividade de trabalho temem mais assédio moral do que as que não têm uma ocupação. As demais violências pesquisadas aparecem de maneira homogênea entre esses segmentos.

(%)

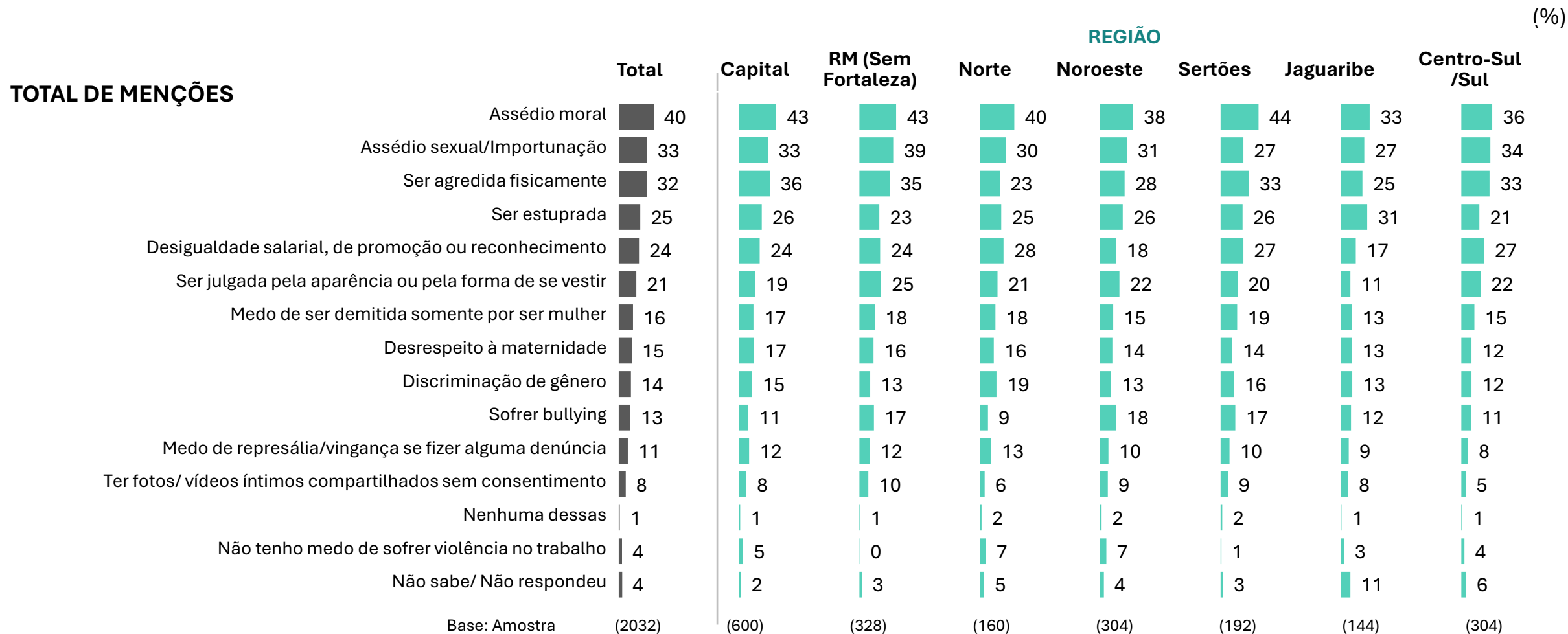
TOTAL DE MENÇÕES



P08. [TRABALHO] Independentemente de estar trabalhando atualmente, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no trabalho por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no trabalho pelo fato de ser mulher

O assédio moral mantém-se como o principal temor em todas as regiões. Apesar de não haver diferença estatística entre as regiões, na área dos Sertões observa-se o maior percentual. Mais uma vez as nuances regionais estão relacionadas com mudança na posição das violências temidas no ranking.

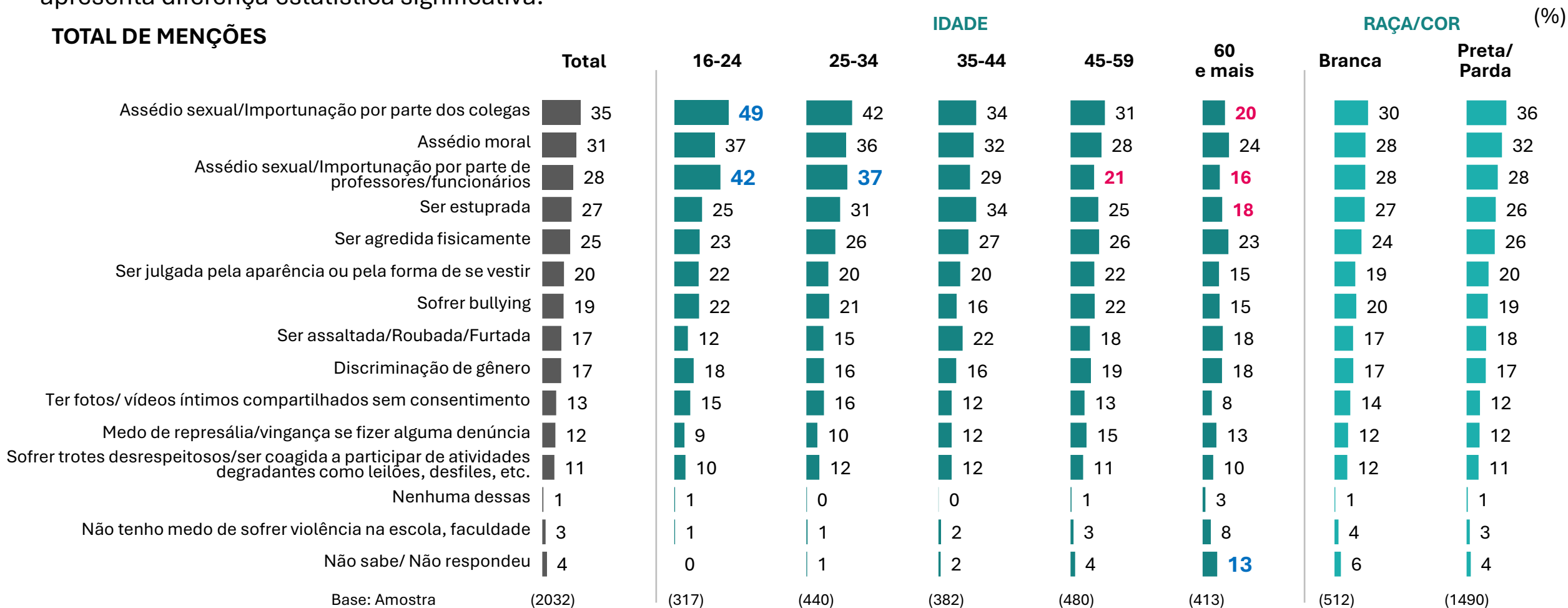


P08. [TRABALHO] Independentemente de estar trabalhando atualmente, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no trabalho por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no ambiente educacional pelo fato de ser mulher

O ambiente da educação emerge como espaço de vulnerabilidade às mulheres sobretudo nos aspectos relacionados à questão sexual (assédio e estupro) e assédio moral. O medo de algumas violências é mais expressivo entre as cearenses mais jovens, entre as quais o receio do assédio sexual, seja por colegas ou funcionários, se sobressai. A dimensão racial mais uma vez não apresenta diferença estatística significativa.

TOTAL DE MENÇÕES



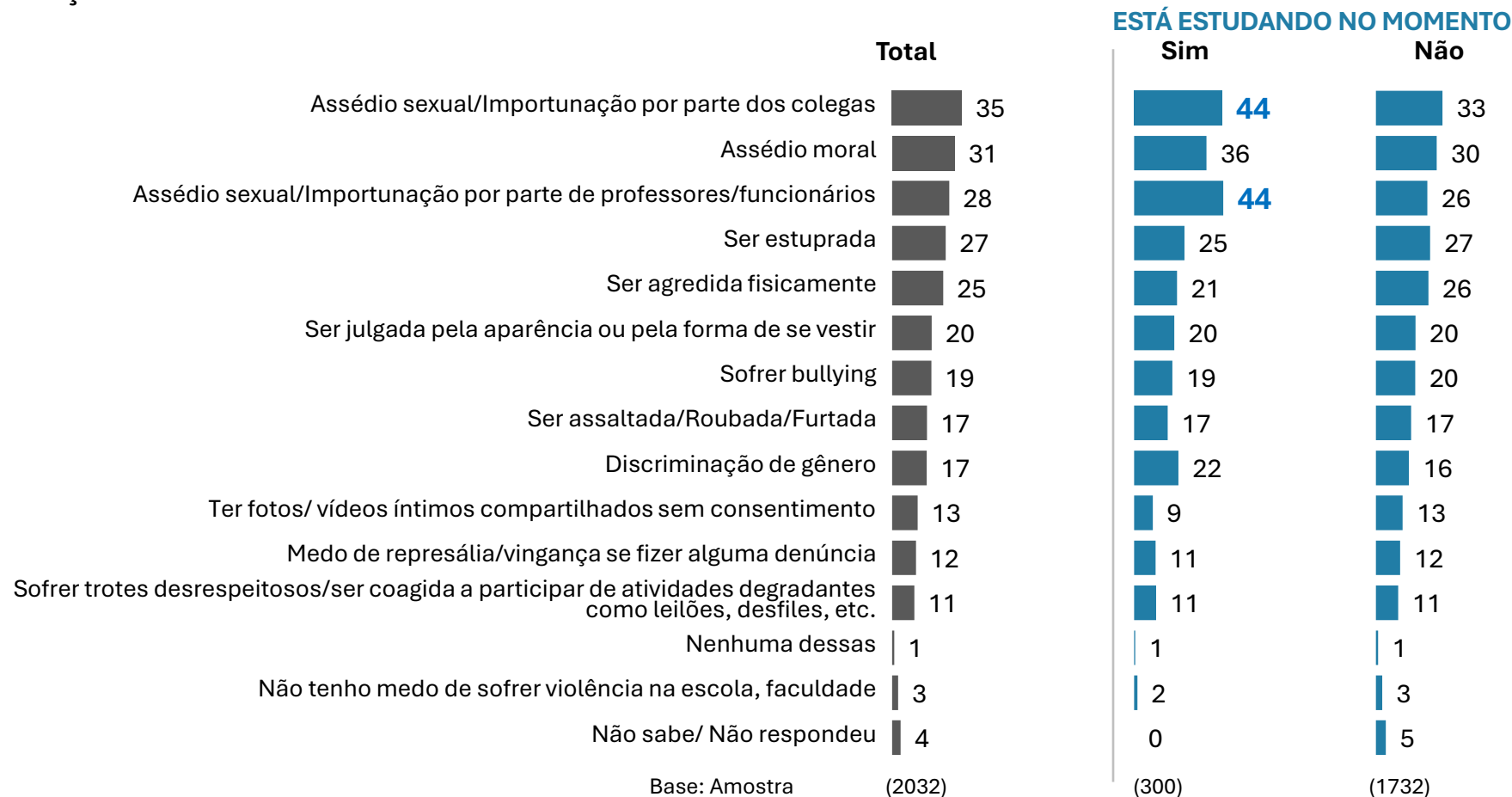
P09. [ESCOLA_FACULDADE] Independentemente de estar estudando atualmente, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer na escola, faculdade ou universidade por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no ambiente educacional pelo fato de ser mulher

Estudantes reportam mais medo de sofrer assédio sexual por parte dos funcionários ou colegas nas instituições de ensino do que o observado tanto no total da amostra quanto entre as cearenses não estudantes.

TOTAL DE MENÇÕES

(%)

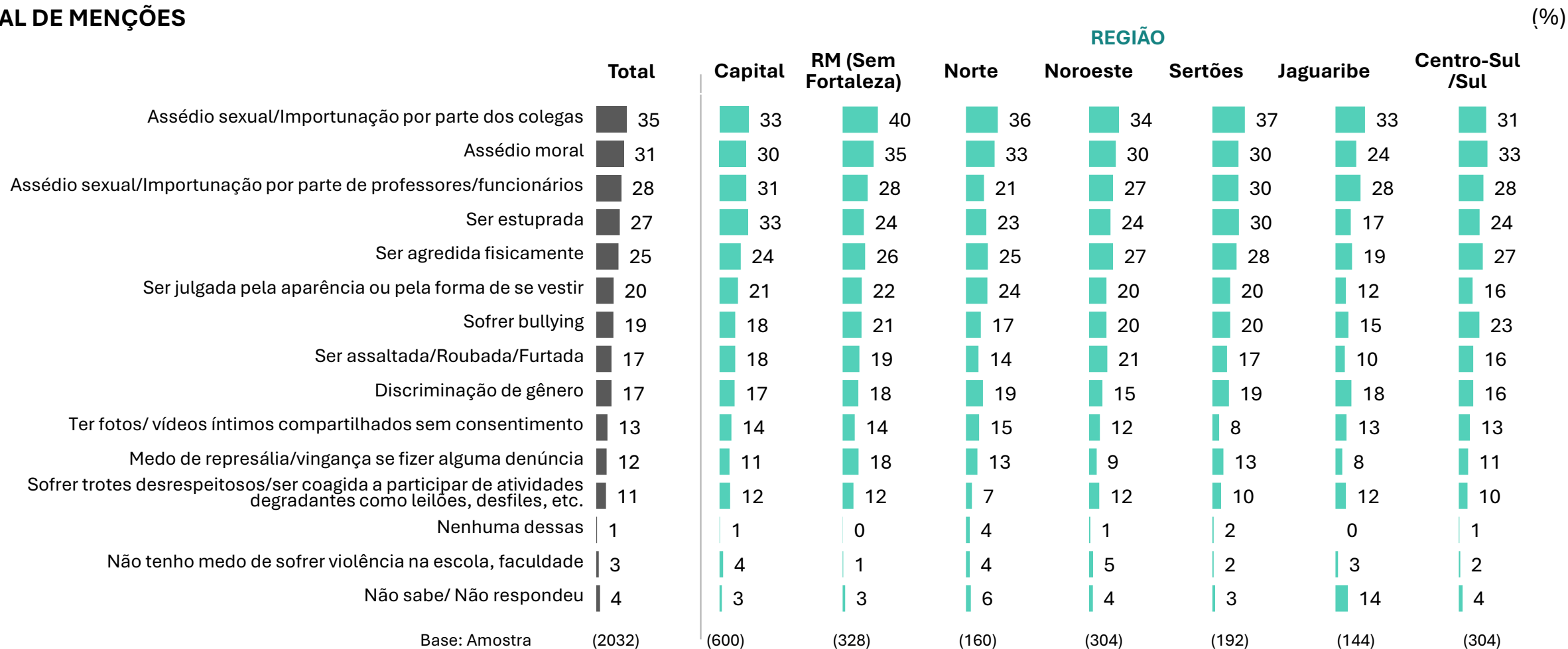


P09. [ESCOLA_FACULDADE] Independentemente de estar estudando atualmente, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer na escola, faculdade ou universidade por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no ambiente educacional pelo fato de ser mulher

O assédio sexual por colegas mantém-se como temor predominante em todas as regiões; as variações regionais mais uma vez podem ser compreendidas pela diferença no ranking das demais violências temidas no ambiente das instituições de ensino.

TOTAL DE MENÇÕES



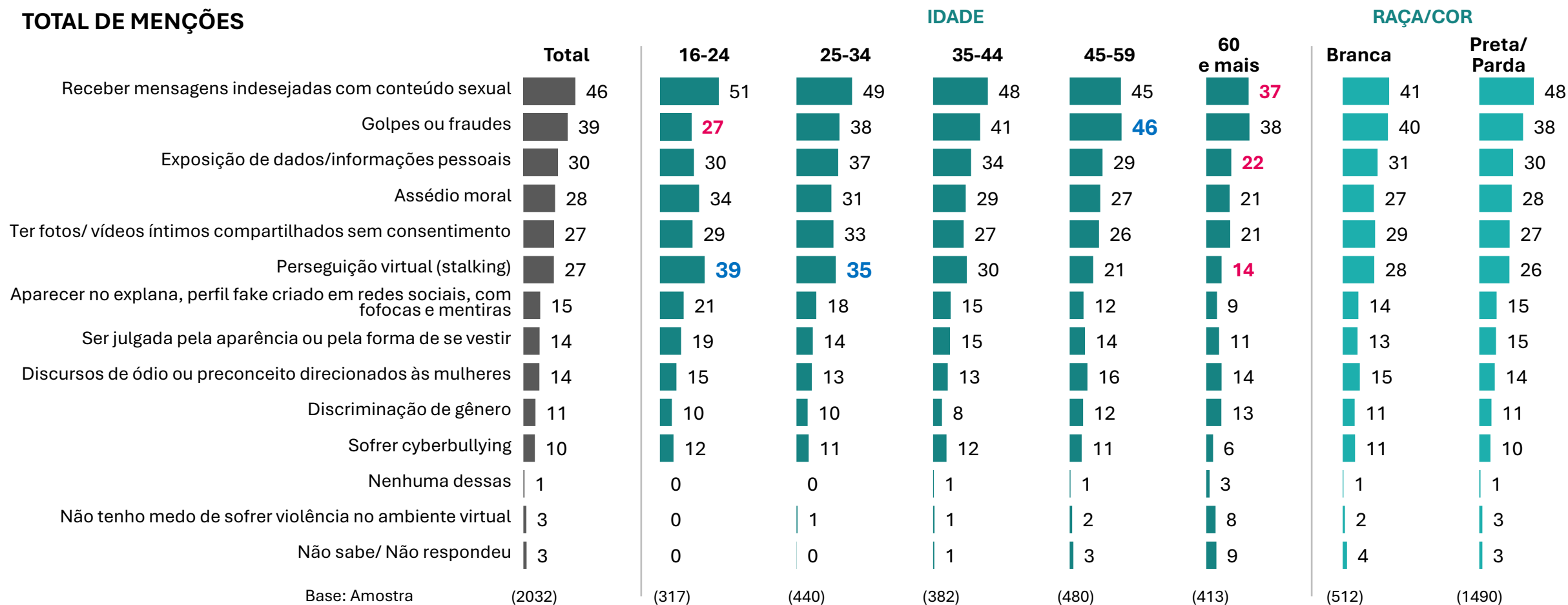
P09. [ESCOLA_FACULDADE] Independentemente de estar estudando atualmente, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer na escola, faculdade ou universidade por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no ambiente virtual pelo fato de ser mulher

A violência digital que mais amedronta as cearenses é o recebimento de mensagens sexuais indesejadas. Porém, esta situação não figura na primeira posição entre as mulheres com 45+. Entre elas, golpes e fraudes são os mais citados, ainda que em patamar muito similar ao das mensagens sexuais indesejadas. Perseguição virtual preocupa mais as mulheres de 16 a 34 anos do que as com 45+. Não há diferenças estatisticamente significativas pelo recorte de raça/cor, apenas ligeiras variações.

(%)

TOTAL DE MENÇÕES

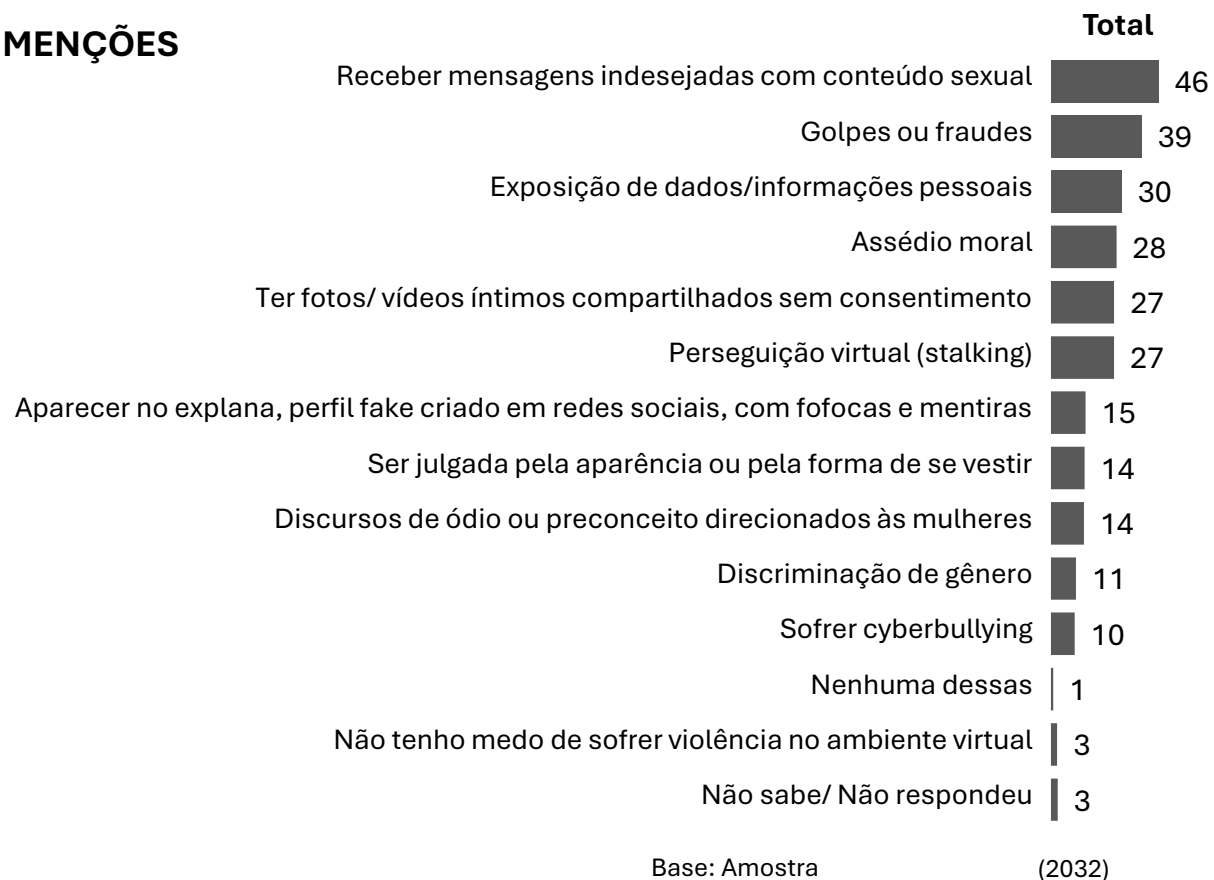


P10. [VIRTUAL] Independentemente de ter perfil ou usar redes sociais ou Whatsapp, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no ambiente virtual por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no ambiente virtual pelo fato de ser mulher

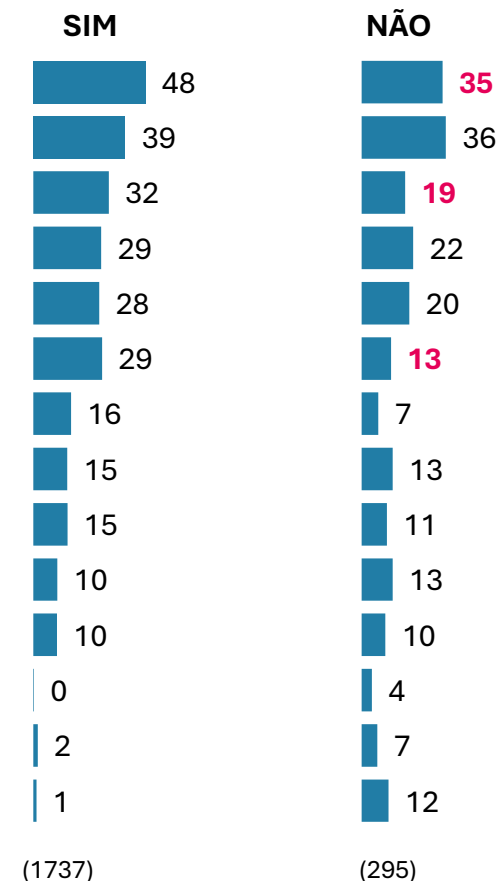
A proximidade tecnológica molda a percepção das cearenses; usuárias de redes sociais percebem mais ameaças do que as não usuárias e há diferenças estatísticas em relação ao medo de receber mensagens com conteúdo sexual, exposição de dados pessoais, *stalking* e criação de perfis fake (explana).

TOTAL DE MENÇÕES



TEM PERFIS EM REDES SOCIAIS OU USA O WHATSAPP

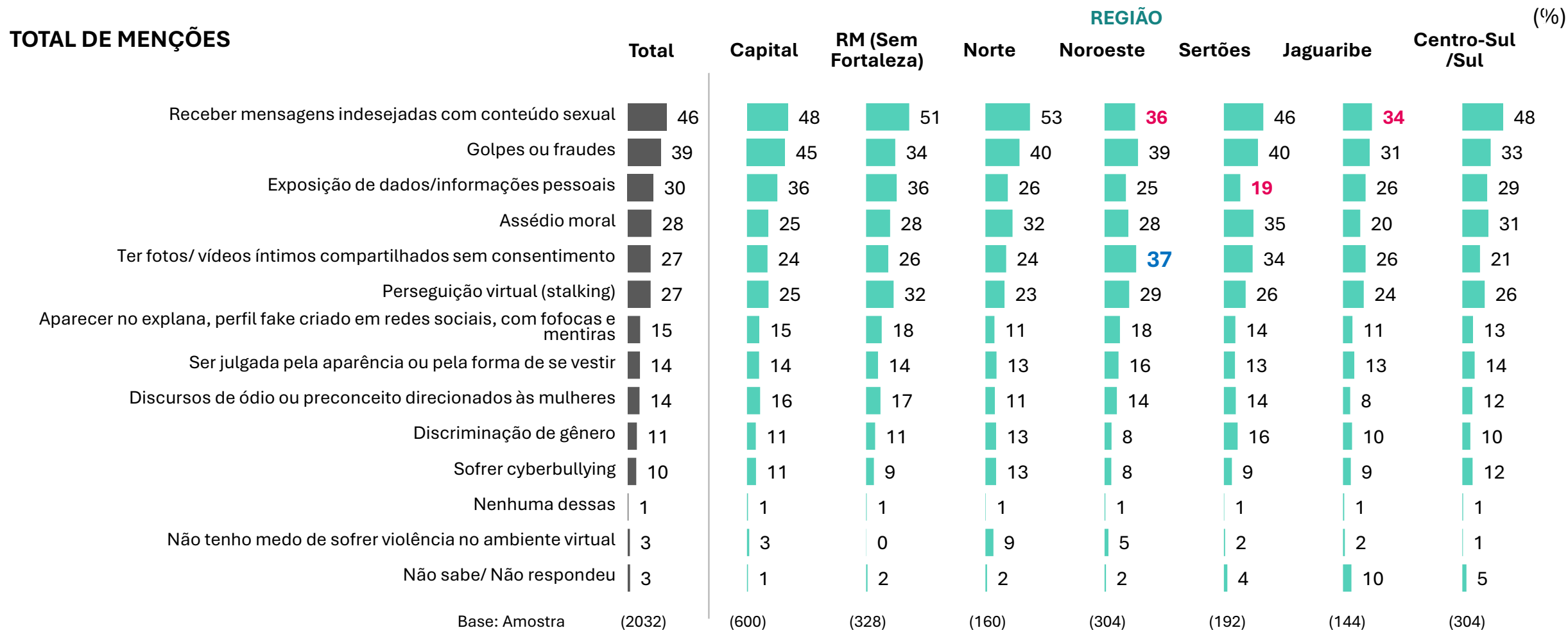
(%)



P10. [VIRTUAL] Independentemente de ter perfil ou usar redes sociais ou Whatsapp, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no ambiente virtual por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no ambiente virtual pelo fato de ser mulher

O ranking das situações que geram medo da violência virtual varia por região. Mensagens sexuais indesejadas mantêm hegemonia, com exceção da região Noroeste, onde o principal receio são os golpes e fraudes. Neste local, *revenge porn* se destaca na comparação com a amostra total.



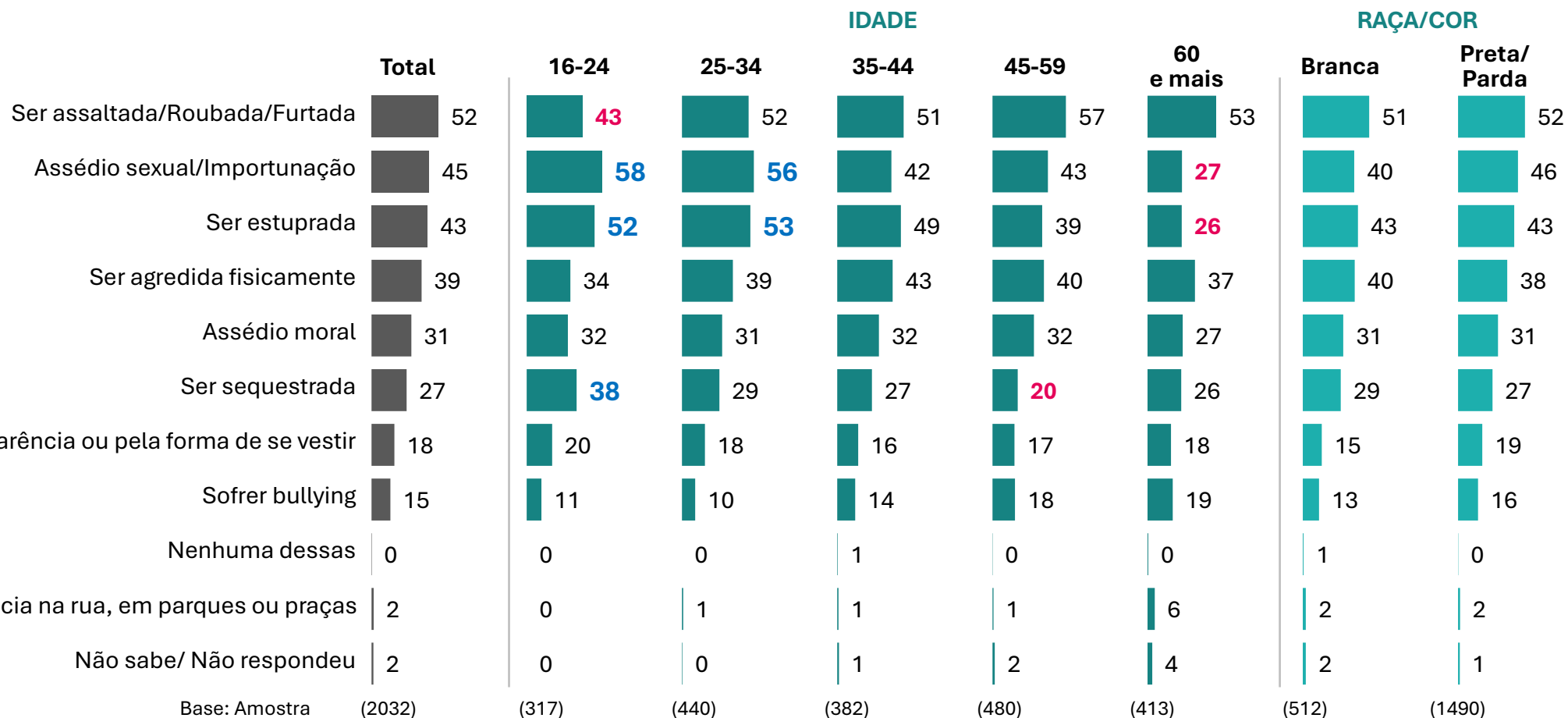
P10. [VIRTUAL] Independentemente de ter perfil ou usar redes sociais ou Whatsapp, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no ambiente virtual por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos nos espaços públicos pelo fato de ser mulher

Ser assaltada, roubada ou furtada é a situação de violência mais temida quando estão na rua, parques ou praças. Em seguida aparecem o medo de sofrer assédio sexual e o de ser estuprada, situações que se sobrepõem ao assalto entre as cearenses com até 34 anos. Em termos raciais, há diferença sensível, mas não estatisticamente significativa: mulheres pretas/pardas temem mais o assédio sexual do que as brancas.

(%)

TOTAL DE MENÇÕES

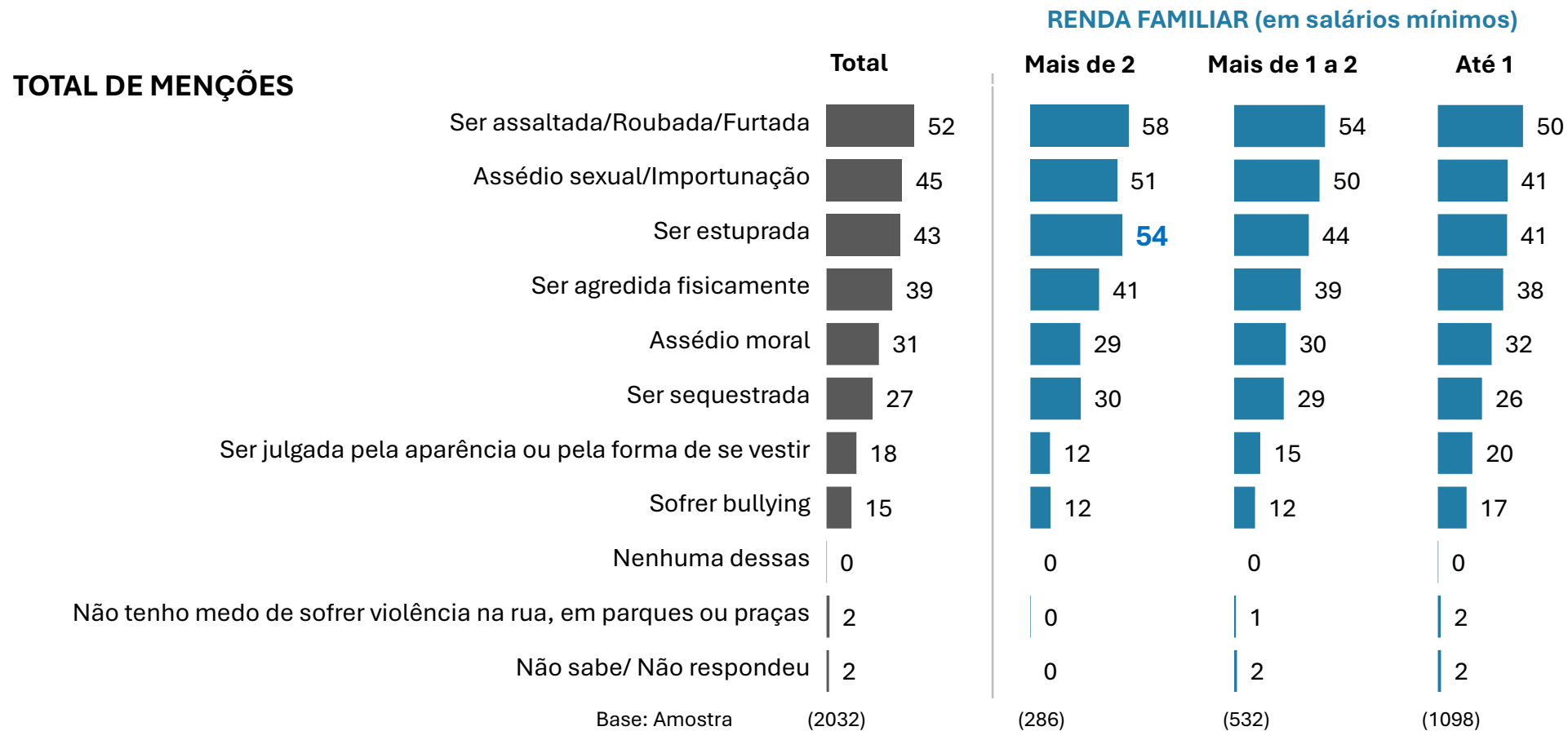


P11. [RUA_PARQUES_PRAÇAS] Qual dessas situações de violência você mais tem medo de sofrer na rua, em parques ou praças por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU)

Medos nos espaços públicos pelo fato de ser mulher

A renda familiar molda diferentemente alguns medos nos espaços públicos: mulheres de maior renda temem mais o assédio sexual e o estupro do que as menos favorecidas economicamente.

(%)



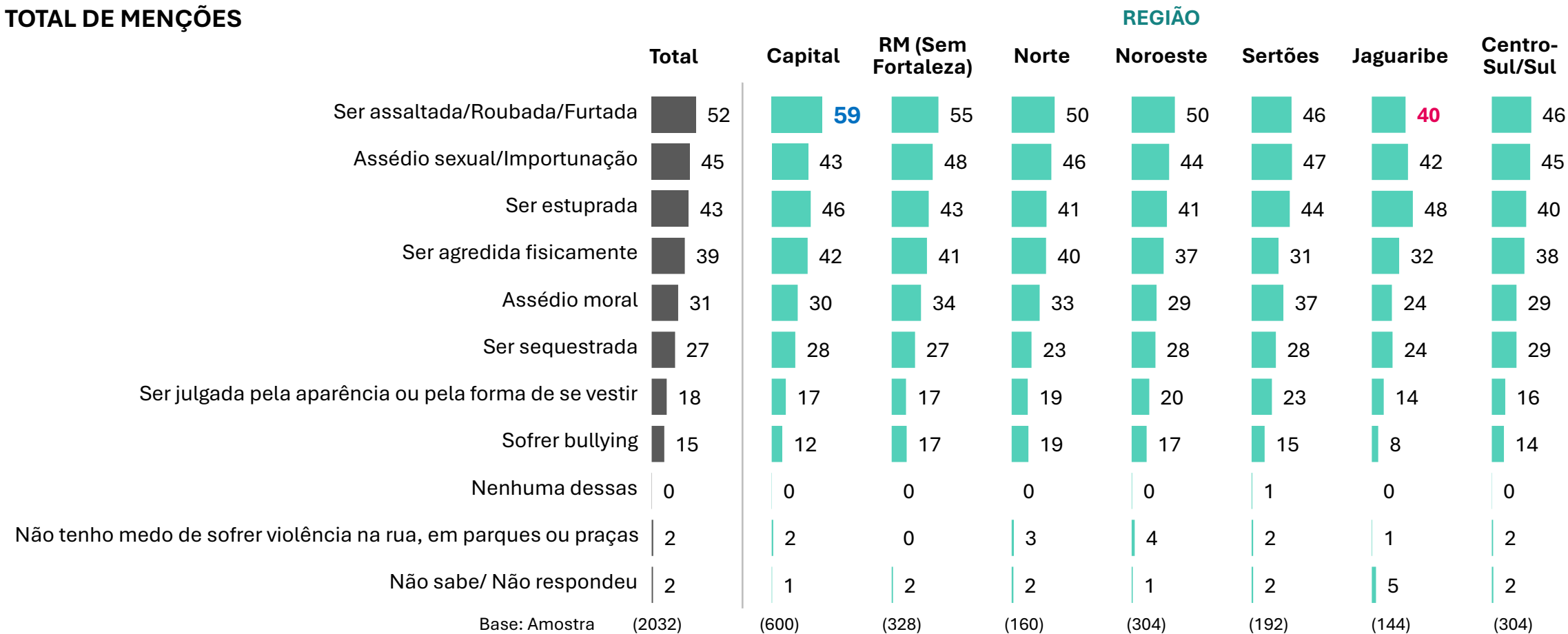
P11. [RUA_PARQUES_PRAÇAS] Qual dessas situações de violência você mais tem medo de sofrer na rua, em parques ou praças por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU)

Medos nos espaços públicos pelo fato de ser mulher

Ser assaltada/roubada/furtada mantém-se como principal receio em quase todas as regiões, especialmente na Capital. As exceções são as regiões Sertões, onde o assédio sexual ocupa a primeira posição, e Jaguaribe, em que o medo do estupro lidera.

(%)

TOTAL DE MENÇÕES



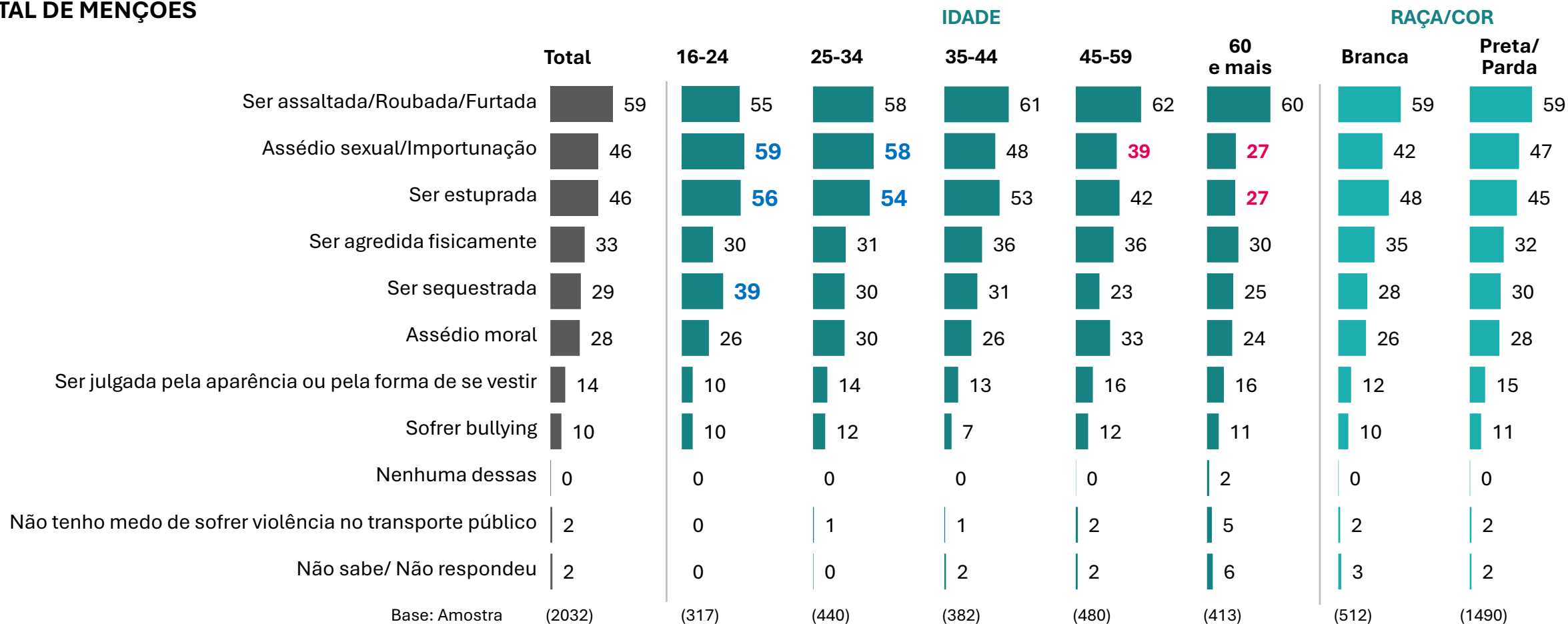
P11. [RUA_PARQUES_PRAÇAS] Qual dessas situações de violência você mais tem medo de sofrer na rua, em parques ou praças por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU)

Medos no transporte público pelo fato de ser mulher

Assim como nos espaços públicos, a principal angústia no transporte ou durante a sua espera é a de serem assaltadas. Há distinções geracionais: assédio sexual e estupro se destacam entre as cearenses com até 34 anos e as menções decrescem quanto maior é a faixa etária. Entre aquelas com 16 a 24 anos, o medo de sequestro é mais acentuado que na média geral e na comparação com as que tem 60+.

(%)

TOTAL DE MENÇÕES



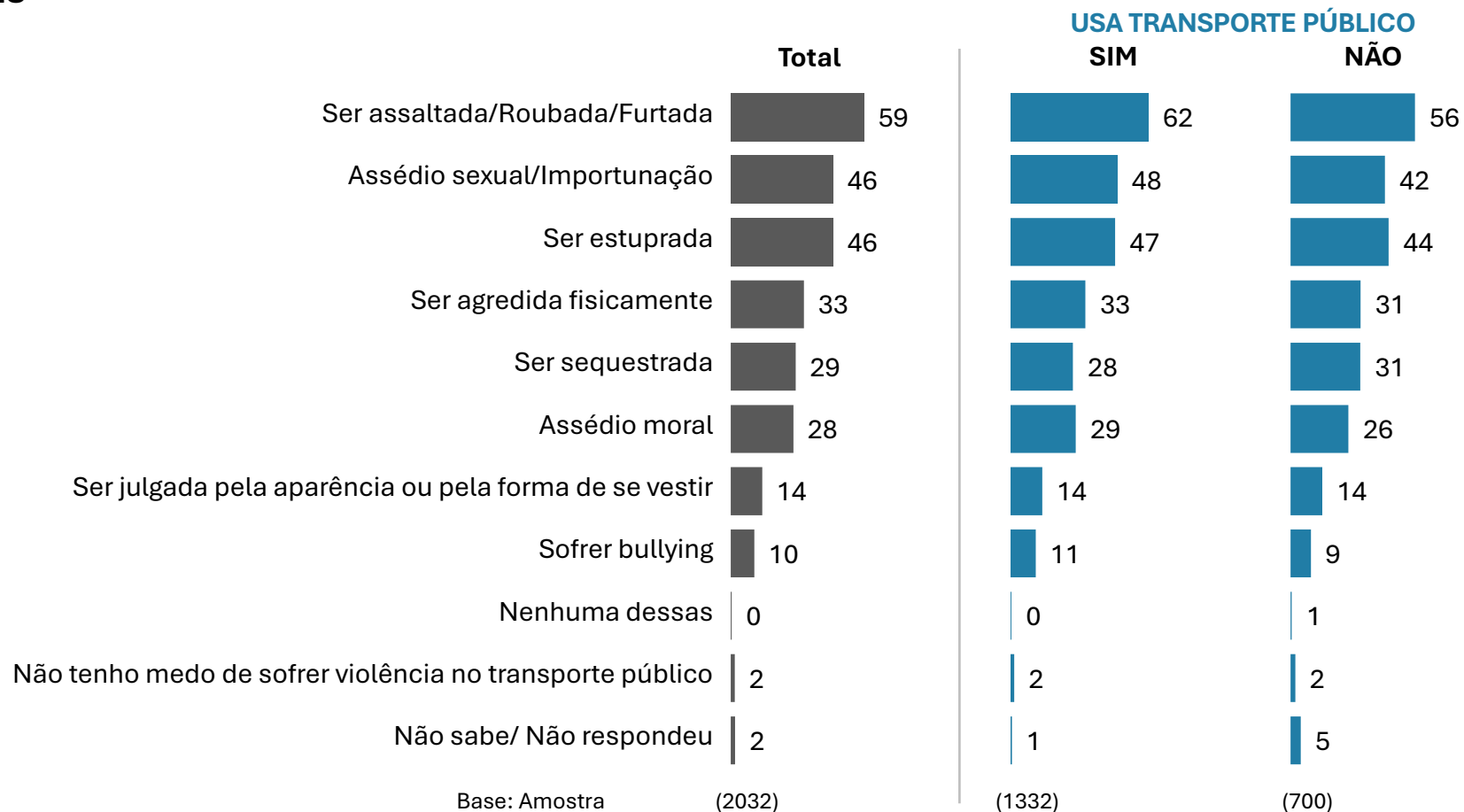
P12. [TRANSPORTE PÚBLICO] Independentemente de usar transporte público, qual dessas situações de violência você mais tem medo de sofrer dentro do transporte público ou enquanto aguarda pelo transporte público por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no transporte público pelo fato de ser mulher

A experiência direta com o transporte público não apresenta diferenças estatísticas, mas a ordem do ranking de usuárias e não usuárias deste meio de deslocamento sofre pequenas mudanças.

TOTAL DE MENÇÕES

(%)



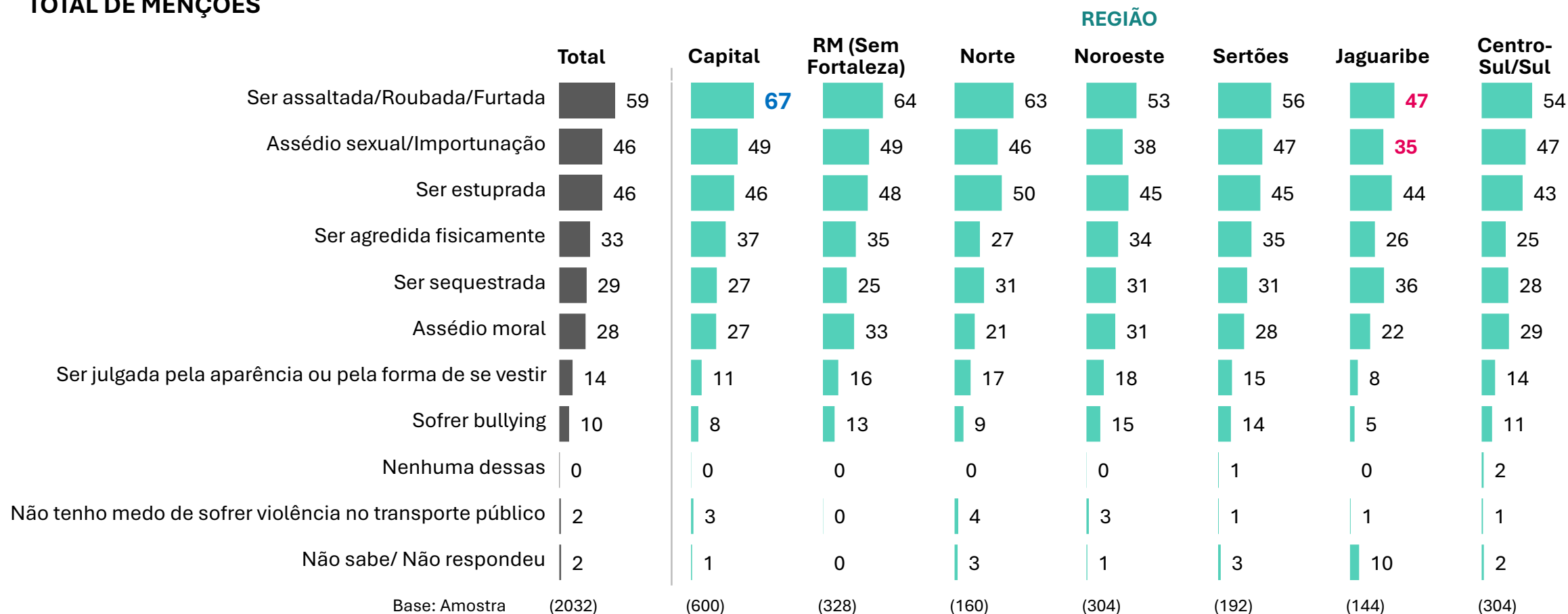
P12. [TRANSPORTE PÚBLICO] Independentemente de usar transporte público, qual dessas situações de violência você mais tem medo de sofrer dentro do transporte público ou enquanto aguarda pelo transporte público por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no transporte público pelo fato de ser mulher

Ser assaltada/roubada/furtada mantém-se em todas as regiões como principal receio no transporte, mas com variações: na Capital observa-se o maior percentual de menções, enquanto em Jaguaribe o menor, onde também é menor as menções ao assédio sexual. Além disso, o ranking dos medos no transporte público varia por território.

(%)

TOTAL DE MENÇÕES

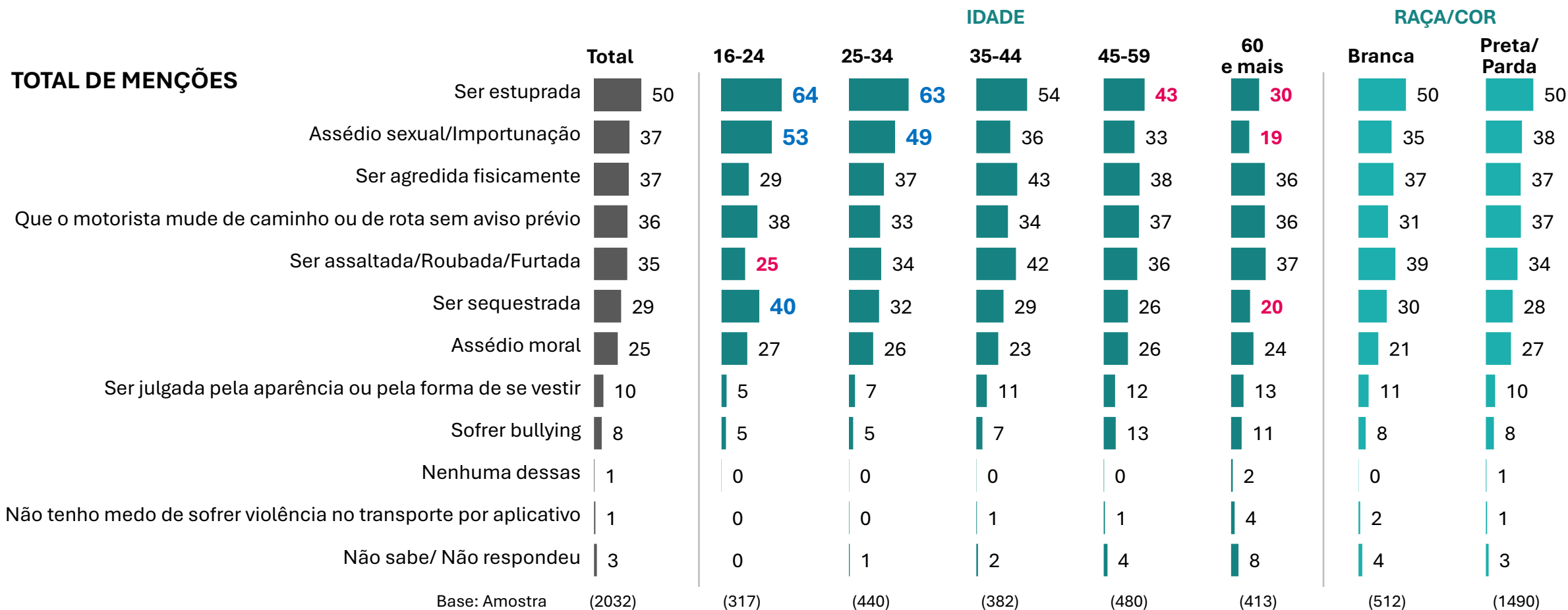


P12. [TRANSPORTE PÚBLICO] Independentemente de usar transporte público, qual dessas situações de violência você mais tem medo de sofrer dentro do transporte público ou enquanto aguarda pelo transporte público por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no transporte por aplicativo pelo fato de ser mulher

Para metade das cearenses o estupro é a violência mais temida no transporte por aplicativo. O receio das violências envolvendo esse meio apresenta padrões distintos na ordem do ranking por faixa etária. Além disso, mulheres com até 34 anos demonstram maior preocupação com estupro e assédio sexual do que aquelas com 35 ou mais; Já o medo de assaltos e roubos é mais elevado entre as que têm acima de 34 anos, na comparação com as de 16 a 24 anos. Por raça/cor, nota-se diferenciação na ordem do ranking.

(%)



P13. [TRANSPORTE POR APLICATIVO] Independentemente de usar transporte individual por aplicativo, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no transporte individual por aplicativo (Uber, 99, táxi, etc) por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no transporte por aplicativo pelo fato de ser mulher

A experiência direta com transporte por aplicativo influencia as percepções, especialmente em relação ao estupro: o medo de vivenciar esta violência persiste como o temor predominante em ambos os grupos, mas é estatisticamente maior entre as que utilizam este meio de transporte. O ranking de não usuárias apresenta algumas distinções nas posições.

(%)



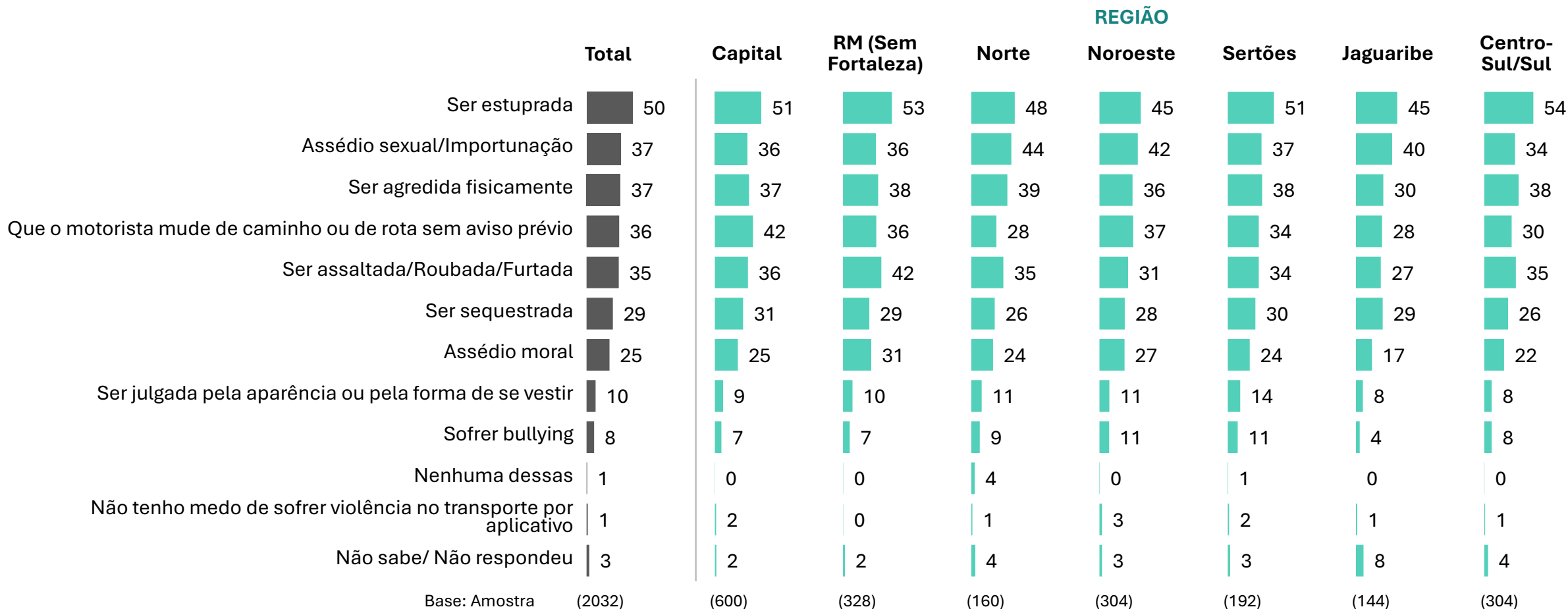
P13. [TRANSPORTE POR APLICATIVO] Independentemente de usar transporte individual por aplicativo, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no transporte individual por aplicativo (Uber, 99, taxi, etc) por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Medos no transporte por aplicativo pelo fato de ser mulher

O receio do estupro figura em primeiro lugar em todas as regiões, atingindo o maior percentual na região Centro-Sul/Sul. Embora não se observem diferenças estatisticamente significativas, as particularidades regionais são notadas a partir da distinções da ordem do ranking.

TOTAL DE MENÇÕES

(%)



P13. [TRANSPORTE POR APLICATIVO] Independentemente de usar transporte individual por aplicativo, qual dessas situações de violência você tem mais medo de sofrer no transporte individual por aplicativo (Uber, 99, táxi, etc) por ser mulher? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)



51%
já sofreram
algum tipo
de violência

Uma em cada duas mulheres no Ceará já sofreu algum tipo de violência, sendo a agressão psicológica a mais apontada.



28%

Violência Psicológica (ameaças, xingamentos, ofensas, bullying, assédio moral, isolamento, etc)



16%

Violência Física
(agressão, empurrão, tapa, espancamento, etc)



15%

Violência Sexual (assédio, toques sem consentimento, importunação sexual, estupro, etc)



11%

Violência Doméstica
(violência física, psicológica, patrimonial ou sexual ocorrida dentro da sua própria casa, no ambiente doméstico/familiar)



9%

Violência Virtual
(cyberbullying, ataque em redes sociais, exposição de fotos, ameaças online ou recebimento de nudes sem consentimento)



8%

Violência Institucional
(mau atendimento, discriminação ou desrespeito em órgãos públicos, como as delegacias gerais, etc)



6%

Violência Patrimonial
(quebra de objetos, furto/roubo, retenção de documentos por pessoas fora de suas relações íntimas/familiares)



3%

Violência Policial
(abordagem abusiva, uso excessivo da força ou agressão por agentes de segurança, policiais, etc)



48%

Não sofreram nenhum desses tipos de violência

I.M.: 1,46

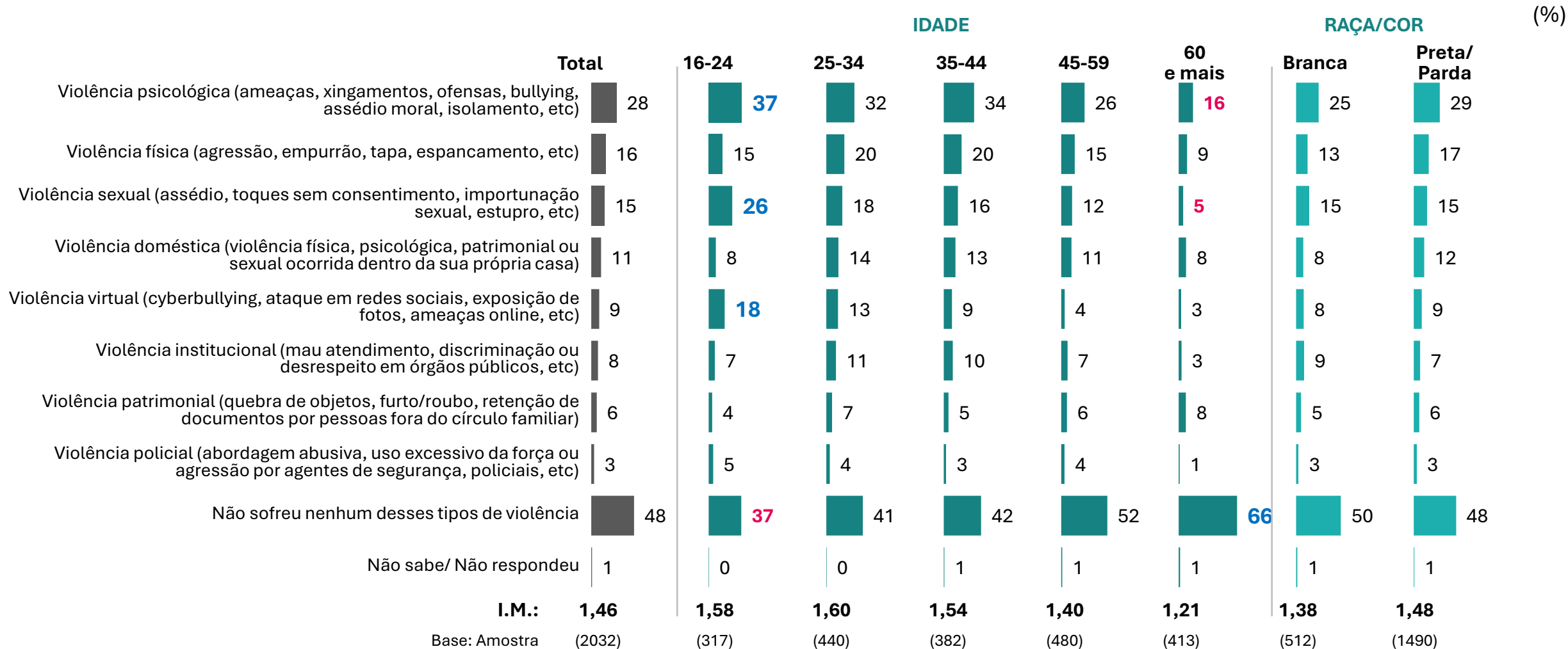
1% - NS/NR

Base Amostra (2032)

P21. Você já sofreu algum desses tipos de violência? Mais algum? Algum outro? (RM)

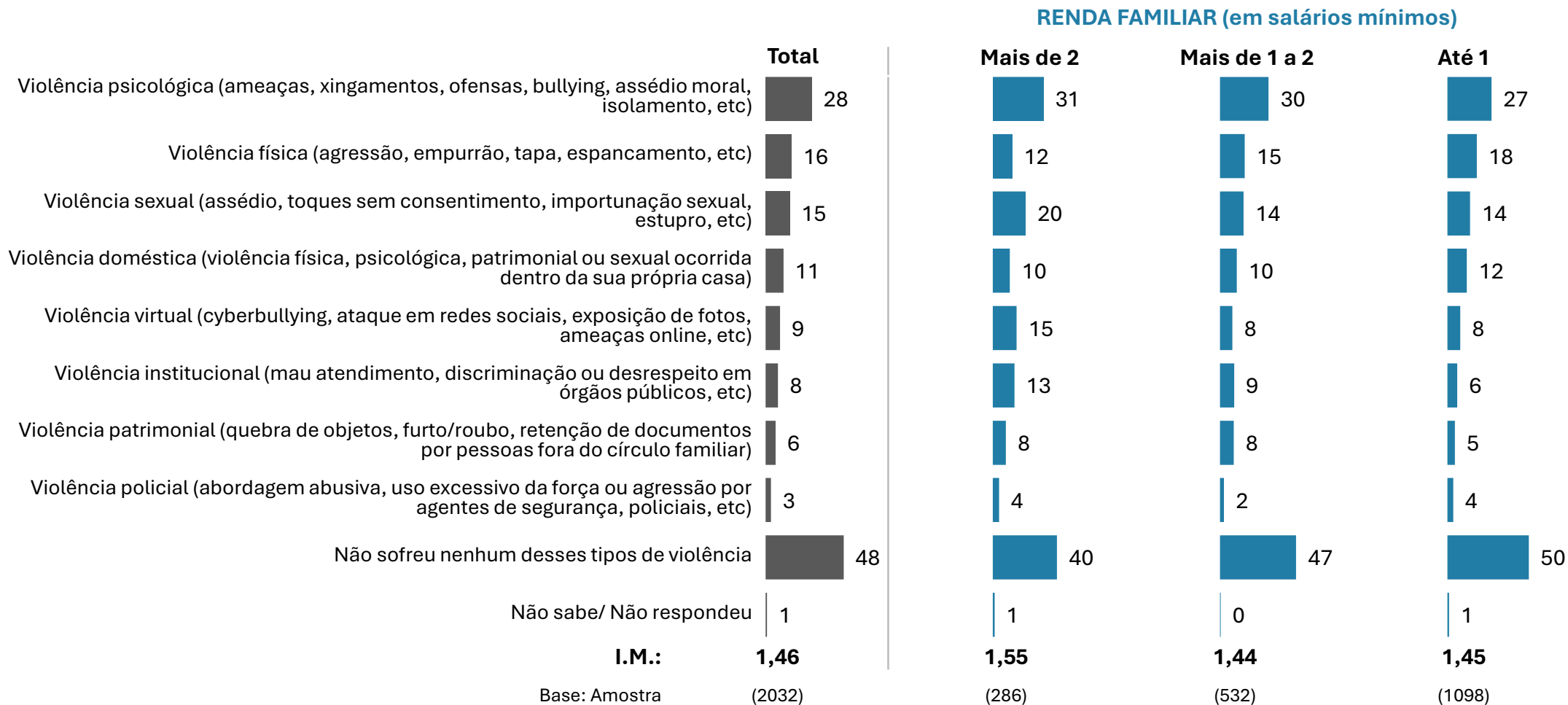
© Ipsos | Projeto Elas - CE | Outubro 2025 | Estritamente Confidencial

A experiência de sofrer violência é mais expressiva entre as mulheres com até 44 anos na comparação com as que têm 45+. A violência psicológica é a mais prevalente em todas as faixas etárias, sendo maior na de 16 a 24 anos e menor entre as cearenses com 60+; a violência sexual apresenta um comportamento semelhante, afetando de forma mais intensa as mais jovens, assim como a violência virtual.

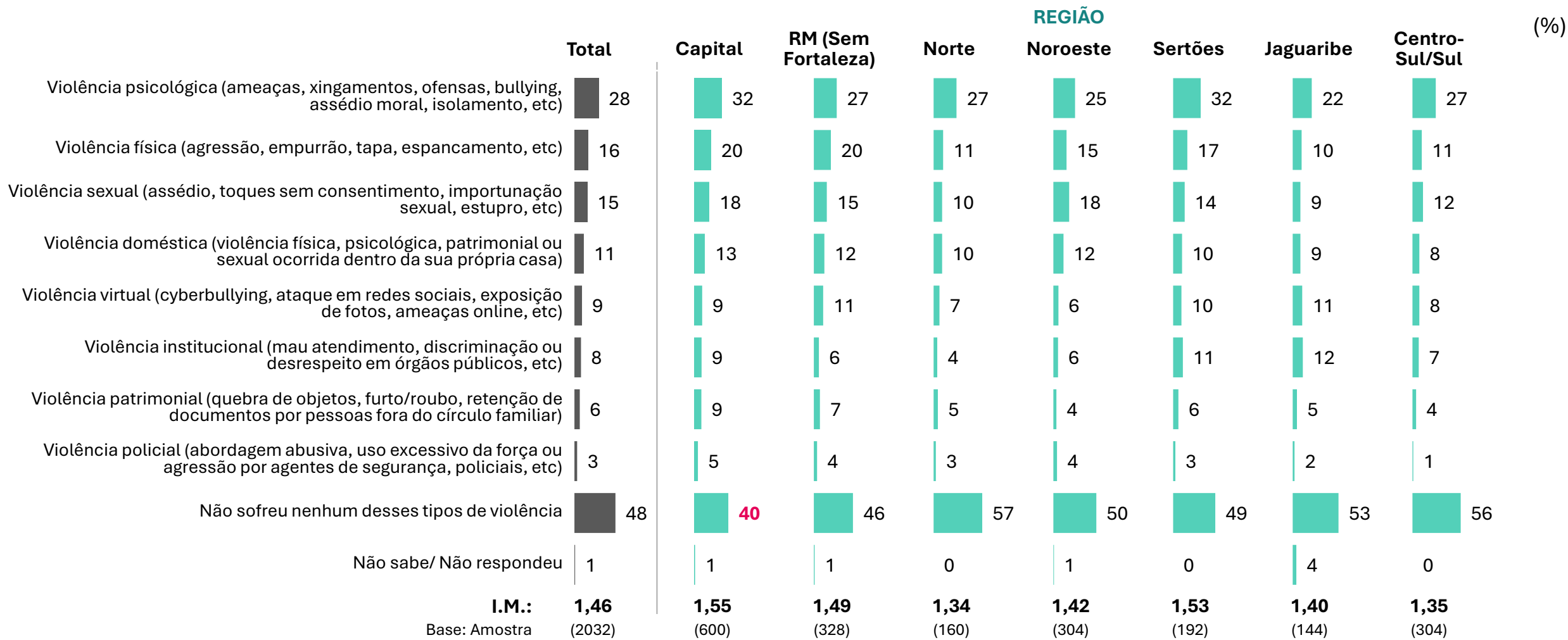


A estratificação econômica da vitimização revela que mulheres com maior renda familiar vivenciaram mais os tipos de violência pesquisados do que aquelas com menor renda. Contudo, as diferenças encontradas em cada uma das situações não são estatisticamente expressivas, e reforçam que o capital econômico não é um escudo contra a violência de gênero.

(%)

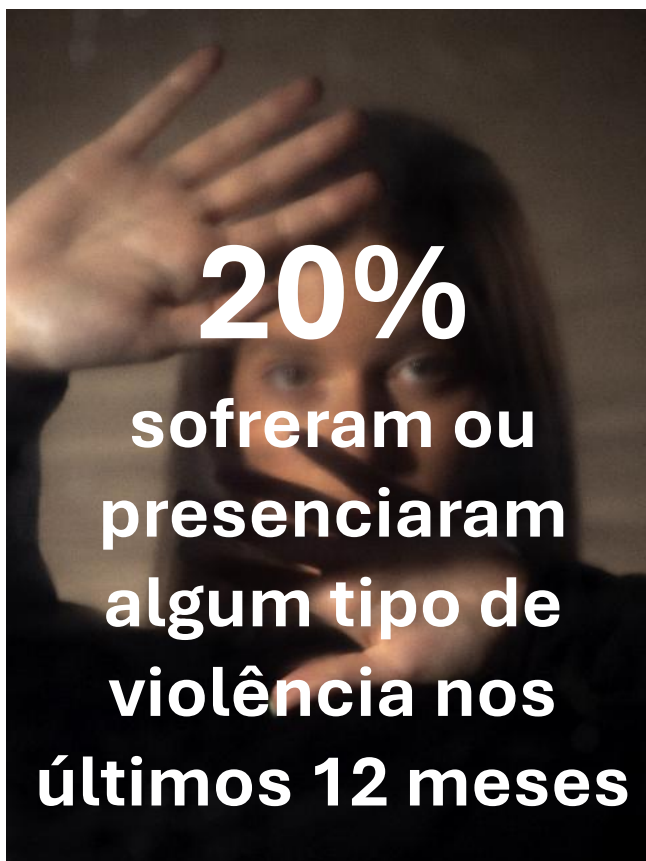


No recorte regional, é na Capital onde se encontra a maior parcela de mulheres que já sofreram algum tipo de violência, enquanto no Norte é possível observar a menor proporção. A violência psicológica é a mais apontada em todas as localidades.



P21. Você já sofreu algum desses tipos de violência? Mais algum? Algum outro? (RM)

Uma em cada cinco mulheres no Ceará sofreu ou presenciou violência nos últimos 12 meses. Jovens de 16 a 24 anos são as mais vulneráveis, com cerca de uma em cada três expostas à violência, índice similar ao das mulheres com renda familiar superior a 2 salários mínimos.



% Sofreu/presenciou algum tipo de violência nos últimos 12 meses

Por perfil

IDADE

16 a 24	31%
25 a 34	26%
35 a 44	22%
45-59	15%
60 e mais	11%

RAÇA/COR

Branca	20%
Preta/ Parda	20%

RENDA

Mais de 2 SM	33%
Mais de 1 a 2 SM	20%
Até 1 SM	17%

REGIÃO

Capital	25%
RM (Sem Fortaleza)	21%
Norte	14%
Noroeste	14%
Sertões	23%
Jaguaribe	18%
Centro-Sul/Sul	18%

Base Amostra: (2032) | 16-24 (317) | 25-34 (440) | 35-44 (382) | 45-59 (480) | 60 + (413) | Branca(512) | Preta/ Parda (1490) | Mais de 2 (286) | Mais de 1 a 2 (532) | Até 1 (1098) | Capital (600) | RM (Fortaleza) (328) | Norte (160) | Noroeste (304) | Sertões (192) | Jaguaribe (144) | Centro-Sul/Sul (304)

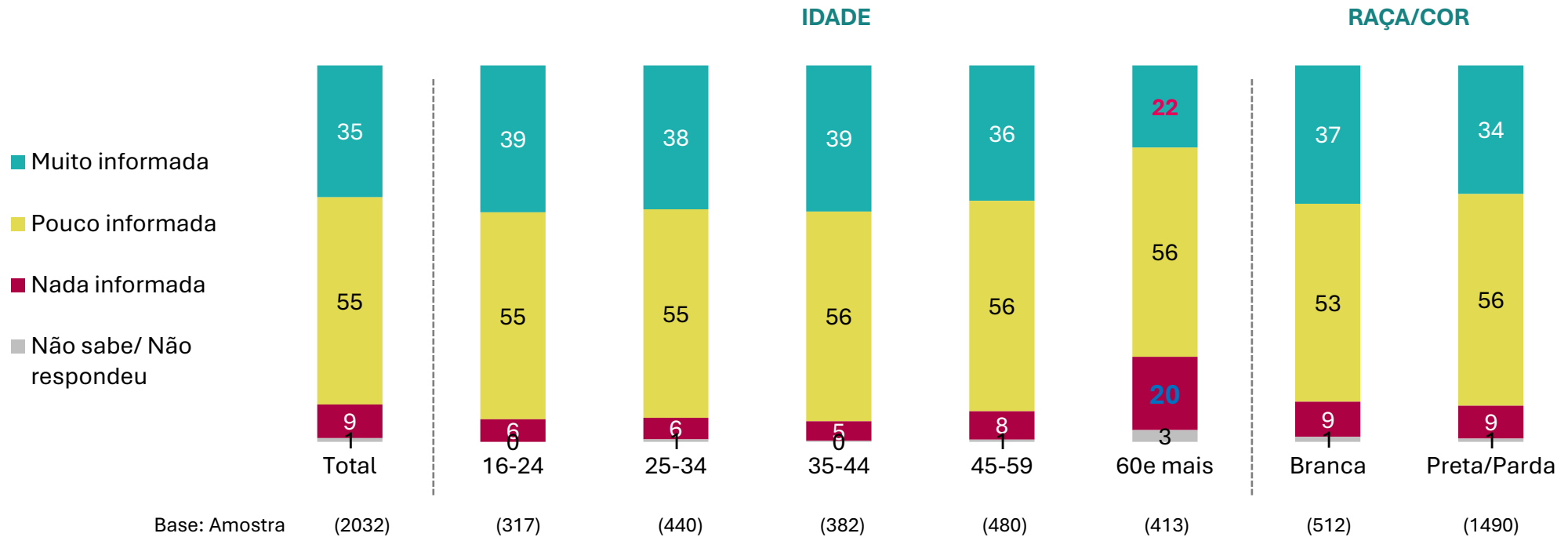
P22. Você sofreu ou presenciou algum tipo de violência nos últimos 12 meses? (RU)

DENÚNCIAS E REDE DE APOIO ÀS MULHERES

05

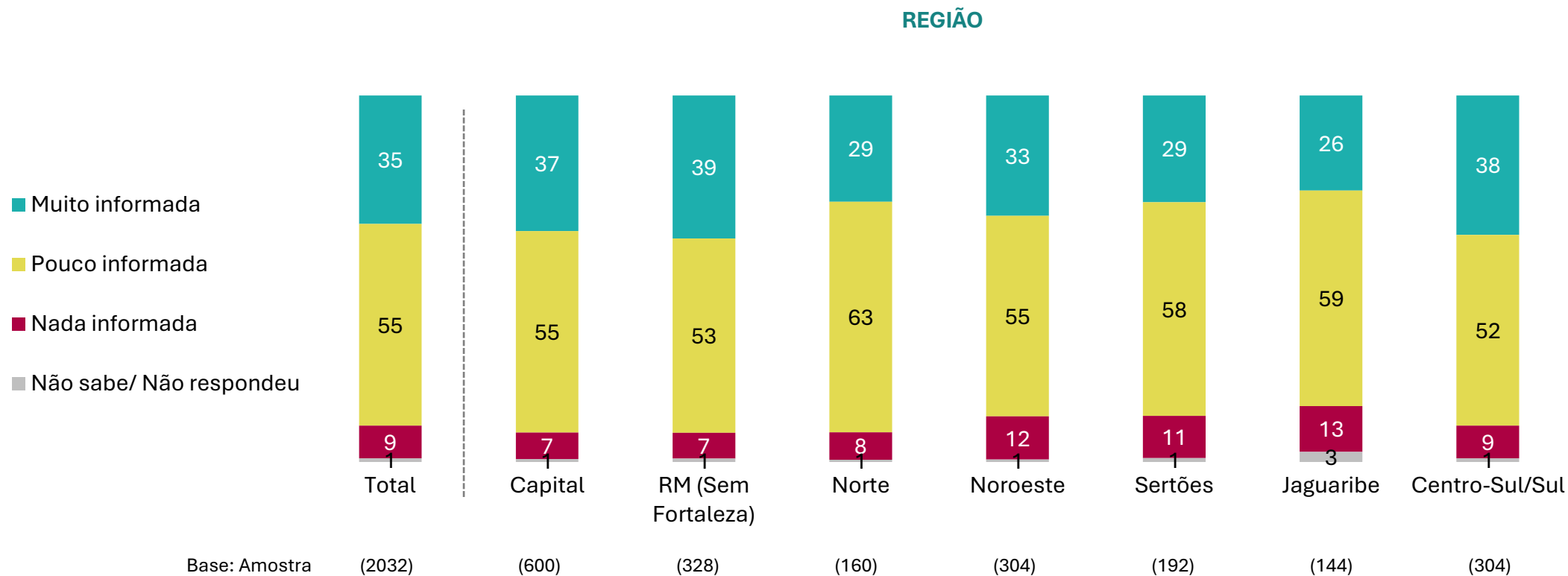
A maioria das mulheres cearenses se sente pouco informada sobre os canais e formas de buscar ajuda em caso de violência contra a mulher. O nível de informação é homogêneo por grupo racial e por idade, com exceção das mulheres com 60+, que se destacam entre as que se consideram nada informadas.

(%)

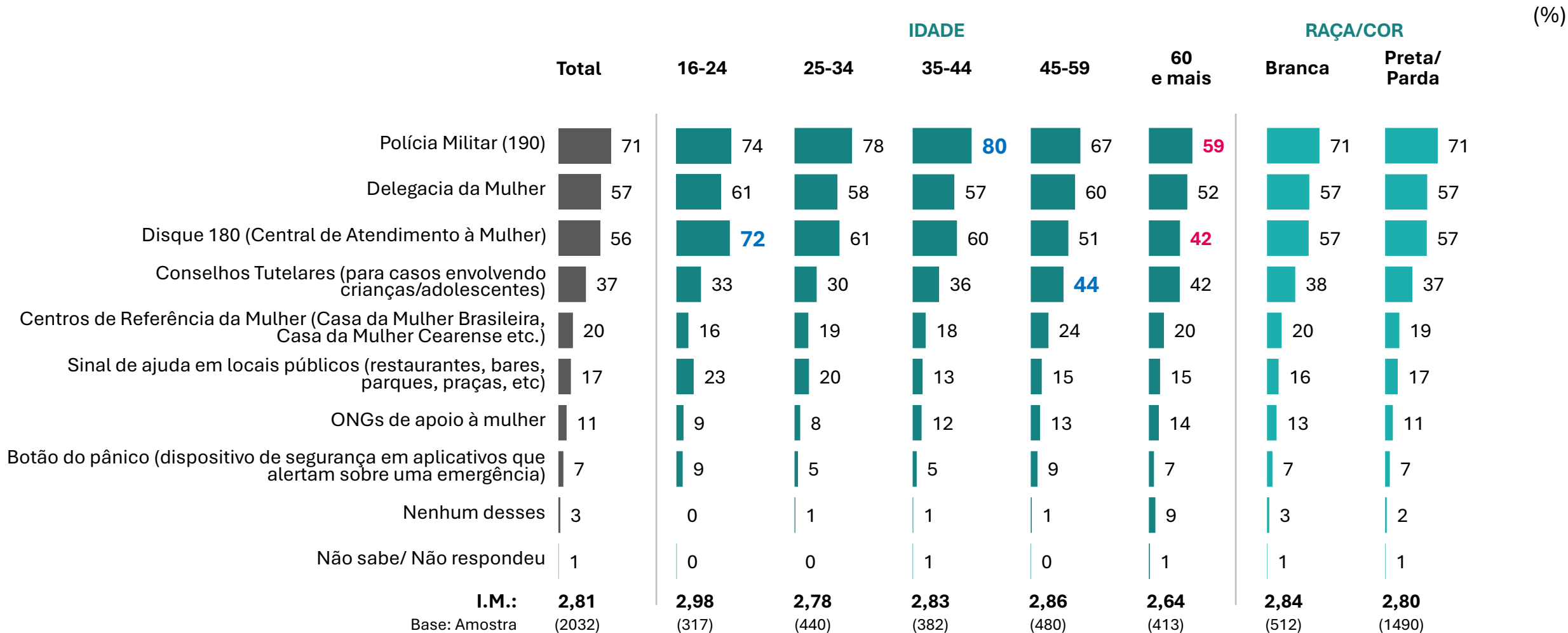


A análise regional sobre nível de conhecimento dos canais de proteção é homogênea, com resultados em linha com a amostra total. Embora sem relevância estatística, a região Norte registra o maior percentual de mulheres pouco informadas.

(%)



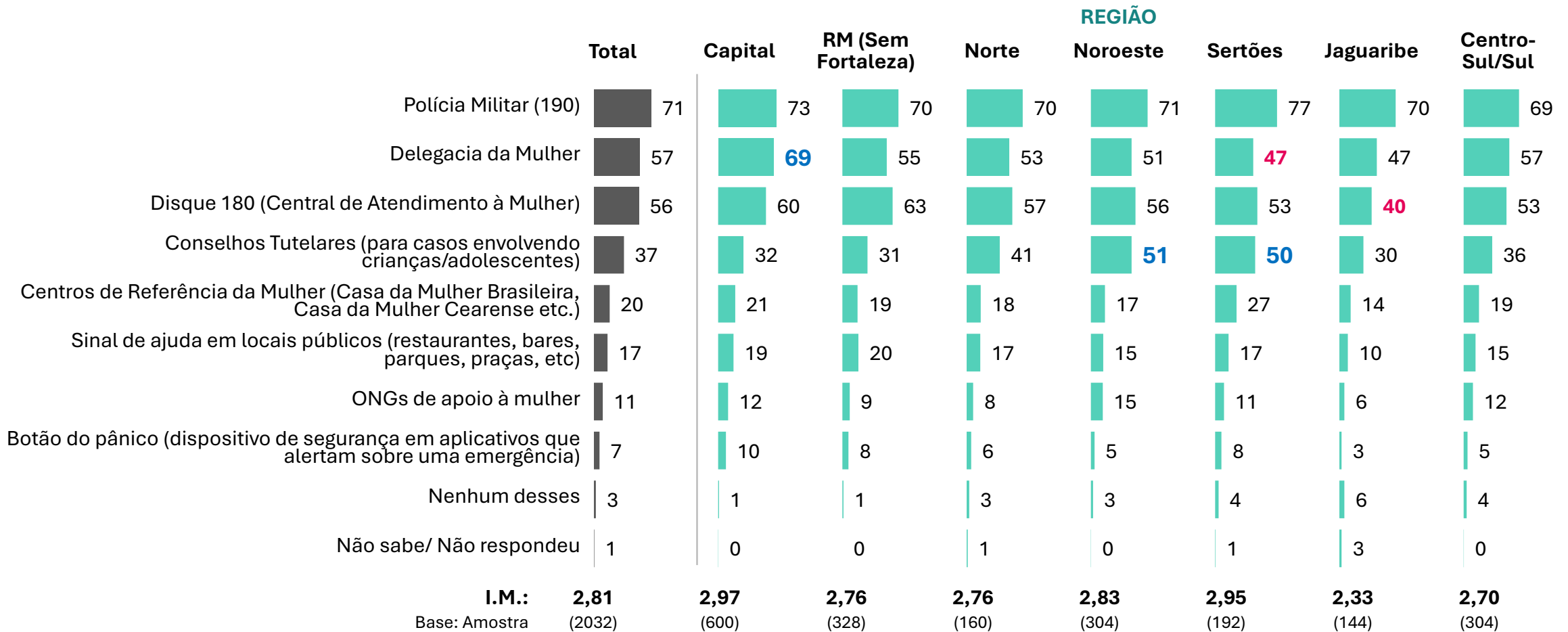
A Polícia Militar é o canal mais conhecido entre as mulheres, com destaque entre as cearenses de 35 a 44 anos e em menor grau entre aquelas com 60+. Em outro patamar, aparecem a Delegacia da Mulher e o Disque 180, que têm maior conhecimento entre as mais jovens e menor entre as mais maduras. O conhecimento sobre os canais de denúncia é similar entre brancas e pretas/pardas.



P20. Quais desses canais ou formas de denunciar casos de violência contra a mulher você conhece? (RM)

Na análise territorial, a Polícia Militar é a principal referência de canal de denúncia, sendo amplamente reconhecida em todas as regiões. No entanto, observam-se variações significativas quanto aos demais canais: a Delegacia da Mulher é mais conhecida na Capital, enquanto registra menor notoriedade nas regiões de Jaguaribe e Sertões. Já o Disque 180 apresenta menor reconhecimento em Jaguaribe. Os Conselhos Tutelares são mais apontados nas regiões Noroeste e Sertões. Também vale destacar que há distinções na ordem do ranking em parte das localidades.

(%)



P20. Quais desses canais ou formas de denunciar casos de violência contra a mulher você conhece? (RM)

Do total de mulheres entrevistadas, apenas uma em cada vinte fez alguma denúncia nos últimos 12 meses.

(%)

5%
das cearenses
fizeram denúncia
de violência
contra a mulher
nos últimos 12
meses

% Fez denúncia de violência contra a mulher nos últimos 12 meses

Por perfil

IDADE

16 a 24	6%
25 a 34	8%
35 a 44	5%
45-59	3%
60 e mais	3%

RAÇA/COR

Branca	4%
Preta/ Parda	5%

RENDA

Mais de 2	8%
Mais de 1 a 2	4%
Até 1	5%

REGIÃO

Capital	5%
RM (Sem Fortaleza)	6%
Norte	3%
Noroeste	2%
Sertões	8%
Jaguaribe	5%
Centro-Sul/Sul	4%

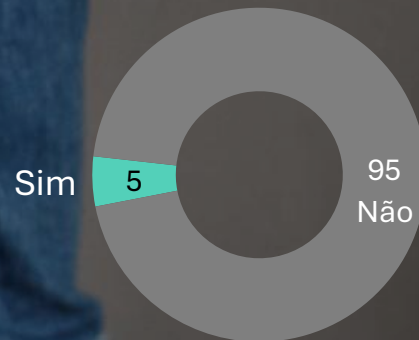
Base Amostra: (2032) | 16-24 (317) | 25-34 (440) | 35-44 (382) | 45-59 (480) | 60 + (413) | Branca(512) | Preta/ Parda (1490) | Mais de 2 (286) | Mais de 1 a 2 (532) | Até 1 (1098) | Capital (600) | RM (Fortaleza) (328) | Norte (160) | Noroeste (304) | Sertões (192) | Jaguaribe (144) | Centro-Sul/Sul (304)

P23. Você fez alguma denúncia de violência contra a mulher nos últimos 12 meses? (RU) |

Entre as mulheres que sofreram ou presenciaram a experiência de violência nos últimos 12 meses, oito em cada dez permaneceram em silêncio.

Fez denúncia?

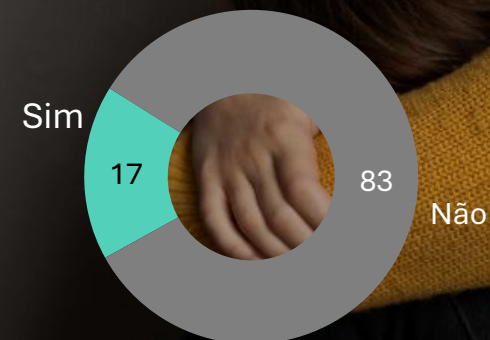
Total da amostra



Base: Amostra

(2032)

Sofreu ou presenciou algum tipo de violência nos últimos 12 meses



(413)

(1619)

P22. Você sofreu ou presenciou algum tipo de violência nos últimos 12 meses? (RU) | P23. Você fez alguma denúncia de violência contra a mulher nos últimos 12 meses? (RU) |



Entre as mulheres que fizeram denúncia, a Polícia Militar foi o principal canal, indicando que, no momento crítico, as mulheres recorrem ao canal mais conhecido.

(%)



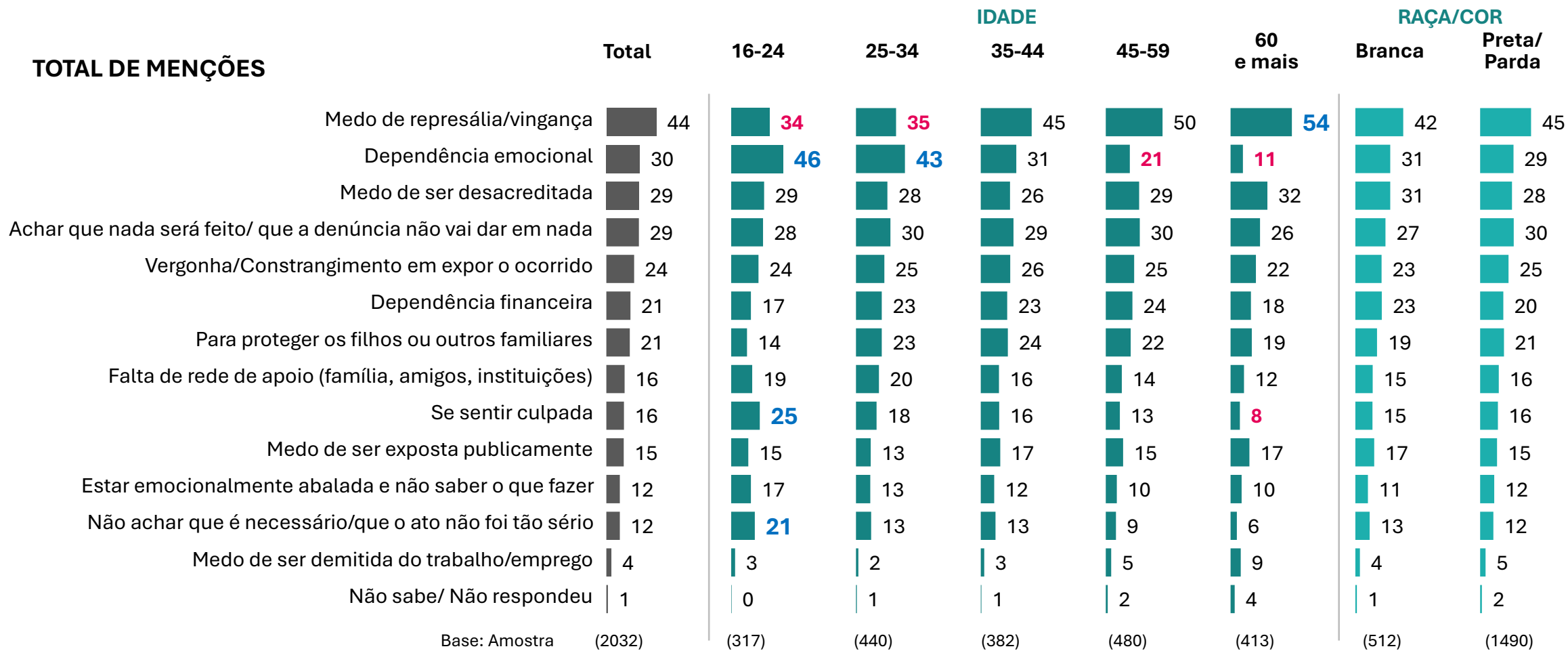
I.M.: 1,18

Base: Fez alguma denúncia de violência contra a mulher nos últimos 12 meses (98)

Não há base de entrevistas para análise por segmentos sociodemográficos

O medo de represália é a principal barreira para fazerem uma denúncia, seguida pela dependência emocional, o receio de serem desacreditadas e por acharem que nada seria feito. A análise etária revela que o medo da represália é maior entre as mulheres com 60+, enquanto a dependência emocional é o motivo predominante entre as que têm até 34 anos. O medo de ser desacreditada apresenta-se com similaridade entre todas as faixas etárias, assim como a percepção de que nada seria feito. A análise racial mostra percentuais muito próximos, sem diferenças estatísticas significativas.

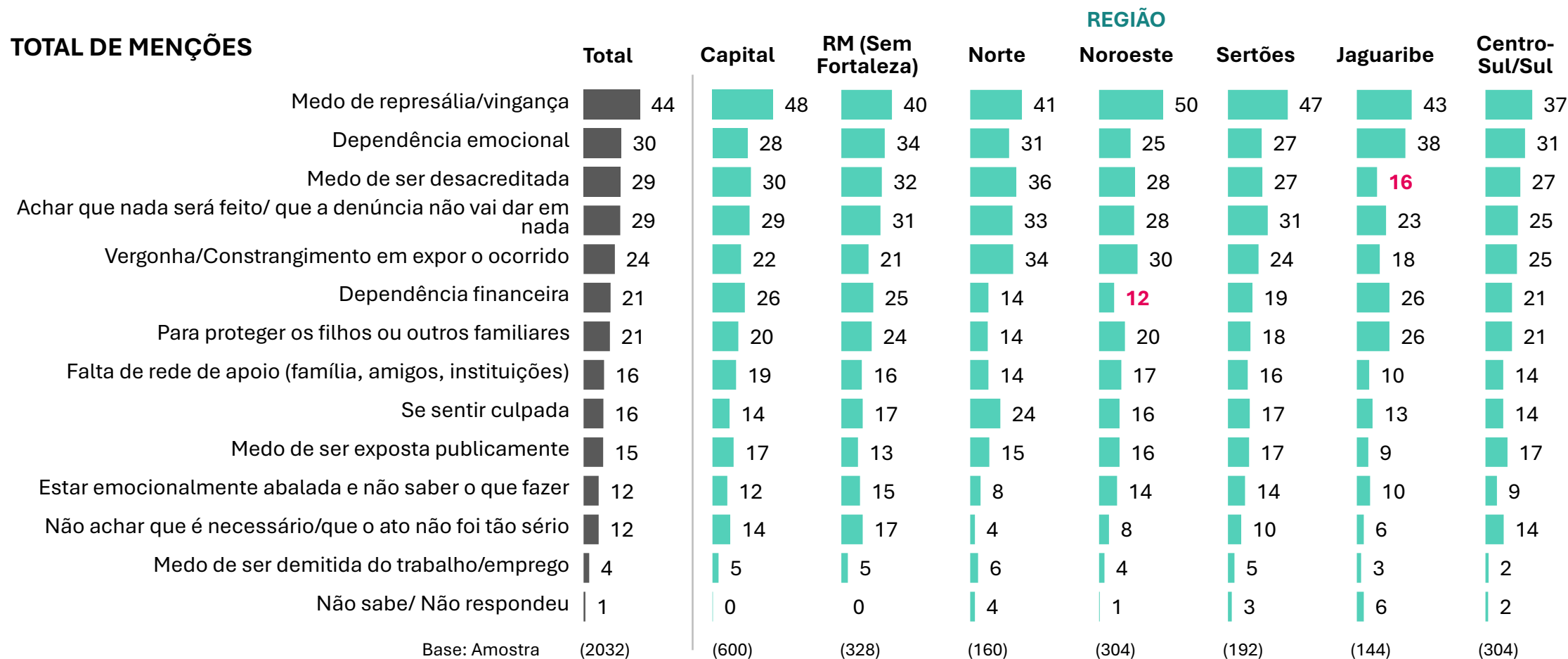
(%)



P25. Na sua percepção, qual é o principal motivo das mulheres terem dificuldade de denunciar um agressor ou uma situação de violência? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU)

Na análise regional, o medo de represálias é o motivo mais apontado em todas as regiões como justificativa das mulheres terem dificuldade de fazer uma denúncia. Em geral, as percepções e padrões percentuais são estatisticamente semelhantes à amostra total, com exceção das menções ao medo de ser desacreditada entre as mulheres de Jaguaribe, e da dependência financeira entre as que vivem no Noroeste, sendo razões que figuram em patamar inferior ao da média geral. Ainda, notam-se diferenças na ordem do ranking.

(%)

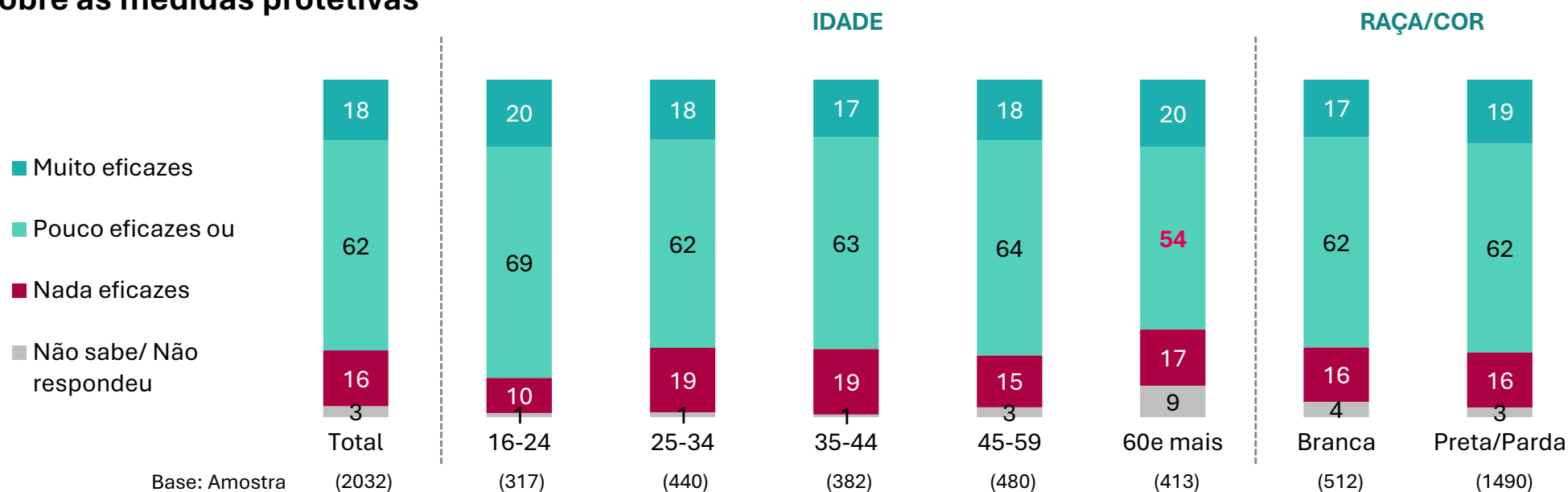


P25. Na sua percepção, qual é o principal motivo das mulheres terem dificuldade de denunciar um agressor ou uma situação de violência? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

Para a maior parte das mulheres, as medidas protetivas direcionadas às vítimas de violência doméstica e familiar são pouco eficazes. O teste estatístico indica que as cearenses de 16 a 24 anos e as de 45 a 59 anos dizem mais que as medidas são pouco eficazes se comparado às mulheres com 60+. A dimensão racial revela convergência entre mulheres brancas e pretas/pardas e em linha com amostra total.

(%)

Opinião sobre as medidas protetivas

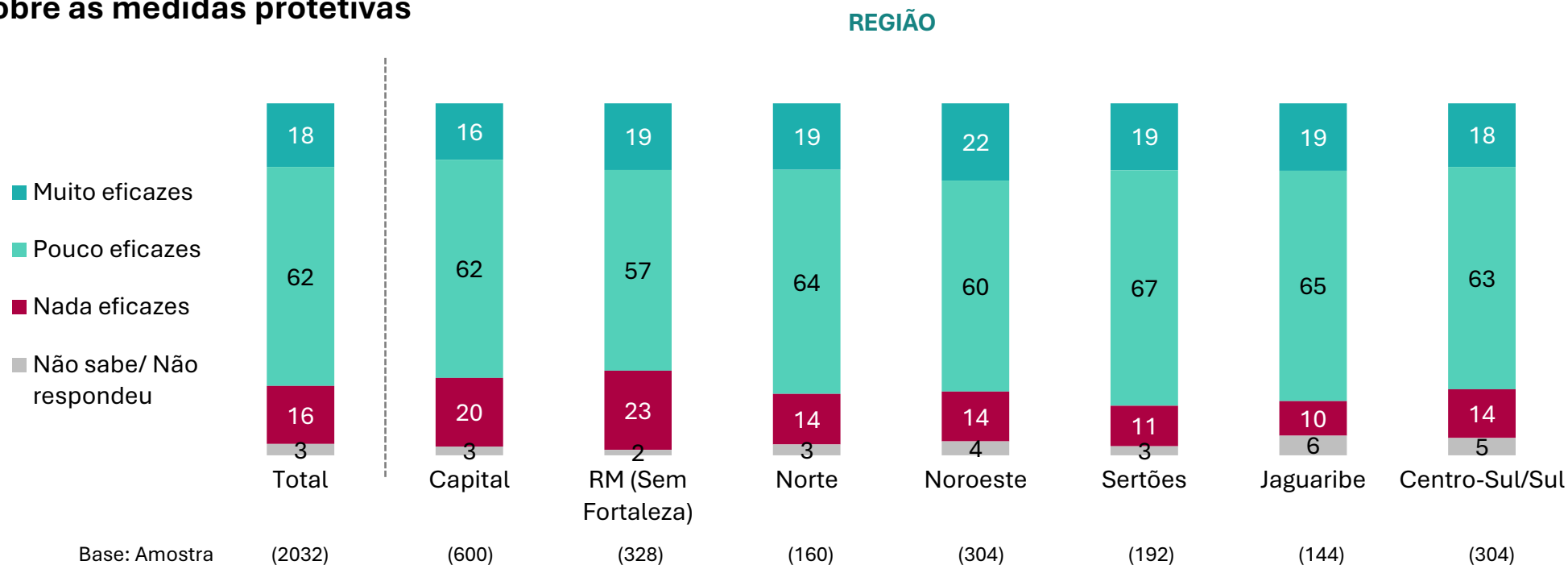


P26. Medidas protetivas são ordens judiciais previstas na Lei Maria da Penha e em outras legislações, que têm como objetivo proteger vítimas de violência doméstica e familiar, principalmente mulheres. Na sua opinião, as medidas protetivas são... (RU)

Não há diferenças estatísticas significativas entre as regiões do Ceará em relação à eficácia das medidas protetivas. Porém, Jaguaribe registra o maior percentual de pouca eficiência das ordens judiciais para proteção das vítimas, dentre as localidades analisadas.

(%)

Opinião sobre as medidas protetivas

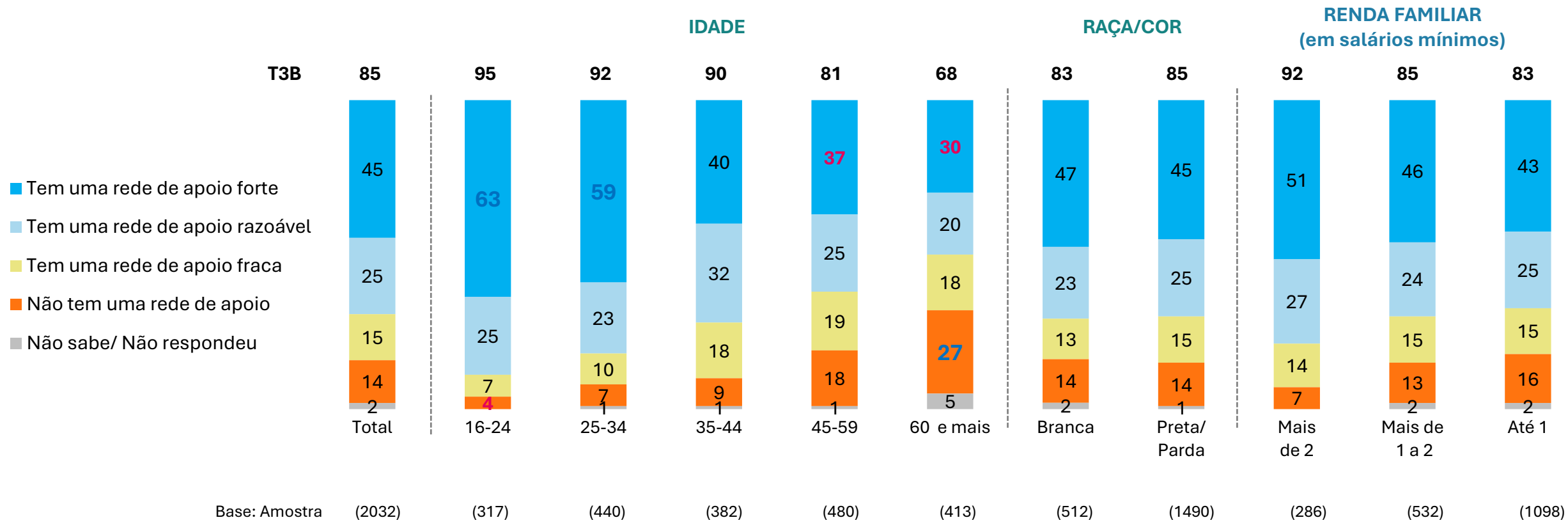


P26. Medidas protetivas são ordens judiciais previstas na Lei Maria da Penha e em outras legislações, que têm como objetivo proteger vítimas de violência doméstica e familiar, principalmente mulheres. Na sua opinião, as medidas protetivas são... (RU)

Ampla parcela das cearenses declara dispor de uma rede de apoio para situações de violência, sendo que quase metade relata contar com uma rede robusta. Esse cenário, no entanto, varia conforme a idade: a maioria das mulheres de até 34 anos tem uma rede robusta, enquanto cerca de um terço das que têm 60+ possui rede forte e a mesma proporção não conta com qualquer amparo.

(%)

% T3B: Rede de apoio Forte + razoável + fraca

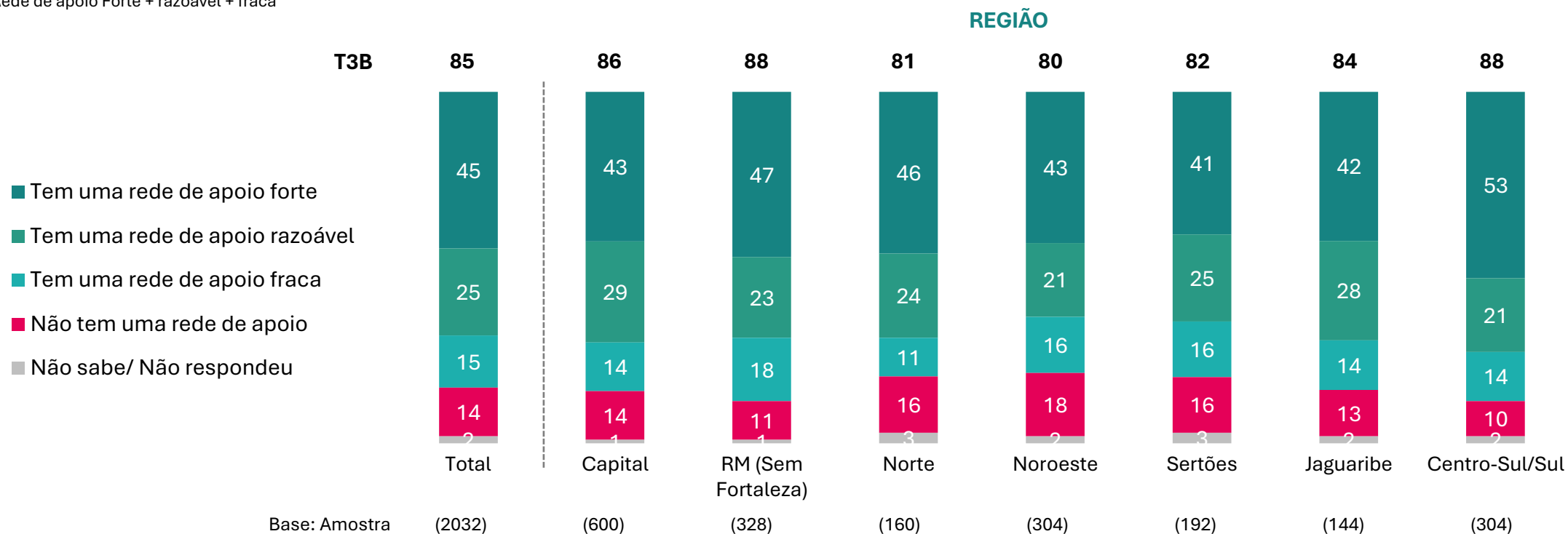


P27. Pensando em sua rede de apoio (família, amigos, instituições, comunidade) e no suporte que lhe deram ou podem lhe dar em casos de violência, você diria que... (RU)

A análise regional mostra que as arquiteturas de suporte são estatisticamente semelhantes tanto no total da amostra quanto entre as regiões, ainda que a região Centro-Sul/Sul apresente o maior percentual de mulheres com uma rede de apoio forte.

(%)

% T3B: Rede de apoio Forte + razoável + fraca



P27. Pensando em sua rede de apoio (família, amigos, instituições, comunidade) e no suporte que lhe deram ou podem lhe dar em casos de violência, você diria que... (RU)

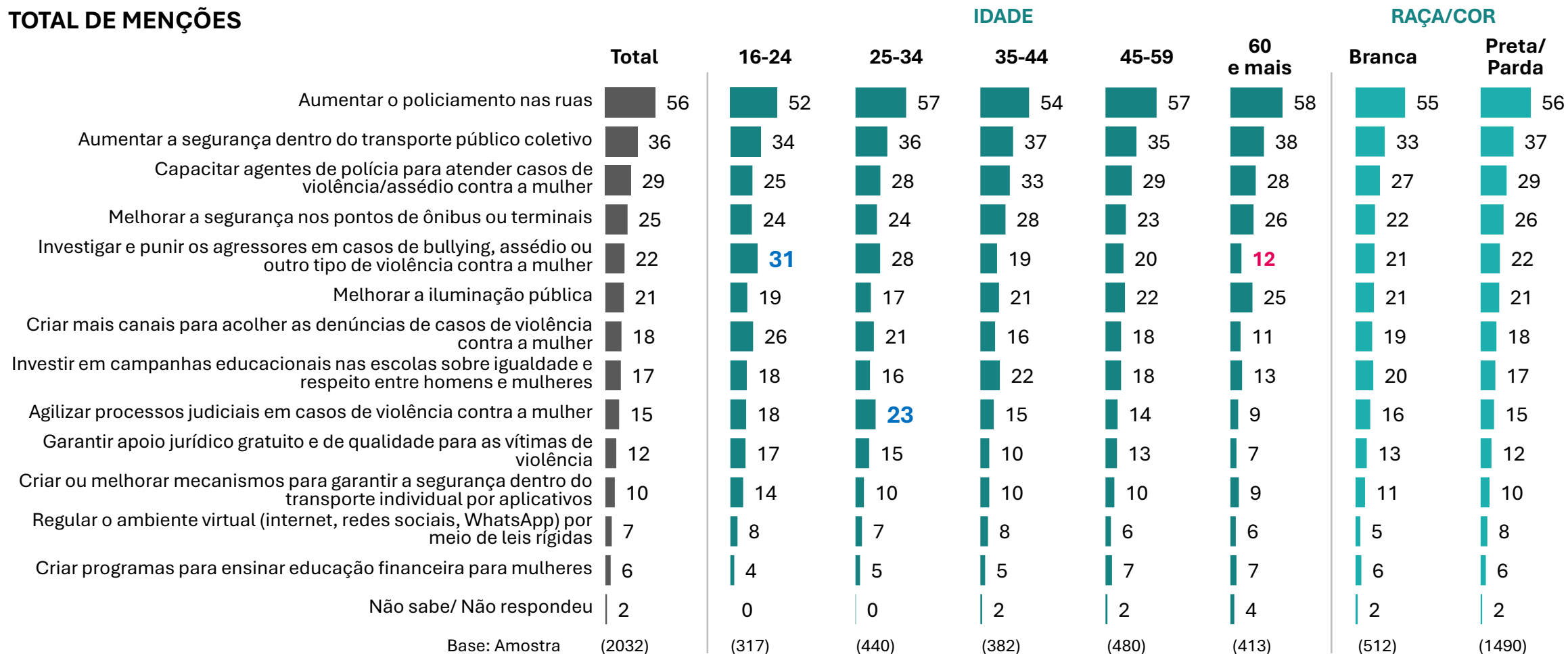
PERCEPÇÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS

06

O policiamento nas ruas, o aumento da segurança no transporte público e a capacitação dos agentes de polícia para atender os casos de violência contra a mulher são as principais demandas a respeito das medidas que podem diminuir o medo e a insegurança das cearenses. Além de algumas diferenças do ranking por faixa etária, investigar e punir agressores é uma prioridade particularmente importante para jovens de 16 a 24 anos, enquanto a agilização dos processos judiciais é mais apontada por aquelas com 25 a 34 anos.

(%)

TOTAL DE MENÇÕES

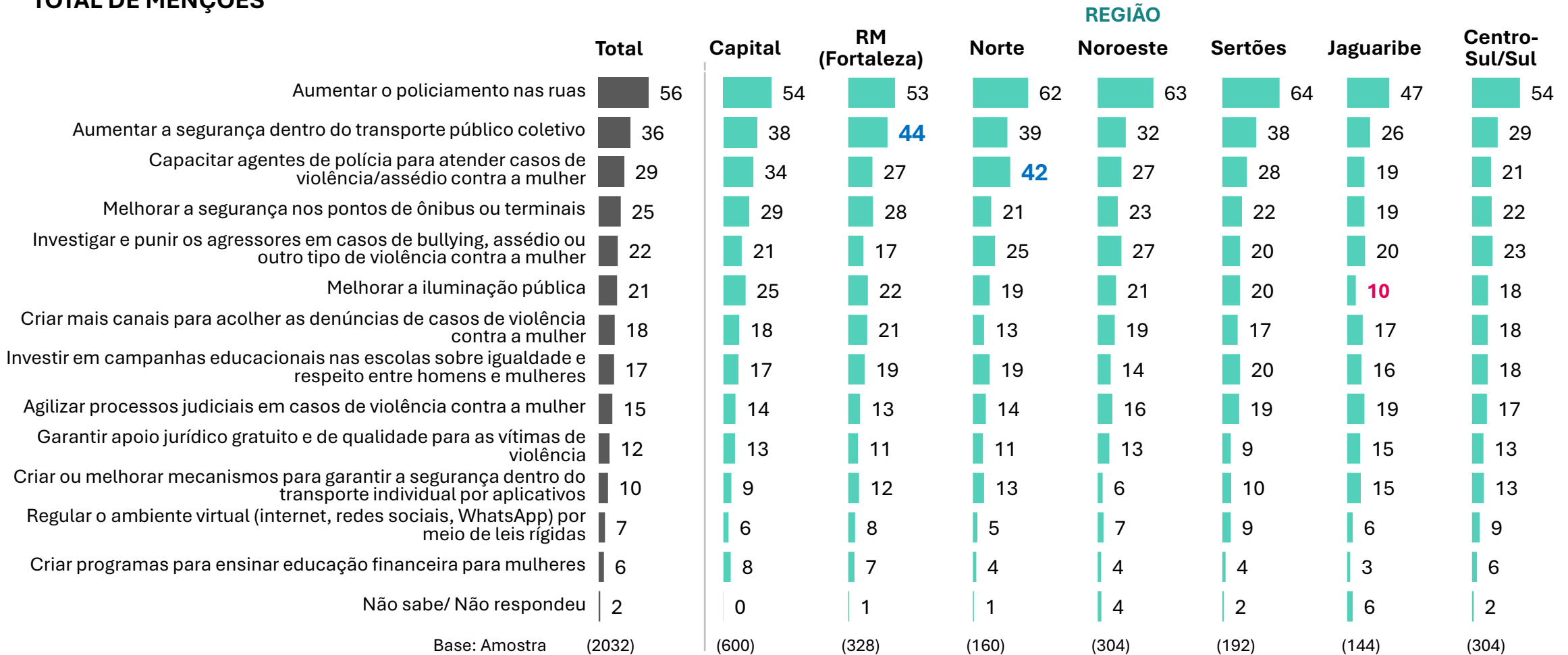


P16. Para você, qual dessas medidas seria mais eficaz para diminuir o medo e a insegurança das mulheres no Ceará? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)

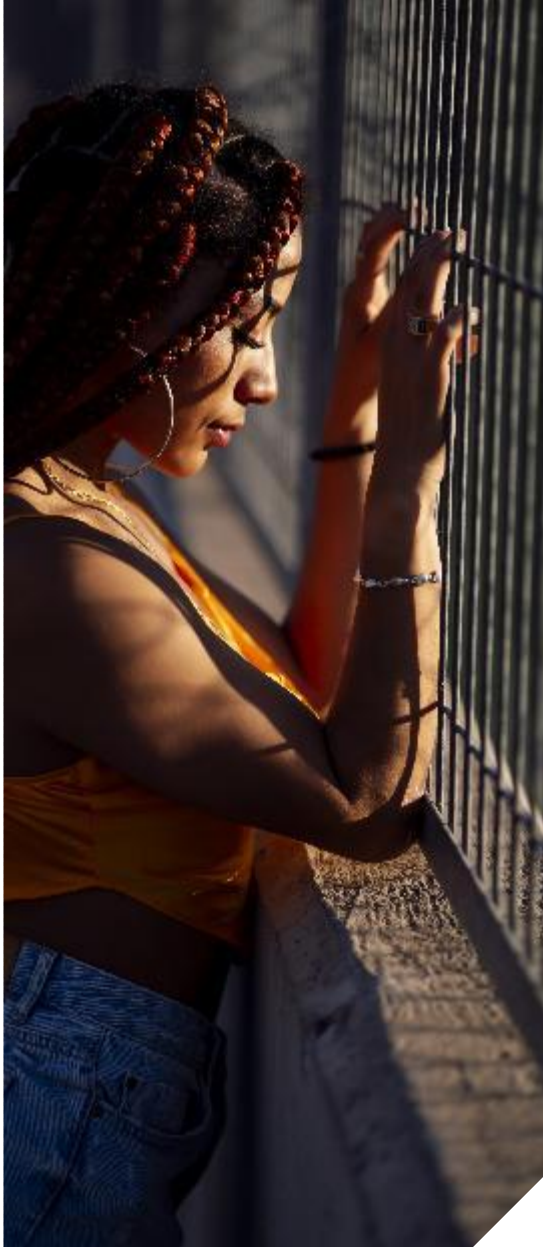
O policiamento nas ruas é a medida mais apontada em todas as regiões. O aumento da segurança no transporte público é destaque na RM, enquanto a capacitação de agentes para atender casos de violência se sobressai no Norte. Além disso, o ranking se diferencia em algumas localidades.

TOTAL DE MENÇÕES

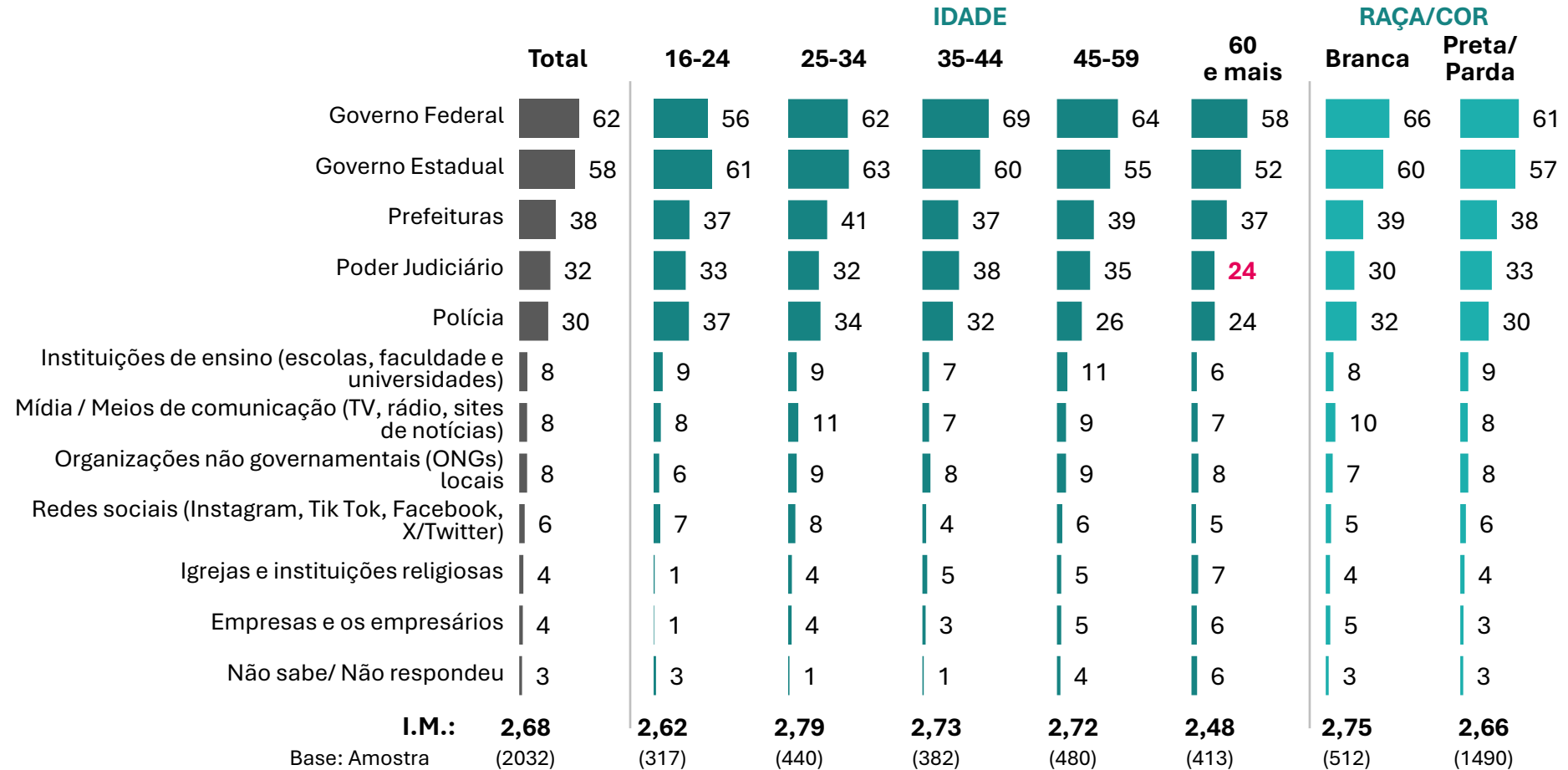
(%)



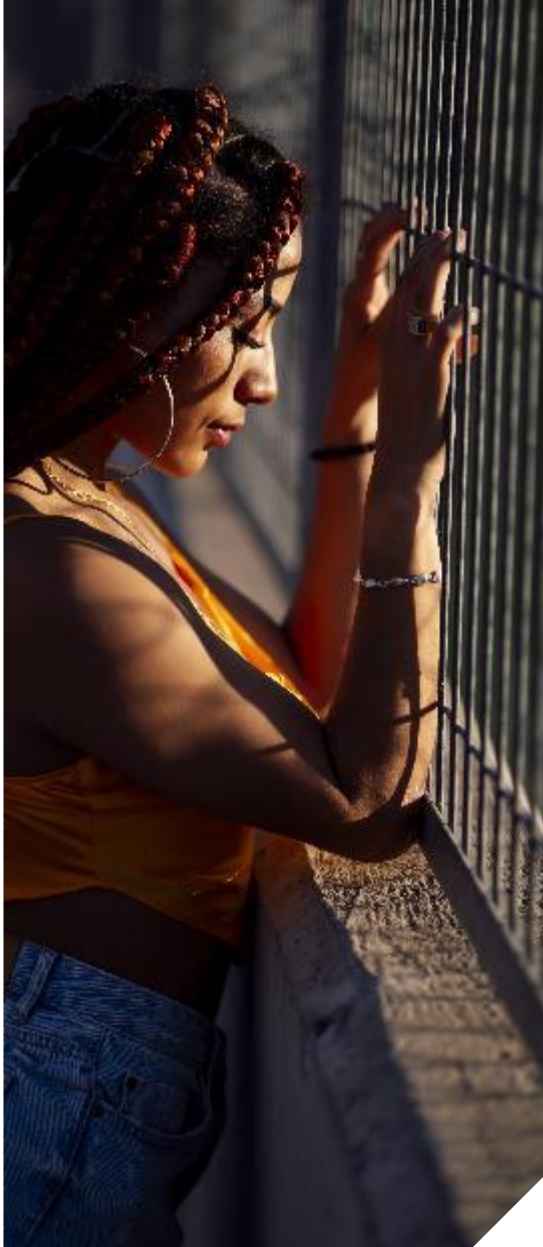
P16. Para você, qual dessas medidas seria mais eficaz para diminuir o medo e a insegurança das mulheres no Ceará? E em segundo lugar? E em terceiro lugar? (RU POR OPÇÃO)



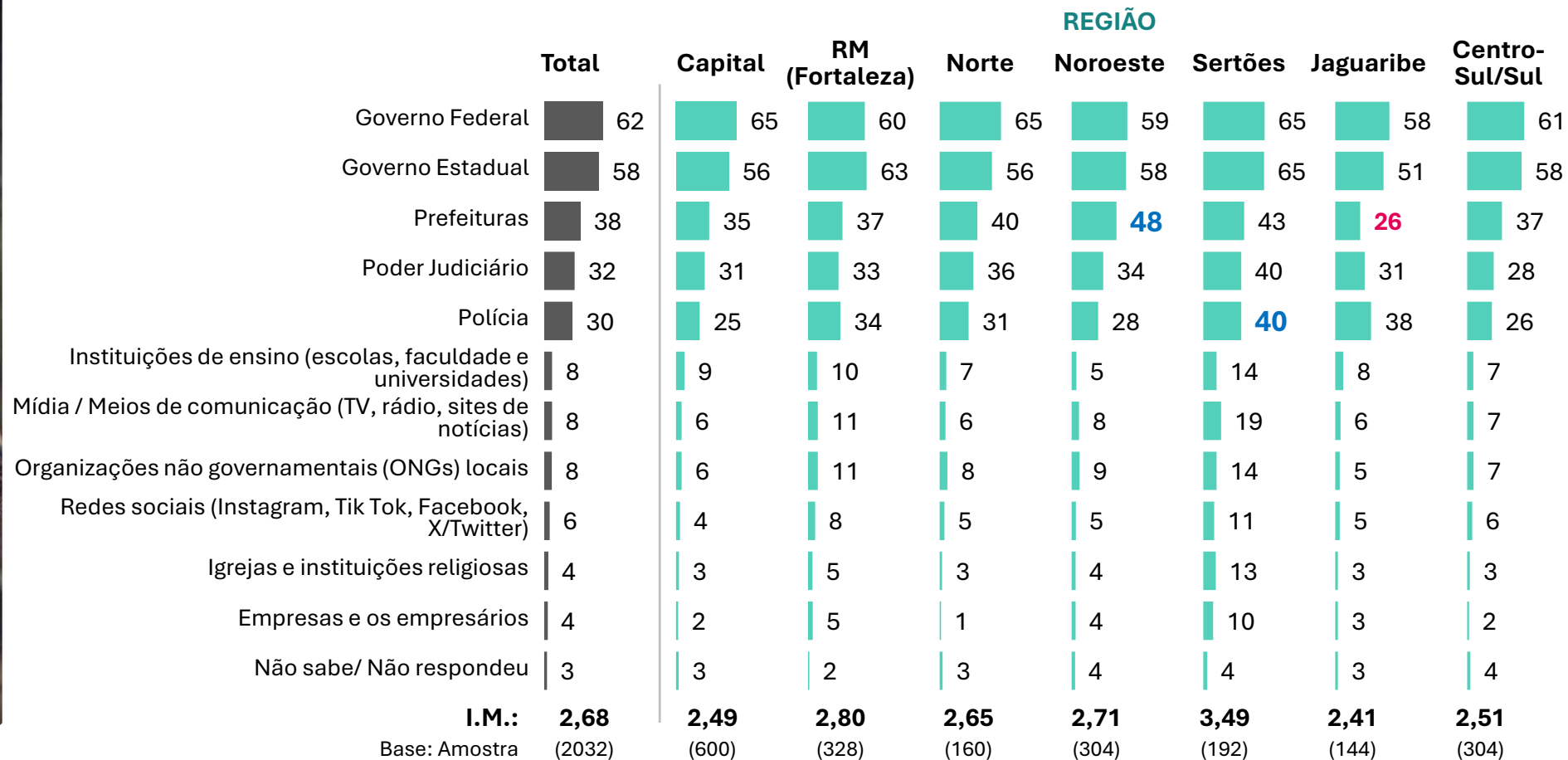
O poder público, sobretudo o Governo Federal e o Estadual, deve estar à frente na resolução da falta de segurança para as mulheres cearenses. Esse cenário se repete entre as faixas de idade e no recorte da raça/cor.



P17. Na sua opinião, quem deveria tomar a frente e resolver o problema da falta de segurança para as mulheres no Ceará? Mais algum? Algum outro? (RM)



Em praticamente todas as regiões, as instituições executivas são consideradas as três principais protagonistas no combate aos problemas de insegurança das cearenses; a exceção é Jaguaribe, onde a Polícia passa a ocupar a terceira posição. Na região Noroeste, as prefeituras são mais mencionadas do que o observado na média do estado, e a Polícia nos Sertões.

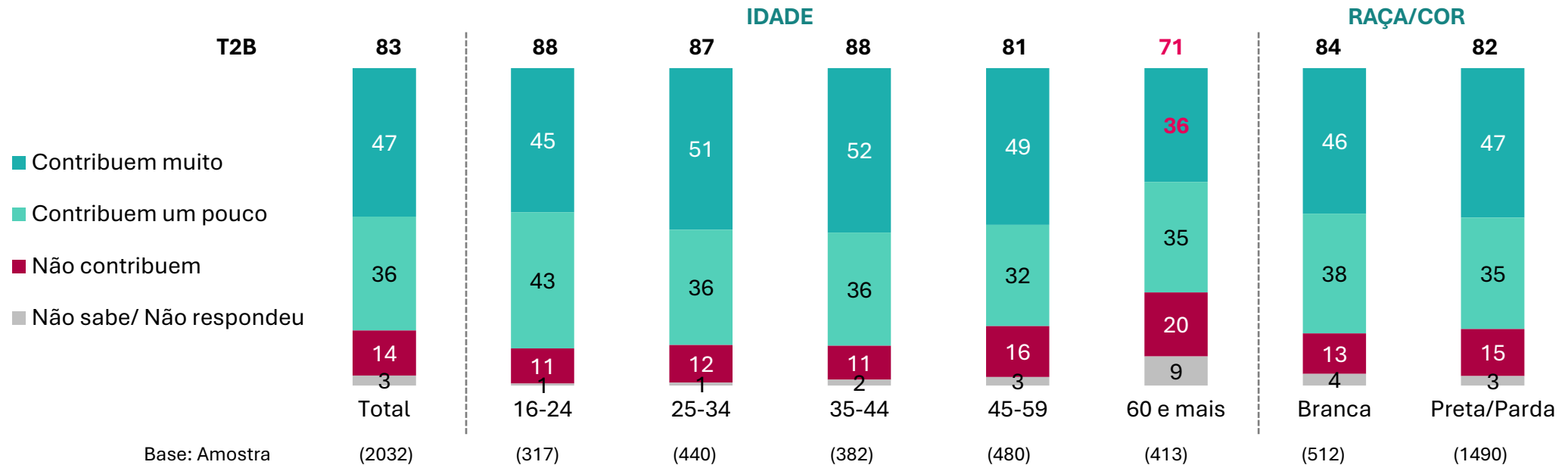


P17. Na sua opinião, quem deveria tomar a frente e resolver o problema da falta de segurança para as mulheres no Ceará? Mais algum? Algum outro? (RM)

Para as cearenses as redes sociais contribuem muito ou um pouco para conscientizar a população e ajudar a diminuir a insegurança e a violência contra a mulher. Porém, as mulheres com 60+ apresentam uma menor confiança no potencial transformador das plataformas virtuais. Os grupos raciais apresentam convergência sobre o tema.

(%)

%T2B: Contribuem muito + Um pouco

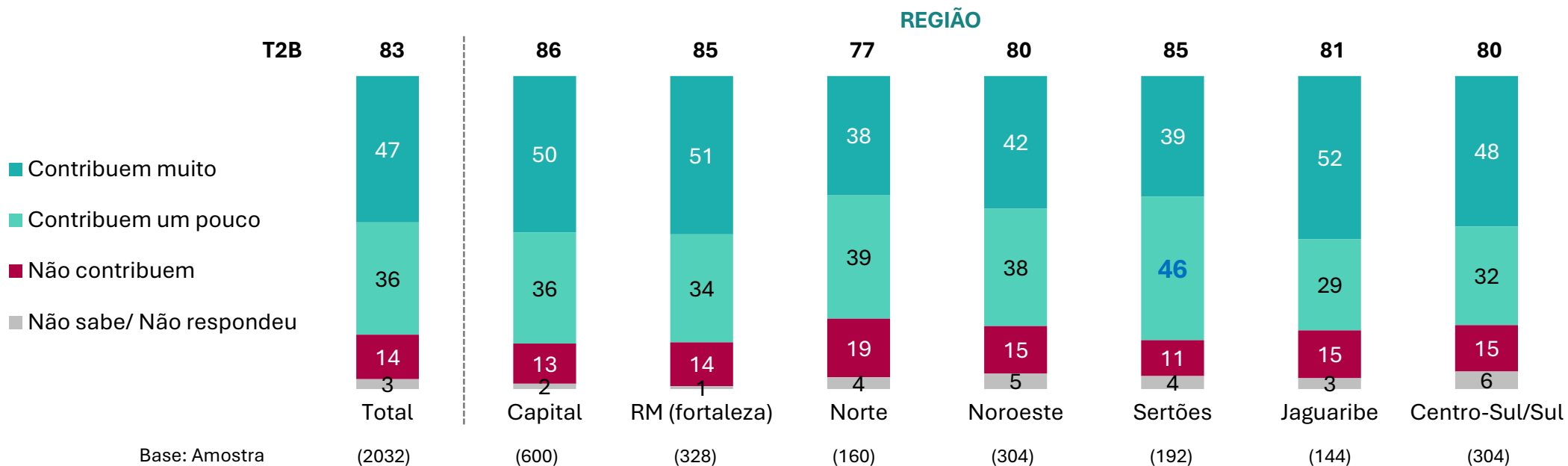


P18. Você acha que as redes sociais contribuem muito, contribuem um pouco ou não contribuem para a conscientização da população para diminuir a insegurança e a violência contra a mulher? (RU)

A percepção da contribuição das redes sociais na conscientização para diminuir a violência contra a mulher também predomina nas regiões, mas nos Sertões é maior a parcela que considera que contribuem um pouco. Apesar de não ser estatisticamente diferente, na região Norte é maior o percentual de mulheres que consideram que as redes não contribuem.

(%)

%T2B: Contribuem muito + Um pouco



P18. Você acha que as redes sociais contribuem muito, contribuem um pouco ou não contribuem para a conscientização da população para diminuir a insegurança e a violência contra a mulher? (RU)

CONCLUSÕES





A mulher cearense

Batalhadoras, esforçadas e corajosas são as principais características de identificação das mulheres cearenses. Valorizam a família, a fé e a saúde e bem-estar.

Porém, vivem constantemente o medo e a insegurança pelo simples fato de serem mulheres, e isso independe da idade, da região do estado onde moram, do poder aquisitivo, da cor da pele e de já terem ou não sido vítimas da violência de gênero.

De modo geral, metade das mulheres cearenses com 16 anos ou mais já sofreu algum tipo de violência, sobretudo a psicológica. E nos últimos 12 meses, um quinto sofreu ou presenciou algum tipo de violência de gênero.

Neste cenário, adaptam a rotina para se sentirem mais seguras: evitam sair sozinhas à noite, priorizam lugares movimentados, contatam pessoas de confiança para dar coordenadas de seus passos e ignoram o contato com desconhecidos.



Perfil etário

A juventude feminina cearense vive mais sob constante ameaça. Entre as mulheres de 16 a 24 anos, 48% relatam mudar sua rotina diária por medo ou insegurança. Além disso, 61% delas já sofreu algum tipo de violência e 31% nesta faixa etária relatam ter sofrido ou presenciado algum tipo de violência nos últimos 12 meses, configurando o grupo mais vulnerável. O medo da violência sexual é particularmente acentuado entre as jovens: 78% das mulheres de 16 a 24 anos temem sofrer este tipo de violência, percentual que decresce com a idade.

Em contraste, 66% das mulheres com 60 anos ou mais relatam nunca ter sofrido violência e uma em cada 10 sofreu ou presenciou violência de gênero nos últimos 12 meses.

Os dados sugerem que as percepções geracionais estão relacionadas com os avanços a respeito do tema, como: maior conhecimento sobre as várias formas de tratamento abusivo contra mulheres, a conquista de espaço no mercado de trabalho, maior possibilidade de autonomia financeira, entre outros aspectos.

RECOMENDAÇÃO

- Desenvolver programas específicos para jovens em escolas
- Criar campanhas direcionadas para mulheres 60+
- Fortalecer ações intergeracionais
- Abordar interseccionalidades raça-gênero



Espaços de vulnerabilidade

A pesquisa demonstra que 75% das mulheres sentem insegurança com alguma frequência no transporte público, praças e parques. Esta realidade contrasta drasticamente com a sensação de segurança no ambiente doméstico, onde 83% das mulheres se sentem seguras em suas próprias casas.

A situação é particularmente mais sensível na capital Fortaleza, onde 79% das mulheres relatam insegurança frequente no dia a dia, evidenciando que a urbanização intensifica a vulnerabilidade feminina nos espaços públicos.

RECOMENDAÇÃO

- Implementar programa de segurança no transporte público
- Criar "corredores seguros" com iluminação e monitoramento
- Estabelecer pontos de apoio em terminais e paradas
- Aumentar o policiamento e a segurança no transporte público



Espaços de vulnerabilidade

Dentre os locais pesquisados, o ambiente virtual configura-se como um novo território de vulnerabilidade, no qual 67% das mulheres sentem insegurança com alguma frequência e 46% temem receber mensagens indesejadas com conteúdo sexual.

A perseguição virtual (stalking) e o compartilhamento de conteúdo íntimo são temerários para 27% das entrevistadas cada, revelando como as tecnologias amplificam possibilidades de assédio e controle.

Embora os medos nesse ambiente sejam generalizados, apenas 9% das mulheres reportam ter sofrido violência virtual, o que pode indicar desconhecimento ou normalização de comportamentos abusivos online. Entre as jovens de 16 a 24 anos, este percentual sobe para 18%, confirmando sua maior vulnerabilidade também no espaço digital e sugerindo uma maior compreensão do universo online e suas violências.

RECOMENDAÇÃO

- Criar delegacia especializada em crimes virtuais
- Desenvolver educação digital sobre segurança
- Campanhas sobre revenge porn



Impunidade e justiça

A impunidade dos agressores aparece como o principal fator contribuinte para a insegurança e violência contra as mulheres no Ceará, mencionada por 37% das entrevistadas. Esta percepção de impunidade reflete-se diretamente na descrença no sistema de proteção: 62% das mulheres consideram as medidas protetivas pouco eficazes.

Este panorama resulta em uma baixíssima taxa de denúncia: apenas 5% das mulheres cearenses fizeram alguma denúncia de violência nos últimos 12 meses e especificamente entre aquelas que sofreram ou presenciaram violência no período, apenas 17% delas formalizaram denúncia, revelando um silenciamento massivo de 83% das vítimas.

RECOMENDAÇÃO

- Criar varas especializadas em violência contra mulher
- Implementar sistema de acompanhamento de medidas protetivas
- Estabelecer metas de celeridade processual
- Divulgar casos de punição para que as mulheres consigam perceber a efetividade do sistema
- Fortalecer proteção a denunciantes



Barreiras para denúncia

O estudo identifica múltiplas barreiras que impedem as mulheres de denunciar situações de violência. O medo de represália ou vingança lidera as razões, sendo citado por 44% das entrevistadas. A dependência emocional aparece como segundo maior impedimento (30%), seguida pelo medo de ser desacreditada (29%) e pela percepção de que nada será feito (29%).

Entre as poucas que já fizeram alguma denúncia, a Polícia Militar foi o canal mais utilizado, seguida pela Delegacia da Mulher. Isso indica que, no momento crítico, as mulheres recorrem aos canais mais conhecidos e acessíveis, mesmo que não sejam os mais especializados.

RECOMENDAÇÃO

- Criar sistema de denúncia com proteção total
- Capacitar profissionais para acolhimento
- Estabelecer rede de casas-abrigo
- Garantir autonomia econômica
- Fortalecer Delegacias da Mulher



Territorialidade

As desigualdades regionais moldam diferentes experiências de violência e insegurança. Na capital Fortaleza, 48% das mulheres alteram sua rotina por medo e 60% já sofreram algum tipo de violência de gênero.

Em contraste, na região Norte, 57% das mulheres não sofreram violência, enquanto na região Noroeste 27% mudam sua rotina, o menor índice do estado.

O conhecimento, e conseqüentemente o acesso, aos canais de proteção também varia regionalmente. Em Jaguaribe, 40% das mulheres conhecem o Disque 180, serviço nacional de atendimento à mulher (no total da amostra é reconhecido por 56%).

RECOMENDAÇÃO

- Descentralizar serviços de proteção
- Criar unidades móveis de atendimento
- Fortalecer redes locais de apoio
- Estratégias diferenciadas por região



Conscientização

O déficit informacional é crítico: 55% das mulheres se sentem pouco informadas sobre canais e formas de buscar ajuda, apesar de 71% conhecerem a Polícia Militar e 57% conhecerem a Delegacia da Mulher como canais de denúncia.

Positivamente, 85% das mulheres relatam ter algum tipo de rede de apoio, seja familiar, de amigos ou institucional. Além disso, 83% acreditam que as redes sociais contribuem para conscientização sobre violência contra a mulher, indicando o potencial das plataformas digitais como ferramentas de conscientização e transformação social, apesar de também serem espaços de vulnerabilidade.

RECOMENDAÇÃO

- Educação de gênero obrigatória nas escolas
- Engajar homens na transformação
- Campanhas massivas de informação
- Fortalecer redes de apoio existentes
- Usar redes sociais estrategicamente



Atores contra a violência doméstica

O poder público deve encabeçar o enfrentamento da falta de segurança para as mulheres no Ceará. Embora o Governo Federal e Estadual sejam os mais apontados (62% e 58%, respectivamente), esta questão exige atuação transversal, que englobe também as prefeituras, o Judiciário, a Segurança Pública, a mídia e os especialistas.

RECOMENDAÇÃO

- Sensibilização sobre a urgência do tema
- Criação de comitês locais/regionais, com diversidade de representação e participação de especialistas
- Punição efetiva e proteção integral às vítimas
- Implementação das medidas consideradas eficazes pela população: aumento do policiamento nas ruas, mais segurança no transporte público e nos pontos/terminais, capacitação dos agentes de polícia, melhoria da iluminação pública, criação e fortalecimento de canais de denúncia, agilização de processos judiciais, apoio jurídico, psicológico e financeiro às vítimas, mecanismos de segurança no transporte (público e por aplicativo)

M U L H E R
CORAM
CLEM

PESQUISA QUALITATIVA

Job: 25-050624 | Outubro/2025



Objetivos

Identificar e compreender os medos e inseguranças das mulheres cearenses de modo geral e em diversos espaços, como: casa, trabalho, escola, rua/transporte e ambiente virtual.

Com base nas informações da pesquisa serão desenvolvidos pelo cliente final, em parceria com o IPG, eixos de debate entre especialistas, entidades da sociedade civil e governo com objetivo elaborar ações para tornar os espaços mais seguros para as mulheres.



Pexels



Metodologia

DISCUSSÕES EM GRUPO

- PÚBLICO-ALVO

Mulheres cearenses de 16 a 59 anos, das classes BCD

- ABRANGÊNCIA

Fortaleza, Juazeiro do Norte, Crateús

- AMOSTRA

6 grupos, assim distribuídos:

Quantidade de DGs por cidade	Faixa etária	Classe social
1	16 a 24 anos	B/C/D
1	30 a 59 anos	B/C/D

- SELEÇÃO DAS PARTICIPANTES

O recrutamento foi feito de forma aleatória, pessoal, virtual e/ou por telefone.



Metodologia

ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

- TÉCNICA DE COLETA

Foram realizadas Entrevistas em Profundidade (EPs) on-line, conduzidas com o apoio de um roteiro contendo questões/tópicos das áreas de abordagens do estudo.

- AMOSTRA

6 Eps com especialistas que atuam no Ceará, envolvidas direta ou indiretamente com o debate sobre Direitos das Mulheres, Violência contra Mulher, que possam lançar luz sobre os desafios, dificuldades e temores enfrentados por elas nos diferentes espaços sociais.

- SELEÇÃO DO PARTICIPANTE

O recrutamento foi realizado a partir de listagem compartilhada pelo cliente.

Procedimentos

PADRÃO

- A seleção das participantes dos grupos foi realizada através de procura aleatória. As participantes foram previamente recrutadas pessoalmente, virtualmente e/ou por telefone e convidadas a comparecer à sala de discussão virtual na data determinada.
- Os especialistas foram previamente contatados por telefone para agendamento da entrevista em data e horário de sua conveniência via plataforma online;
- A listagem fornecida pelo cliente são de sua inteira responsabilidade, assim como a origem dos dados devem atender as normas e condições estabelecidas na Lei 13.709/18 – Lei Geral de Proteção de Dados (“LGPD”);
- Consultas ao CRQ da ABEP foram feitas para verificar participação anterior em outras discussões em grupo/ EPs;
- Os roteiros (DGs e EPs) foram elaborados pelo Ipsos-Ipec, a partir de tópicos compartilhados pelo contratante e submetidos à aprovação prévia do cliente;
- Cada grupo teve de 6 a 8 participantes;
- Os grupos e as entrevistas foram conduzidos por moderadores especialistas em pesquisa qualitativa, parceiros do Ipsos-Ipec;
- Os grupos e entrevistas foram realizados em salas virtuais (plataforma ZOOM ou similar). Todos os participantes foram simbolicamente recompensados pela colaboração na pesquisa;
- Para subsidiar a análise, as discussões foram registradas pelo menos por uma das seguintes formas: gravação em áudio, gravação em vídeo, transcrição ou anotação.

RESULTADOS DAS DISCUSSÕES EM GRUPO COM

MULHERES

CONHECENDO ELAS

TRAÇOS COMPORTAMENTAIS, VALORES
E REFERÊNCIAS

O que é ser mulher?

É ser forte, guerreira, batalhadora

É ter a capacidade de se reerguer diante das adversidades, se reinventar, se superar

É ser resiliente e agente de transformação

É ser multitarefas, multifuncional, polivalente

É gostar de sua feminilidade: a maternidade, o poder de acalento, a vaidade, o prazer em se cuidar



Pexels



"Me vejo forte, guerreira. A gente sabe as lutas que a gente passa." (Jovem, Fortaleza)

"Como mulheres, estamos sempre nos reinventando, sempre damos um jeito, procuramos dar conta de tudo. É resiliência, é força!" (Jovem, Crateús)

"É a garra de não desistir fácil, não se entregar fácil. Quando a gente precisa de algo vai atrás, não desiste, não se entrega, não se rebaixa por qualquer coisa." (Adulta, Juazeiro do Norte)

"A mulher tem um poder incrível de se superar, de cair e levantar quantas vezes for preciso." (Adulta, Fortaleza)

"A gente quer e vai fazer diferença no mundo!" (Adulta, Juazeiro do Norte)

"Nós mulheres temos correr atrás de tudo pra sobreviver ao mundo." (Jovem, Fortaleza)

"Eu acho que a mulher ocupa um lugar de luta. Por mais que tenha melhorado nossa situação no tempo que a gente vive, ainda precisa passar por barreiras pra poder ter mais oportunidades na vida." (Jovem, Juazeiro do Norte)

"Tem a maternidade que é maravilhoso! Mulher é uma flor. Somos doçura, acalento, somos tanta coisa e damos conta de muita coisa." (Adulta, Juazeiro do Norte)

O seu lugar no mundo

As mulheres foram à luta e obtiveram uma série de conquistas: **se sentem mais empoderadas emocionalmente, muitas são responsáveis financeiras por suas vidas e seus lares, obtiveram algum ganho de voz quanto ao machismo e às limitações sociais impostas.**

Mostram-se donas do que conquistaram, mas permanecem longe de estarem satisfeitas. **O seu lugar no mundo ainda é traçado por dificuldades, medos, dores, tensões e privações pelo simples fato de serem mulheres.**

“O preconceito contra a mulher existe só de ela ser mulher.” (Adulta, Fortaleza)

“Eu diria que, apesar de todas as lutas que a gente conseguiu conquistar, ainda somos colocadas na sombra dos homens. Tentam invisibilizar muito a nossa luta e nossa busca pela igualdade de gênero.” (Jovem, Juazeiro do Norte)



Pexels

O seu lugar na sociedade

Apesar das conquistas, ainda se veem lidando com uma cultura patriarcal que se manifesta de diferentes formas:

Alta exigência de um padrão de dedicação à família e ao gerenciamento eficiente do lar

Desigualdade salarial, de oportunidades e de respeito às suas opiniões

Necessidade de se impor, se provar, se posicionar para ser respeitada

Batalha permanente por reconhecimento e validação social e profissional

Violência de gênero, que se manifesta tanto de forma silenciosa e sorrateira quanto descarada e hostil



Freepik



“A gente já avançou muito, conseguiu ocupar bastante espaço, mas eu acho que ainda falta respeito. Por mais que a gente consiga demonstrar capacidade, evolução, que somos ótimas profissionais, além de dona de casa, mãe e mulher, a gente não recebe o respeito devido por ser mulher. Não só na profissão, é no todo.” (Adulta, Fortaleza)

“O mundo é muito competitivo, muito masculino ainda, mas a gente está correndo atrás e lutando pelo nosso direito, nosso lugarzinho.” (Adulta, Fortaleza)

“A gente tem de estar o tempo todo afirmando que é capaz, que a gente consegue. A gente tem capacidade, habilidade, inteligência, mas em determinados ambientes, só pelo fato de ser mulher, a gente é vista meio atravessado. Já avançamos muito, mas precisamos avançar mais.” (Adulta, Fortaleza)

“A gente está precisando de um crescimento na sociedade em relação ao preconceito e machismo que a gente enfrenta todo dia. É muito difícil porque a gente acaba desistindo dos nossos objetivos por causa da opressão da sociedade que diz que aquele não é o lugar da mulher, a mulher não tem que estar fazendo aquilo, tem que estar em casa cuidando da família. Então a gente vive nesse meio.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“Acredito que muitas mulheres, inclusive eu, sofremos pra quebrar algumas regras impostas historicamente: a dificuldade de ser mulher e ter seus direitos garantidos porque isso começa desde a infância, dentro da sua própria casa.” (Jovem, Crateús)

“A gente tem que quebrar tabus e partir para cima porque a igualdade tem que permanecer em todos os campos.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

Valores: a família

A família é um valor central, que tem como significados:

- Para as adultas, é **a prioridade, a principal fonte de motivação, o pilar estrutural**. Aquelas que são mães depositam/ investem esforço em benefício dos filhos;
- Entre as jovens, a família é **"a base", a fonte de apoio e referência**, a quem podem recorrer frente às dificuldades, medos e adversidades da vida.

"Meus filhos são minha base, quem me faz acordar de manhã. Eu tenho dois empregos pensando sempre no melhor para eles, por eles que eu enfrento todas as barreiras." (Adulta, Fortaleza)

"A família é meu apoio, são pessoas que vão me apoiar e posso contar com elas." (Jovem, Fortaleza)

"Eu cresci apenas com a minha mãe e carrego ela como exemplo de determinação e força de vontade." (Jovem, Juazeiro do Norte)



Pexels

Valores: o trabalho

O trabalho ocupa papel determinante para a mulher se sentir plena, atuando em duas dimensões:

- **Emocional:** é a chave para os sentimentos de **autoestima, satisfação e autonomia**, além do caminho em direção a um maior **reconhecimento pela sociedade**;
- **Racional:** permite **sobrevivência concreta**, prover **necessidades da família**, acesso ao **consumo/bens materiais**.

*“A profissão é uma provisão, **só de saber que você vai prover sua casa, sua família, eu acho que é muito prazeroso**. No final de tudo tem a recompensa para que você consiga realizar várias coisas na sua vida pra você e pra quem você vai proporcionar, no caso a família.” (Adulta, Fortaleza)*

*“Eu lembro que **o primeiro dinheiro que recebi do meu trabalho, comprei o pão com aquele dinheiro. O sabor daquele pão foi tudo.**” (Adulta, Juazeiro do Norte)*



Pexels

Valores: a educação

A educação/ estudo é valorizada por todas, tendo como significados:

- **Realização** / autoestima;
- Porta de entrada para o **mercado de trabalho**;
- Meio de ascensão social, projeção de **melhores perspectivas de vida**;
- Passaporte para a **independência/ liberdade**;
- Possibilidade de **crescimento pessoal e realização de sonhos materiais**.

“O estudo faz a gente ir muito longe. O que mais prezo é pela minha liberdade, de fazer o que quero e não ter que depender dos outros pra fazer o que realmente quero. O que vai me levar a isso é estudar.” (Jovem, Juazeiro do Norte)



Pexels

Sonhos

Para todas as mulheres, a **realização profissional mostra-se com um sonho intimamente ligado à ascensão, autonomia, liberdade e bem estar pessoal.**

Entre as adultas, a **estabilidade financeira é almejada como forma de satisfação pessoal**, mas também uma **premissa de livramento em casos de relações conjugais/afetivas disfuncionais ou abusivas.**

As mais jovens sonham **em se formar, fazer o que gostam profissionalmente, conquistar independência financeira.**

Sonham também em **extrapolar fronteiras, viajar, conhecer novos lugares.**

Em segundo plano, algumas jovens declaram desejar **constituir uma família** – um sonho que, segundo dizem, diferentemente das gerações anteriores, **não é prioritário, terá a sua hora, “sem pressa”.**



Pexels

Necessidades

Para as adultas, **ter tempo** é uma grande demanda: **tempo para o descanso, tempo para o lazer, tempo para se encontrarem consigo próprias**. Parece difícil encontrar alguma pausa no contrato da múltipla jornada (mãe, esposa, profissional, mulher) que lhes foi socialmente atribuída.

As jovens ressaltam o **respeito** como necessidade fundamental: **querem ter voz ativa e ser ouvidas**, que suas opiniões, atitudes, escolhas e subjetividades sejam respeitadas.

As adolescentes (16-17 anos) buscam **validação social, querem pertencer, conquistar seu espaço na sociedade e no mundo**.

Em comum, está a tensão vivenciada pela **necessidade (e falta) de segurança**. Hoje, vivem o mais absoluto **desprovimento do direito de ir e vir, a certeza da vulnerabilidade pela condição de serem mulheres**.

Pexels



“A gente acaba não tendo qualidade de tempo, coisas que a gente tem vontade de fazer, passar mais tempo com a família, com lazer, ou mesmo armar uma rede para se balançar.” (Adulta, Fortaleza)

“Eu tenho que dar conta da casa, da alimentação, dos dois filhos, o dia termina e eu não tenho tempo. Tempo para mim mesma eu não tenho.” (Adulta, Fortaleza)

“Muitas mulheres não trabalham, não têm como se manter e se submetem a viver uma vida de sacrifício e violência. Ter dinheiro nos livra de violência, estar em um casamento abusivo por conta do financeiro.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Acredito que praticamente todo mundo tem um exemplo de violência, invalidação, de algum acontecimento absurdo de uma mulher ao seu redor que gera esse tipo de medo e atenção. Sempre gerada por um homem.” (Jovem, Fortaleza)

“A gente precisa ser respeitada. As pessoas são ignorantes no sentido da mulher não poder ter a opinião dela, não poder ter o lugar dela, sempre tem que ser imposta pelo padrão que a sociedade colocou pra ela.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“O respeito abrange tudo em relação a mulher: o respeito de como a gente é, mas também respeitar as nossas decisões, profissões.” (Jovem, Crateús)

“O que me preocupa muito é a segurança. Todas mulheres tem isso, pois é um medo desde criança, pois sempre fomos ensinadas que o mundo é perigoso para as mulheres.” (Jovem, Crateús)

Preocupações

Preocupação (e, em muitos casos, obrigação) de **colocar comida na mesa, assumir ou contribuir financeiramente com as contas da casa**. Observa-se que muitas são mães-solo e provedoras da família.

As adultas preocupam-se com a **educação dos filhos**, enquanto as mais jovens preocupam-se com **a formação, o futuro, em encontrar um lugar no mercado de trabalho**.

Independente da faixa etária, **a segurança preocupa muito, dado que estão expostas a um mundo cada vez mais violento**.

A preocupação também se faz presente **no âmbito das relações: as mães temem que as filhas entrem numa relação disfuncional**, onde qualquer tipo de violência pode se fazer presente. **As mais jovens também se preocupam com as mães, irmãs, amigas que possam vir a se envolver em relações tóxicas ou agressivas**.



Freepik



“Eu tenho muito medo da violência, assalto, estupro, feminicídio é algo que me dá medo, embora nunca passei nem perto. Só de pensar me sinto preocupada.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Por ter quatro filhas tenho medo por elas, não confio que saiam só, vão para casa de ninguém e justamente por serem mulheres e as pessoas se aproveitarem delas. Tem também a questão de namorado e sempre falo para não confiar em ninguém. Só de ser mulher já temos algumas vulnerabilidades, pois às vezes se coloca em risco por não saber com quem está se envolvendo.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Por conta dessa força que a mulher imprime em tudo que ela vai fazer, os homens estão ficando cada vez mais violentos, a gente vê feminicídio acontecendo direto. Isso é por conta da insegurança do homem de ver uma mulher forte, uma mulher que sustenta a casa, uma mulher que não precisa do dinheiro dele, ver uma mulher empoderada, bonita.” (Adulta, Fortaleza)

“Eu tenho medo da minha tia passar por algo com namorado, minha mãe com o namorado. Em toda opção que envolve homem a gente tem medo como mulher. O nosso medo como mulher é o homem em si.” (Jovem, Fortaleza)

OS MEDOS ENFRENTADOS POR ELAS

O clima de opinião...

Quando as mulheres foram convidadas a falar sobre os medos e dores femininas, apreendeu-se um clima de “desabafo” e entrega. Nesse momento, a empatia entre as participantes ganhou contornos nítidos, tendo como fio comum as inseguranças, frustrações, apreensões e traumas.

Todas, de alguma forma, já foram tocadas pela dor da violência de gênero. Não há atenuantes para o sentimento de vulnerabilidade por serem mulheres.

A insegurança está tatuada na pele e acontece em casa, nos espaços públicos, na escola, no trabalho, no ambiente virtual, exigindo que desenvolvam estratégias pessoais de sobrevivência – como se segue.



Freepik

Violência doméstica

As mulheres que foram vítimas de violência sexual doméstica se mostram visivelmente “machucadas”. As sequelas são muito presentes e visíveis em cada palavra de seus depoimentos. Episódios dessa natureza normalmente envolvem familiares ou pessoas relativamente próximas – o ex-marido, o amigo do pai, o vizinho, o tio, o padrasto, o pai da amiga – o que torna a denúncia muito mais difícil e a dor ainda mais aguda.

Há também uma violência doméstica que não deixa marcas no corpo e sim na psiquê feminina: a violência psicológica que desqualifica, diminui, oprime a mulher cotidianamente.

Para aquelas que já passaram por qualquer tipo de violência doméstica, o pedido de socorro foi difícil, doloroso. Para outras, não aconteceu, o medo de ser desacreditada falou mais alto, as silenciou. Para todas, profundamente traumático.



“Esquecer você não esquece, mas passa.” (Adulta, Fortaleza)

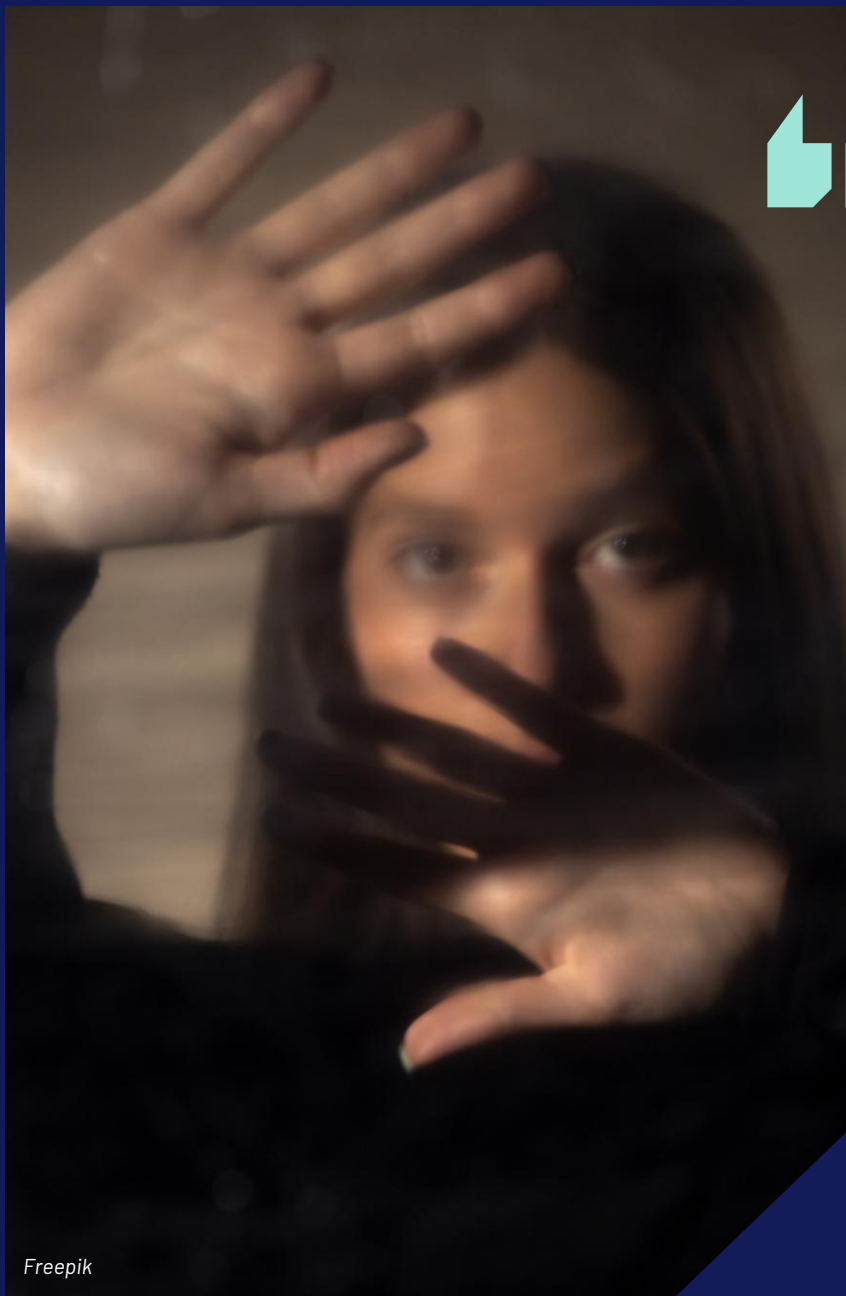
“Veio um primo do meu pai fazer um tratamento, era um senhor idoso, de cabelo branco e ele ficava hospedado em casa. **Ele me chamava e me sentava no colo e passava a mão no meu peito, eu nem tinha aquele carocinho ainda. Eu achava estranho. Quando eu percebi que ele estava descendo (a mão) eu tomei a iniciativa e comentei com a minha mãe.** A minha mãe era muito bruta, mulher de interior que roçava, aí ela o expulsou da minha casa, falou para o meu pai, que não acreditou. Mas a minha mãe acreditou em mim.” (Adulta, Fortaleza)

“A nossa casa pode ser a nossa segurança, mas nesses casos pode ser uma prisão.” (Jovem, Crateús)

“Um exemplo de violência psicológica é quando o seu casamento está ruim e ele fica fazendo pressão quando você quer findar o casamento para evitar que evolua talvez para uma violência física, aí **ele faz a pressão psicológica: se você separar eu tomo seu filho. Eu acho que essa é a maior pressão psicológica que afeta uma mulher que é mãe. Eu nunca apanhei, mas essa pressão psicológica foi grande.**” (Adulta, Fortaleza)

“Eu vejo o lado da violência sexual, tem vários casamentos que você acha que está tudo bem, mas **entre quatro paredes a mulher sofre.**” (Adulta, Fortaleza)

“Fui vítima de violência doméstica há muitos anos atrás, foi violência física e não sexual. Na época, eu era muito jovem e não compreendia o tamanho do problema, da situação. **Foi muito traumatizante.**” (Adulta, Juazeiro do Norte)



“Já passei dentro de um relacionamento. Os episódios começaram no meio da rua com gritos, depois se estenderam pra dentro de casa a ponto de eu me sentir inferior, com medo. Quando os sinais foram de muito grito, falta de respeito, percebi que até poderia bater de frente, mas até que ponto ele seria mais forte que eu? Eu procurei ajuda psicológica porque na época não conseguia sair daquilo.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“A nossa região é muito conhecida porque já aconteceram muitos crimes bárbaros com as mulheres. Aqui no Cariri tem muitas mulheres que vivem essa situação de relacionamento abusivo, feminicídio, estupro.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Tive um caso na infância de sofrer um assédio por parte de um amigo do meu pai. O meu pai confiou de deixar esse amigo e ele se aproveitou da situação.” (Jovem, Fortaleza)

“Já aconteceu na casa da minha bisavó de eu ter sofrido um assédio da parte de um tio, irmão da minha vó, ele passou a mão na minha coxa. Eu acho que tinha uns doze anos, mas desde aquele momento nunca mais gostei de andar em casa de parente, se tiver muito homem, não conhecer, não tiver intimidade, não gosto. Foi uma situação perturbadora e ninguém merece ser assediado. Eu era muito nova demorou pra eu entender isso. Na época foi tão traumático que esqueci, não falei pra ninguém e guardei em um lugar e ficou. só conseguir falar e entender a gravidade do que aconteceu depois de adulta fazendo terapia.” (Jovem, Fortaleza)

“A maioria das mulheres violentadas e agredidas é porque disse “não” ao homem. A gente tem direito de dizer não, a gente tem de ter esse direito.” (Adulta, Fortaleza)



Pexels

Violência urbana

Em todas as cidades estudadas, as mulheres vivem os espaços públicos com mais medo, menos liberdade de ir e vir, menos fluidez. Convivem com um medo enorme de sair de casa e de se exporem a violência das ruas.

Discorrem sobre episódios de assalto e assédio em todos os momentos do cotidiano: dia, noite, indo para escola, voltando do trabalho. Declaram que, no caso de assaltos, mulheres são os alvos preferenciais devido ao estereótipo de gênero: fisicamente mais fracas, menor capacidade de defesa, rendição mais fácil.

Diante dessa realidade, evitam andar sozinhas nas ruas, vão em busca de lugares seguros para transitar, passear, circular. E, principalmente, vivem suas cidades em um estado de alerta constante.



“Tenho muito medo de andar na rua. Eu sou uma mulher homossexual, tenho um estilo mais masculino, mas não deixo de ser mulher. As pessoas acham que pessoas como eu, por serem mais masculinas, são mais livres dessa falta de segurança ao andar na rua. Uma vez andando na rua quase fui sequestrada por um homem. Era um mototáxi, **ele ficou insistentemente oferecendo carona, tentou me agarrar e puxar para cima da moto. É um trauma que carrego até hoje.**” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“Eu tenho **medo até mesmo de andar sozinha aqui no meu bairro porque ninguém respeita**, aparece maluco do nada.” (Adulta, Fortaleza)

“Eu mesma já passei por uma situação na rua Padre Cicero, uma rua bem movimentada, **o rapaz passou de bicicleta e simplesmente apertou meu peito. Eu comecei a esculhambar com ele, joguei pedra, comecei a gritar e ele saiu como se nada tivesse acontecido.**” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“Além do assédio, tem o assalto também. Eles visam a gente como um alvo fraco, já fui assaltada umas quatro vezes. **Eles percebem que é uma garota quase que indefesa e xingam, levam suas coisas, tratam mal. É bem cruel.**” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“O assédio é muito presente, **geralmente comigo são homens mais velhos que dão uma cantada, lhe segue muitas vezes.** Eu já fui abordada tanto durante o dia quanto à noite.” (Jovem, Crateús)

“**Quando vê que é uma mulher ,eles vão logo assaltando sem medo nenhum.**” (Adulta, Juazeiro do Norte)



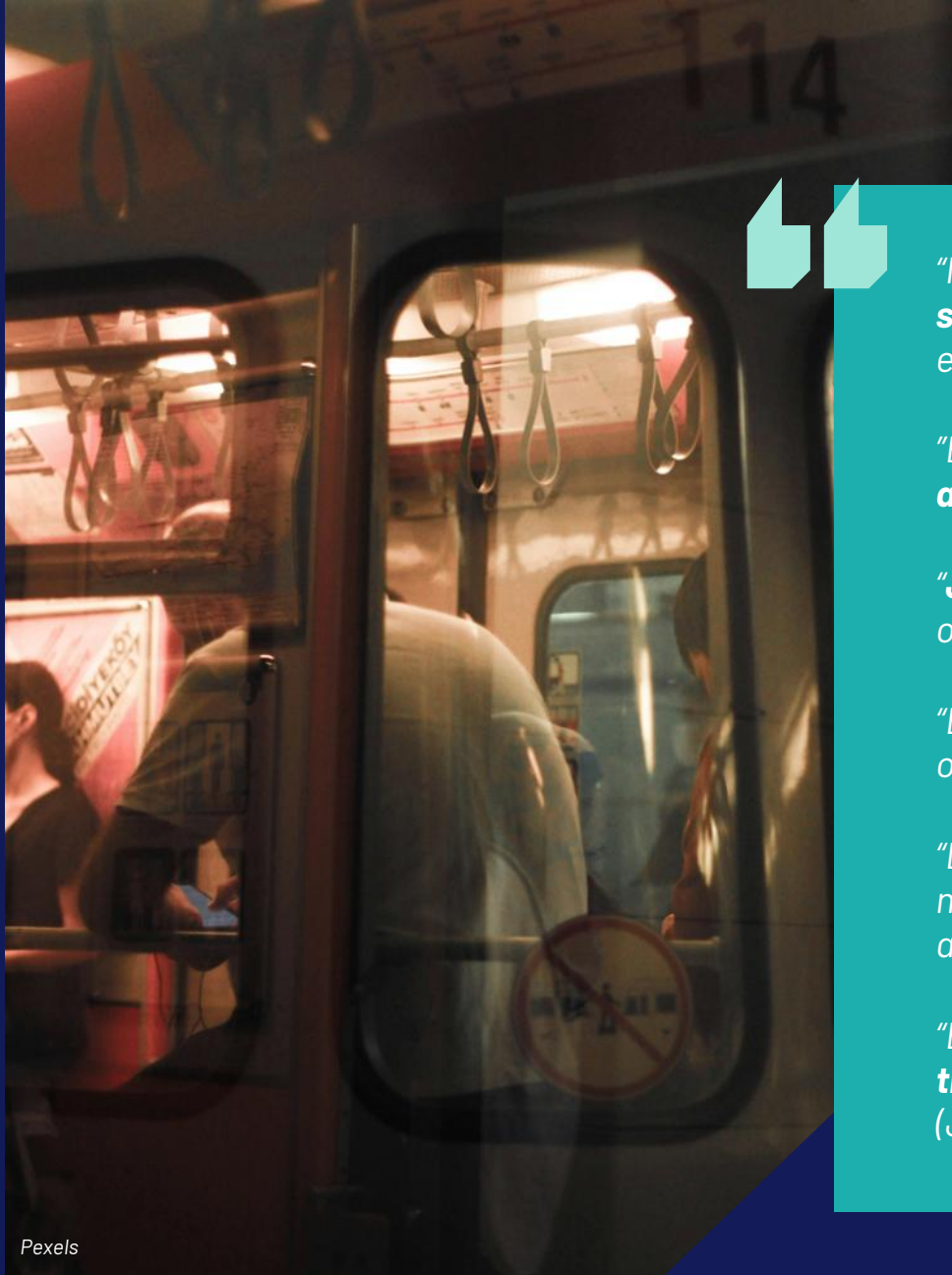
Pexels

Insegurança nos meios de deslocamento

O transporte não é apenas um meio usado para locomoção, representa um lugar de risco e demanda cuidado e atenção permanente.

Tanto o transporte público quanto o transporte por aplicativo são territórios onde as mulheres sabem que estão sujeitas à imprevisibilidade. Tudo pode acontecer ou já aconteceu: olhares maliciosos, toques abusivos, abordagens dissimuladas.

Para lidar com essa realidade, algumas aboliram o uso de transporte por aplicativo quando estão sozinhas, outras mantêm um estado de alerta sem trégua para o enfrentamento de algo que deveria ser apenas um deslocamento.



“No tempo da faculdade eu fui assediada três vezes no ônibus. Numa delas, **eu estava sentada e o homem em pé encostou as partes íntimas no meu braço** e eu afastando e ele indo para cima.” (Adulta, Fortaleza)

“Eles se aproveitam quando o ônibus está lotado e **ficam se esfregando na pessoa e argumentam que o ônibus está lotado.**” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“**Já sofri assédio dentro do ônibus, o cara queria passar a mão em mim.** Sempre tem os gaiatos que querem fazer assédio com a gente.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Eu tenho muito medo de pedir um Uber, pois já aconteceu muito comigo de mudarem o caminho. **A gente sempre tem que estar atenta a tudo.**” (Jovem, Fortaleza)

“Desde que o mundo é mundo, nós mulheres precisamos de segurança. Ir a um bar e não ser perturbada, **pegar um ônibus e não ter um homem me olhando nojento** e por aí em diante.” (Jovem, Fortaleza)

“Eu tenho medo de Uber, pois **eu me sinto mais vulnerável como se ele conseguisse travar as portas e eu não conseguisse demonstrar que estou correndo perigo.**” (Jovem, Crateús)



Sexismo e assédio no ambiente de trabalho

O sexismo e a inequidade de gênero são uma constante nos ambientes profissionais. Os relatos vão desde a desigualdade salarial, a invisibilidade, a inferiorização, a inexistência de oportunidade de ascensão, a ausência de espaço em cargos de liderança, até a não contratação pelo custo de uma eventual licença-maternidade.

Além disso, ainda que não frequente, algumas mulheres relatam já terem sofrido assédio moral e sexual. Nesses casos, o amordaçamento parece falar bem alto: a fragilidade diante de uma figura de maior poder hierárquico, o medo de sofrer represália, a apreensão quanto ao julgamento dos colegas são algumas das razões mencionadas para o silenciamento.



“Tem muita empresa que não quer contratar mulher por conta de gravidez, contrata só se tiver laqueadura e ainda tem que provar que fez. Tudo isso precisa ser mudado, pois a mulher tem os mesmos direitos e somos guerreiras.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Ele mandou uma mensagem que tinha me visto de costas, que tinha me desejado. Ele já era bem famoso no local por ficar com as garotas, pois era uma clínica com muita mulher. Eu fiquei sem reação. Não contei pra ninguém, ficou uma coisa interna, fiquei muito mal.” (Adulta, Fortaleza)

“Quando aconteceu tive certo medo de denunciar porque ele era uma pessoa muito importante para o local e tive esse medo de eu sair como errada, talvez até perder o meu estágio por estava em uma posição menor que a dele.(...) Eu me sentia invadida.” (Jovem, Crateús)

“Vou tremer um pouco porque isso ainda mexe comigo. Antes de trabalhar onde estou hoje, na escola, eu trabalhava em casa de família e era assediada direto pelo meu patrão. Por exemplo, se eu estivesse no banheiro ela entrava lá, ficava me agarrando, pegando nas minhas partes. Eu trabalhei 17 anos nessa casa, pois eu fui mãe aos 15 anos e precisava cuidar da minha filha, eu não podia abrir mão daquele trabalho. (...) É muito difícil falar desse assunto, ainda mexe comigo, vivi isso e ainda hoje falo disso com muita dor.(...) É uma seqüela que fica.” (Adulta, Crateús)

Assédio no ambiente educacional

Ainda que em menor grau, a escola e o meio acadêmico figuram como ambientes de apreensão. Os episódios de violência moral, psicológica ou sexual são pontuais, mas existem e são traumáticos.

Alguns relatos remontam a episódios de assédio na infância, outros na adolescência, outros na fase universitária – ora por colegas, ora por professores. Marcas fincadas na memória das vítimas.

Aqui também a cultura do silenciamento se mostra presente, prevalecendo a inércia da vítima por diferentes razões: pela imaturidade natural da infância, pelo temor da retaliação do professor, pelo medo do julgamento culpabilizador de colegas, pelo receio da inação dos dirigentes da instituição de ensino.

Freepik



“Entrei na faculdade bem nova e **o meu professor de anatomia falava que a vulva da vaca quando estava no cio era igual as mulheres que passavam batom vermelho para atrair os machos.** Ele dizia isso na maior cara de pau durante as aulas, quando ia entregar a prova das meninas fazia questão de lembrar do batom. E todo mundo tinha medo de não passar na disciplina dele porque era requisito para outra disciplina. (...) Infelizmente a gente está sujeita a isso não só nas faculdades, mas em todo canto. Na sala de aula é muito comum e a gente se retrai pelo medo realmente.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“Geralmente quando essas coisas acontecem no ensino fundamental, **sendo professor e aluno, quando você vai recorrer a algum diretor eles não te ajudam. Eles não acreditam e você e sai como errada e pronto.** Você pode chorar, falar, mas não ajudam em nada.” (Jovem, Crateús)

“Eu passei por uma questão no início da faculdade, pois eu tinha um melhor amigo de faculdade. **Em uma situação de vulnerabilidade, ele se aproveitou do fato de ser muito amigo e próximo e tentou ter relação comigo. Ele agiu de uma forma extremamente grosseira, escrota** e deixamos de ser amigos nesse mesmo dia. Foi um medo que desenvolvi lá, mas que eu já tinha e estou tratando em terapia.” (Jovem, Fortaleza)

“**Um professor foi por afastado por assédio físico,** mas ele voltou para a escola porque não teve prova. **A gente fica com receio, porque ele voltou e não aconteceu nada.**” (Jovem, Juazeiro do Norte)



Violência digital

O ambiente virtual tornou-se um espaço de risco e apreensão para as mulheres. A violência digital tem diferentes rostos: exposed, cyberbullying, mensagens libidinosas, violação da intimidade, difamação, ridicularização, uso indevido de imagens (que pode ter a Inteligência Artificial como agravante), além da propagação de conteúdos misóginos, machistas e violentos.

Entre as adolescentes (16-17 anos), esse território parece mais próximo e ameaçador. Experiências próprias ou próximas revelam o lado perverso do ambiente digital que tem reflexos na autoestima, autoconfiança e saúde emocional das vítimas.

A maioria das mulheres de todas as faixas de idade passou a adotar o uso controlado e a autocensura virtual: menos posts, bloqueio dos comentários, restrição dos seguidores a pessoas de fato conhecidas. As mães, principalmente de meninas, supervisionam o uso que as filhas fazem das redes.

Pexels



“Eu acho que de todas aqui é difícil não ter uma que não tenha passado por isso.”

(Jovem, Crateús)

“O risco de ser exposta, de **arrumar um paquera em redes sociais que pede uma foto e usa aquilo contra você, lhe expor, lhe ridicularizar.”** (Adulta, Fortaleza)

“O meu medo é minha filha, ela tem 13 anos e está entrando na adolescência, quando ela dorme **eu pego o celular dela e vou ver com quem ela conversou, qual foi o assunto, se teve troca de foto, qual a faixa etária das pessoas que ela conversa.”** (Adulta, Fortaleza)

“Já teve um homem que me perseguiu nas redes sociais. **Ele criava várias contas e por mais que bloqueasse ele aparecia com outra e ficava me assediando com foto da genitália e essas coisas. Assédios verbais também. Eu passei um tempo sem usar minhas redes sociais pra ver se essa situação parava. Cheguei a contar para os meus pais, mas não era uma pessoa que eu conhecia.”** (Jovem, Juazeiro do Norte)

“Esses abusadores se sentem mais escondidos, protegidos atrás de um perfil para fazer esse tipo de assédio. (...) É muito constrangedor, indecente.” (Jovem, Crateús)

“Ele foi nas minhas fotos, fez uma montagem um pênis em direção a minha boca. Fiquei desesperada, bloqueie, cancelei um tempão sem usar a rede. (...) Antes eu gostava de postar foto. Sou muito vaidosa, adoro tirar foto, tiro mil fotos para salvar uma, mas hoje não faço mais isso, não posto mais porque fiquei traumatizada.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

Pexels



Pexels

E as adolescentes nesse cenário?

As adolescentes (16-17 anos) manifestam já ter compreendido que não é fácil ser mulher. Mostram-se conhecedoras dos riscos inerentes à condição feminina dentro do contexto social a que pertencem.

A maioria delas já passou por investidas masculinas indesejadas ou abusivas: “cantadas” presenciais nos espaços públicos e/ou na escola e, principalmente, assédio, perseguição, constrangimento nas redes sociais. Em geral, todas tiveram a figura materna como lugar de conversa, acolhimento e orientação.

São meninas-mulheres que, nitidamente, se mostram vigilantes e já entenderam o peso de viver em uma sociedade que não lhes garante segurança.



“Querendo ou não a **gente sofre um medo constante, seja na praia, na rua ou até na escola, pois não podemos confiar em ninguém.**” (Adolescente, Fortaleza)

“**Eu sempre fui muito avisada dessas coisas, nunca mandei fotos, nunca falava informações.** Minha mãe sempre me ensinou.” (Adolescente, Crateús)

“Quando posto uma foto desativo os comentários mesmo minha conta sendo privada pra não ocorrer nada do tipo. **Tanto no Instagram quanto no TikTok já priorizo isso, desativo os comentários para não correr o risco de isso acontecer.**” (Adolescente, Juazeiro do Norte)

“Não consigo andar só, pois **fico muito desconfortável de andar sozinha ou estar em ambientes só com homens. Eu tenho medo, desconforto muito grande, mesmo homens conhecidos.**” (Adolescente, Fortaleza)

“Nas redes sociais, **tem homem que pega foto, manda mensagem e depois quer perseguir a pessoa, mesmo não tendo conversa alguma, Fica uma perseguição.**” (Adolescente, Fortaleza)

“Quem anda muito na rua solo tem medo de assédio. **Nunca sabe o que pode acontecer com a gente.** Por mais que a mulher faça artes marciais ou algo do tipo ela tem o medo.” (Adolescente, Crateús)

Fatores que contribuem para os medos das mulheres

Cultura patriarcal enraizada. Ciência de que na nossa sociedade a mulher é vista pela lente masculina, que a desrespeita, oprime e silencia.

*"Já vem criado desde de casa. **A mãe ensina pra mulher a fazer tudo, cozinhar, limpar, mas o filho homem não precisa fazer nada disso, nunca é ensinado fazer nada disso. É o machismo enraizado dentro de casa mesmo.**" (Jovem, Fortaleza)*

Construções sociais que naturalizam ou relativizam a violência contra a mulher, muitas vezes **culpabilizando a vítima.**

*"A gente vê muitos casos de estupro, sequestro, mas vemos que as pessoas estão considerando algo normal, que é só mais um caso. É algo que está se normalizando pois **infelizmente tem acontecido com tanta frequência que as pessoas estão começando a normalizar. Isso me dá medo.**" (Jovem, Crateús)*

Fatores que contribuem para os medos das mulheres

Descrença nas instituições, principalmente na Justiça. Consciência de que **os homens têm convicção da sua impunidade.**

*“Se as leis fossem mais rígidas eles teriam mais medo de agredir, estuprar e assediar mulheres. Se tivesse castração química para estuprador, acho que diminuiria muito os casos. Mas hoje em dia você morre na mão dos outros e às vezes nem é preso porque foge. **Se fica preso, sai depois de cinco anos para matar outra mulher.** Então se a lei fosse mais dura acho que diminuiria esses casos.” (Jovem, Juazeiro do Norte)*

*“Tenho medo de sair e não voltar mais para casa, pois não tem segurança no país que vivemos hoje. **Tem muitos casos que acontecem e não se faz nada, então não traz segurança pra a gente. Nunca é resolvido.**” (Jovem, Crateús)*

*“É uma violência que vivemos diariamente, constantemente, de vários atos. **Não sei o que os órgãos públicos esperam mais, pois o tanto de feminicídios que vem acontecendo, seja com criança, mulher, idosas.** Não sei a solução, mas espero que um dia a gente descubra para que isso acabe, pois sofremos diariamente.” (Adulta, Juazeiro do Norte)*

Fatores que contribuem para os medos das mulheres

Estatísticas assustadoras divulgadas pela mídia sobre **o número crescente de feminicídios no Brasil.**

*“Uma coisa que percebi é que **nos últimos tempos os casos de feminicídio teve uma crescente absurda.**” (Jovem, Juazeiro do Norte)*

Embora tenha havido avanços com a Lei Maria da Penha, ainda **se sentem desamparadas socialmente e juridicamente.**

*“É falado da lei Maria da Penha, mas eu acredito que nós mulheres deveríamos ser mais ouvidas. Muitas vezes **a gente tenta fazer uma justiça, falar algo, mas muitas vezes não somos valorizadas. O meu maior medo seria esse da gente não ser ouvida pela nossa sociedade.**” (Jovem, Fortaleza)*

*“Vem muito desse **apagamento, não ser ouvida, pois não existe o espaço para a mulher falar o lado dela da história.**” (Jovem, Fortaleza)*

A quem recorrer?

Em todas as praças e faixas de idade estudadas, as mulheres se consideram bem informadas quanto a quem pedir socorro em situação de violência.

Fortaleza: Delegacia da Mulher, delegacia de polícia, 190 e 180, Casa da Mulher Brasileira (menções pontuais)

Juazeiro do Norte: delegacia de polícia, Delegacia da Mulher, 190, 180, Casa da Mulher Cearense

Crateús: Polícia e 190. O fato de não haver uma Delegacia da Mulher na cidade (declaram estar em construção) faz com que se sintam mais coibidas a fazer uma denúncia, considerando que a maioria dos agentes policiais são homens

Barreiras para denunciar a violência

Medo do agressor, de que a denúncia leve ao escalonamento do ciclo de violência. Nesse sentido, é recorrente a ideia de que as **medidas protetivas não têm eficácia** e acabam agravando a situação: **impulsionam a ira do agressor levando ao feminicídio.**

*“Se em um ato de violência a mulher chama a polícia e ele dorme na delegacia, **no outro dia esse homem quer se vingar dessa mulher que denunciou ele. Quando ele voltar vai fazer pior.**” (Adulta, Fortaleza)*

*“**Vemos muitos casos de denúncia e a pessoa perde a vida por isso.**” (Jovem, Crateús)*

*“Tem a questão da medida protetiva, às vezes a mulher sofre uma violência doméstica e **ela sai com papel na mão dizendo que aquele homem não pode chegar perto dela. Me diga se isso resolve alguma coisa? Acontece é que esse homem fica com raiva e no lugar de bater, ele vai matar.**” (Adulta, Fortaleza)*

*“Essa tal de medida protetiva não serve, pois tem muitos casos que a mulher perdeu a vida com a medida protetiva, não resolve. **A pessoa liga, mas até a polícia chegar já matou.**” (Adulta, Juazeiro do Norte)*

Barreiras para denunciar a violência

Impunidade: opinião de que tanto as leis quanto o sistema judicial brasileiro são falhos, na medida em que não coíbem a violência e não punem adequadamente o agressor.

"O pior é a impunidade dos agressores, o cara faz e não acontece nada. A violência contra a mulher era para ser vista como a coisa mais hedionda a ponto de ter de ficar preso pra sempre. O cara que bateu em uma vai bater em outra, se matou uma vai matar outra, não tem cura, não tem salvação." (Adulta, Fortaleza)

Alto custo emocional da revitimização: receio de ser submetida a uma abordagem pouco sensível, que revitimiza ao invés de proteger.

"Eu ouvi o relato de uma pessoa falando que foi à delegacia e quem atendeu foram policiais homens, ficaram perguntando: tem certeza? Foi isso mesmo que aconteceu? Isso vai descredibilizando essa mulher que já está fragilizada, violada de várias formas." (Adulta, Fortaleza)

"Eles perguntam demais, ficam fazendo questionamentos. A pessoa fica mais frágil." (Jovem, Fortaleza)

Barreiras para denunciar a violência

Medo de **serem culpabilizadas, tanto por homens quanto por mulheres: “ela deu mole”, “ela estava gostando”, “ela provocou”, “ela deu moral”**. Declaram que muitas mulheres acabam reproduzindo opiniões e julgamentos machistas.

“Eu fico indignada quando vejo uma mulher se pronunciar dessa forma: ‘você estava gostando’.” (Adulta, Crateús)

Medo de implicações sociais: **ser incompreendida, ser desacreditada, ficar exposta, ficar estigmatizada.**

“O medo, a vergonha. Já aconteceu de eu ser agredida por um ex companheiro e sentir vergonha de procurar a Justiça. Eu acho que a gente não tem que ter vergonha, quem tem que ter vergonha é o agressor mas acontece, porque já aconteceu comigo.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“A mulher muitas vezes se sente insegura de se expor e não dar em nada.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

Barreiras para denunciar a violência

Relação de **dependência financeira e/ou emocional** com o agressor.

*“Essa mulher vem em uma constância de violência, esse marido impede de trabalhar, ela é uma dona de casa que depende dele, não tem ninguém para quem recorrer, **se ela sair dessa casa ela não tem para onde ir, não tem dinheiro pra se sustentar e acaba se submetendo.**” (Adulta, Fortaleza)*

*“**Me sentia humilhada por ele, triste, não podia falar com ninguém, é algo muito ruim.** Você sofre a violência, mas a pessoa no outro dia fala que vai mudar, mas não muda. **Você vai levando e guardando a esperança que venha a mudança, mas nunca vem. Sempre vem algo pior.**” (Adulta, Crateús)*

Crateús: constrangimento, inadequação de relatar qualquer ocorrência de importunação sexual para **agentes policiais do sexo masculino.**

*“**Casos mais íntimos temos dificuldade de falar pra homem.** Fica mais difícil o fato de na delegacia não ter tanto o acolhimento feminino.” (Jovem, Crateús)*

ATORES RESPONSÁVEIS E SOLUÇÕES

Atores responsáveis

Entre todas as mulheres ouvidas, há um sentimento de desengano/ desamparo diante das instituições e do poder público no enfrentamento da questão.

A mobilização do combate à violência contra a mulher é atribuída a diversas frentes:

- Poderes judiciário, legislativo e executivo
- Instituições de ensino
- Mídia e imprensa em geral

De forma estimulada, as mulheres foram convidadas a pensar em medidas para enfrentamento do problema por parte desses atores sociais e de alguns outros – como se segue.

Poder Público

Campanha de conscientização abordando os recursos para reconhecer e lidar com diferentes situações de violência. Divulgação dos canais de denúncia e acolhimento

Garantir amparo financeiro e psicológico para as vítimas de violência

Criação de políticas públicas de inserção da mulher em situação de violência no mercado de trabalho: cursos profissionalizantes, encaminhamento profissional

Leis mais rígidas para punir os agressores

Investir em segurança pública: aumentar o policiamento nas ruas, rondas noturnas em pontos de ônibus e em bairros periféricos, melhorar a iluminação pública, implantar câmeras de segurança nas vias

Medidas socioeducativas voltadas para o público masculino

Fortaleza: aumentar o número de Delegacias da Mulher
Juazeiro do Norte: aumentar o número de viaturas de ronda nas ruas
Crateús: ter mulheres nas delegacias para receber as denúncias



Freepik



“Eu acho que os governantes, vereadores, deputados, prefeitos, governadores têm de buscar melhorias para que a gente se sinta mais segura. Mais campanhas em defesa da mulher, mais policiamento nas ruas, mais câmeras de vigilância, mais centros de defesa da mulher, mais conscientização. Tem muita mulher que não sabe dos seus direitos, não sabe como se resguardar.” (Adulta, Fortaleza)

“De fato criar penas maiores, leis que realmente punam essas pessoas e que tenham medo de cometer esses tipos de crime.” (Jovem, Crateús)

“Eu creio que o homem tem que ser trabalhado também. O governo implementar um plano para mostrar que mulher não é propriedade de ninguém, não é obrigada a ficar com ele.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Acho que na questão da rede de apoio psicológico, os órgãos públicos poderiam ser mais efetivos, mais presentes. A gente sabe que existe na rede pública, mas não tem tanta assistência.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“Em muitas situações que as mulheres passam nos relacionamentos, elas têm medo de sair porque têm medo do futuro, como vai ser daqui pra frente. Tem que ter um amparo, não só psicológico, mas financeiro.” (Jovem, Crateús)

“Intensificar a divulgação dos meios que a mulher poder recorrer se acontecer algum tipo de assédio, violência, enfim. Algo que realmente as mulheres se sintam seguras que elas podem denunciar, que elas vão ser ouvidas, acolhidas e que essas pessoas vão ser responsabilizadas.” (Jovem, Crateús)

Sociedade civil

Criação de projetos sociais para informar e acolher psicologicamente as vítimas

Divulgação contínua de medidas preventivas conscientizando sobre os tipos e formas de violência, padrões do agressor, etc.

Encaminhamento das vítimas para projetos que gerem renda - primordial para "libertar" aquelas que se veem acorrentadas no ciclo de violência doméstica por dependência financeira

Palestras em escolas e universidades, com conteúdos que orientem sobre o tema e tragam luz à importância da denúncia

Criar espaços para o diálogo: coletivos femininos para acolhimento de mulheres em situação de violência

Inclusão do público masculino na pauta identitária feminista



Freepik



“Estar sempre levantando a bandeira de defender a mulher e não só colocada quando for preciso ou numa na data necessária. Que seja sempre pois todos os dias tem feminicídio, tem uma mulher sendo violentada.” (Jovem, Crateús)

“Atender pessoas que foram violentadas e dar um apoio psicológico, pois é preciso pra que a mulher possa se libertar de um relacionamento abusivo ou que passou por uma situação de violência traumatizante.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“As universidades e ONGs poderiam trazer essa pauta para as escolas e incluir os meninos nisso, para crescerem como homens e saber que aquilo é errado. É de total importância que eles participem, pois a educação sexual é para todos. A falta deles nisso causa muitas consequências. Não é à toa que a gente vê muitas adolescentes grávidas e meninos que não sabem nem colocar uma camisinha.” (Jovem, Fortaleza)

“As universidades poderiam pensar nessas propostas de projetos sociais para informar e acolher a mulheres vítimas. As ONGs também poderiam investir na causa do acolhimento da mulher vítima de violência. Trabalhar de forma preventiva, pois é muito importante pra que a mulher tenha ciência se ela está em um ciclo de violência e não consegue sair.” (Adulta, Crateús)

“Tem que desnormalizar essa normalização da agressão da mulher dentro de casa, a mulher ser tratada como inferior dentro de casa. Então acho que a gente tem que cortar o mal pela raiz.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

Mídia e redes sociais

Divulgar canais de denúncia, canais de acolhimento/abrigo e redes de proteção à mulher

Criar campanha educativa com relatos confessionais de mulheres vítimas de diferentes tipos de violência, encorajando a denúncia

Divulgar o sinal com a mão, reconhecido como pedido silencioso de socorro

Regulamentação das redes sociais, controlando conteúdos indevidos e punindo agressores virtuais

Divulgação do tema o ano inteiro, e não apenas em datas específicas, em diferentes veículos: SMS, TV, rádio, outdoor, postos de saúde, mobiliário urbano

Crateús: divulgação dos canais de denúncia bairros periféricos e na zona rural, através de carro de som, panfleto em semáforo, banners em escolas e postos de saúde



Freepik



“Seria bem interessante trazer essas mulheres que passaram por isso, relatos, inclusive de mulheres que se livraram da situação. Incentivar a mulher a denunciar, sair da situação.” (Jovem, Crateús)

“Quanto maior a divulgação, mais mulheres começam a entender que precisa de coragem para cada uma de nós se defender. Divulgar não só o número da denúncia, mas alguma coisa que desestimule o homem de fazer aquilo.” (Adulta, Fortaleza)

“Tem que divulgar o símbolo com a mão da pessoa que está passando por alguma situação de violência.” (Jovem, Crateús)

“A internet é uma terra sem lei. Não é porque é sem lei que não podemos impor nada, mas tem que ter lei, tem que ter um limite pra tudo isso.” (Jovem, Fortaleza)

“Cartazes principalmente em bairros mais periféricos que a informação não chega com tanta força, nas paredes, postes, escolas, Até mesmo carros de som ou algo parecido, pois temos que pensar na periferia e em quem não tem acesso à leitura.” (Jovem, Crateús)

“Conscientizar, fazer entender como que funciona. Vai iniciar com a violência psicológica, depois vai para a física, depois patrimonial, moral. Engloba várias violências, mas algumas sofrem só um tipo e outras todas as violências possíveis. Conscientizar fazendo entender o que é cada tipo de violência.” (Adulta, Crateús)

Empresas

Comunicação clara sobre regras de respeito às mulheres

Campanhas internas para coibir a engrenagem silenciosa da violência de gênero

Palestras/ cursos sobre o tema, de forma sistemática

Política de inclusão: abertura de vagas para mulheres vítimas de violência

Ouvidoria/ Canal de denúncia: clareza quanto ao anonimato para reduzir o custo emocional de pedir ajuda



Pexels



“Mostrar que ali não é admitido o assédio, agressão de qualquer forma.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Eu acho que empresas deveriam ter palestras de tempos em tempos falando desse assunto.” (Adulta, Fortaleza)

“Poderiam abrir vagas para as mulheres vulneráveis. A partir do momento que a mulher vive em uma situação assim em casa com o marido, não tem capacitação de nada, pra onde ela vai correr? Se o governo investir na capacitação da mulher junto com as empresas amenizaria muito, embora vai continuar existindo.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“A questão da conscientização: informar o que é uma violência, fazer entender como que funciona, o que é cada tipo de violência.” (Adulta, Crateús)

“Além da conscientização que é a chave principal, as empresas poderiam assegurar e dar todo suporte necessário.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“As empresas fazer mais propagandas voltadas a isso e ajudar nessa causa.” (Jovem, Fortaleza)

“Eu acho que ouvidoria é algo muito importante pra que pessoa se sinta segura e que ela possa falar tudo aquilo que esteja passando e venha a ser feito algo.” (Jovem, Crateús)

Instituições de ensino

Incluir educação sexual e socioemocional nas escolas

Educação junto ao público masculino buscando a desconstrução de valores patriarcais

Atendimento psicológico às vítimas de violência em cursos de psicologia das universidades

Cursos profissionalizantes para vítimas de violência

Palestras sobre violência de gênero: elucidação sobre os tipos de violência, as fases do ciclo da violência, como reagir, a quem recorrer



Freepik



“O problema está na base, no patriarcado. Os homens são ensinados a ser fortes, a ter sempre essa imagem muito autoritária. Eu acho que a desconstrução desse padrão tem que vir da educação.” (Jovem, Crateús)

“Eu penso que o ambiente educacional teria que ter mais mobilização sobre isso, porque a estrutura familiar coopera muito para esse homem ser um agressor. Às vezes, quando criança, ele está em uma estrutura familiar totalmente disfuncional e ele acha que o certo é ser violento. Aí ele chega na escola, na faculdade e o curso que ele faz não aborda assuntos como esse. Eu penso que a parte educacional, além da família, também precisa ser responsabilizada na questão da conscientização.” (Adulta, Fortaleza)

“As escolas deveriam ensinar o respeito para com a mulher em geral. De repente criar uma disciplina na educação básica e fundamental nessa questão da violência contra a mulher.” (Adulta, Fortaleza)

“Tem que ir trabalhando nas escolas desde o ensino infantil com meninas e meninos, ensinando que isso não é normal, não pode. Tem que desnormalizar essa normalização da agressão da mulher dentro de casa, a mulher ser tratada como inferior dentro de casa. Então acho que a gente tem que cortar o mal pela raiz.” (Jovem, Juazeiro do Norte)

“Colocar algum curso profissionalizante pra mulheres que querem aprender uma função e sair da dependência financeira. Isso é um das coisas que leva mais a dependência do homem.” (Adulta, Juazeiro do Norte)

“Conscientizar nas escolas, nas salas de aula, entender o ambiente escolar. Como esses meninos estão pensando e como eles reagem com as meninas dentro da escola?” (Jovem, Fortaleza)

RESULTADOS DAS ENTREVISTAS
EM PROFUNDIDADE COM

ESPECIALISTAS

O LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE



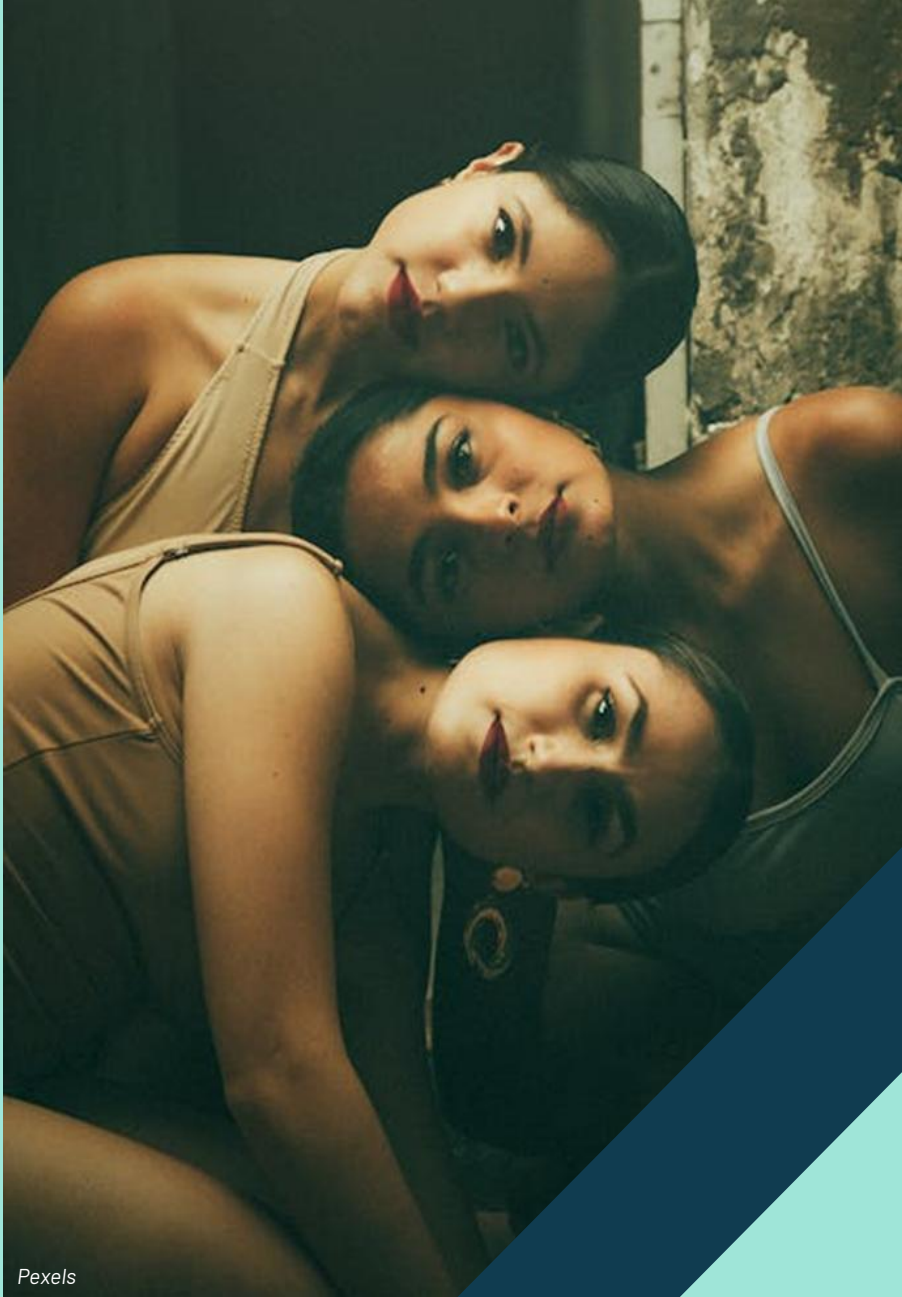
Freepik

O lugar da mulher

Na ótica das Especialistas, **o desejo e necessidade da mulher de alargar seus próprios horizontes – de vida e perspectivas – e buscar uma sociedade mais igualitária faz com que venha mudando de “lugar” na sociedade.**

Torna-se **protagonista de transformações significativas**: vem se firmando com mais **autonomia e liberdade de escolhas, exercendo atividades, vocações e interesses, para além da casa e família.**

As palavras **emancipação, empoderamento, luta, trabalho** são utilizadas de forma recorrente para definir esse papel.



Pexels

O lugar da mulher

No que se refere a **valores como autoridade, independência, capacidade de intervir socialmente (fora do lar), as mulheres encontram ainda muitos obstáculos e resistências.**

No âmbito pessoal, doméstico, afetivo, **muitas ainda têm como pares homens que se sentem proprietários, dominadores**, tendo a mulher idealmente como subordinada, dependente, uma “presa”.

Mesmo **boa parte das mulheres ainda repete valores machistas**, seja no relacionamento pessoal, familiar, social e **também na criação dos filhos – consolidando a tendência a inferiorização feminina, ainda por longo tempo.**



Pexels

O lugar da mulher

Acredita-se que as conquistas femininas são lentas, graduais e muito difíceis por baterem de frente com o **arcabouço cultural da sociedade brasileira, que teria sempre delegado às mulheres papel de subordinação e de servidão.**

O passado colonial e escravagista do Brasil, o papel secundário da mulher numa sociedade construída e mantida dentro do modelo patriarcal, as questões ligadas à violência de gênero – tudo isso concorre para a manutenção dos padrões de desigualdade e desvalorização feminina.

Há ainda um longo caminho a ser trilhado no que se refere à busca por igualdade, direitos, equilíbrio social. **Quebrar estas barreiras, fazer com que os demais atores sociais aceitem, acompanhem ou pelo menos deixem de resistir a estes novos papéis continua sendo grande desafio.**



“A vida da mulher brasileira vem de um passado patriarcal, porque o patriarcado é trazido de Portugal para cá. É uma das bases que sustenta a sociedade aqui. (...) Então, a mulher vai se constituindo como essa figura subalterna, cidadão de segunda categoria, quando a gente começa a ter a ideia da cidadania no Brasil. E, infelizmente, é isso que está posto até hoje: nós somos tidos como cidadãos de segunda categoria. E aí, é por isso que os nossos direitos não estão assegurados.” (Especialista)

“A mulher tem um papel amplo em todas as áreas, ela é chefe de família, ela tem um amplo sentido de proteção social, protege a família toda, sogros, mãe, filhos, por isso tem um protagonismo muito grande, mas ela se vê muito pouco. Ela estende suas asas, faz mil e uma coisas, por isso nós somos mais inteligentes do que os homens, enquanto fazemos uma coisa estamos pensando em outra, e tudo isso para solucionar problemas. Mas enquanto isso, a mulher se mata, perde sua individualidade, seu ego. Eu entendo que a mulher só será livre quando ela for uma cidadã em todos os sentidos.” (Especialista)

“Partindo de uma cultura patriarcal, o lugar da mulher é muito desafiador, é ter que provar a todo momento a sua competência, sua existência. A mulher hoje tem que fazer um esforço muito grande pra ocupar lugares. Partindo da nossa cultura, ser mulher até certo tempo, é ser mãe, ser dona de casa, ser delicada. Por isso eu acho que ser mulher é um grande desafio. Nós ainda temos muito a conquistar.” (Especialista)

Mudanças observadas

A principal mudança apontada tem a ver com a **paulatina conscientização da própria mulher quanto ao cenário que a envolve, aos seus direitos, às limitações impostas socialmente e à própria violência sofrida.**

Grande contingente de mulheres estuda, trabalha fora, se qualifica, possui ou busca uma profissão. **A busca por autonomia vem se consolidando na prática, ao longo do tempo e das gerações.**

Cresceu a **ocupação feminina de espaços antes exclusivos dos homens.**

A sociedade, se ainda não apresenta mudanças tão significativas, começa a se mostrar mais sensível e atenta às questões da mulher.

Observa-se o crescimento de uma postura envergonhada frente a atitudes contrárias à emancipação feminina. (Exemplo: piadinhas e comentários machistas vão se tornando desconfortáveis e menos aceitos socialmente.)



Pexels

Mudanças observadas

Implementação de **políticas voltadas para a violência contra a mulher, ampliação do aparato oficial e das redes de apoio. Criação de leis mais rígidas envolvendo esse assunto.** (Mencionam de forma recorrente a Maria da Penha, a atuação das Secretarias da Mulher, as Casas da Mulher e outros desdobramentos desse tipo de instituição no Estado e municípios).

Proliferação de espaços humanizados e personalizados para denúncias e acolhimento (surgimento de ONG's e entidades autônomas voltadas para a temática feminina). Sentem-se mais encorajadas a se posicionarem e buscar apoio às suas vulnerabilidades.

Aumento do interesse da sociedade pela pauta, com incentivo a discussões, palestras, leituras, ações educativas, locais de acolhimento, movimentos que reafirmam valores que vêm sendo construídos por essa nova mulher. **O debate está aberto.**



Pexels

Mudanças observadas

A Lei Maria da Penha configura-se como um marco e um ponto de inflexão na compreensão e tratamento da realidade feminina no Brasil.

Estabeleceu parâmetros de direcionamento, incluiu o estado na estruturação de equipamentos oficiais de acolhimento e cuidados, e ofereceu à mulher canais específicos de orientação e proteção.

O fato de contar com um estudo pormenorizado e dispor de protocolos estruturados para lidar com a questão representa talvez a principal conquista e propulsor de transformações.

Este instrumento, por sua complexidade, profundidade e adequação à conjuntura é tratado **como um grande aliado ao avanço das conquistas femininas mais recentes, no Brasil. Embora sua aplicação e manutenção representem uma demanda permanente por consolidação.**



Pexels



*“Mais mulheres estão denunciando, mais mulheres estão conscientes da violência, mais mulheres estão procurando ajuda psicológica, estão se posicionando ou se defendendo até em espaços educacionais.”
(Especialista)*

“Ela percebeu que precisava trabalhar fora de casa, não só pela questão financeira, mas por necessidade mesmo dela. As mulheres foram percebendo o quanto são capazes, elas sempre tiveram vontade de estudar, fazer faculdade, ter uma profissão.” (Especialista)

“Quando comecei em 2015, não existia esse movimento que a gente vê hoje, a gente não via interesse da sociedade, do poder público, não tinha as políticas públicas que hoje em dia tem. Isso está sendo realmente uma construção, a sociedade definitivamente acordou para a problemática da violência doméstica.” (Especialista)

“O esclarecimento ajudou muito para isso acontecer, porque hoje a mulher não espera apanhar: quando ela é assediada, se retira do ambiente. As mulheres pensam muito em ter seu emprego, sua independência, de não depender dos outros.” (Especialista)

“O contraponto é o seguinte: de um lado, temos a Lei Maria da Penha, considerada uma das melhores do mundo contra a violência às mulheres. Por outro lado, a gente continua tendo que lutar para que essa lei funcione efetivamente. Então, nós ficamos o tempo todo nesse movimento não só de conquista, mas manutenção porque, se deixarem, os nossos direitos são retirados.” (Especialista)

A SITUAÇÃO DA MULHER NO CEARÁ

A mulher no Ceará

O Ceará é descrito como **um estado onde a cultura machista continua muito arraigada**. Valores conservadores são predominantes e dificultam maior impulso às demandas femininas por autonomia e desejo de atuação fora dos papéis tradicionais.

“Cearense é cabra macho!” - Esta frase ilustra um cenário em que, grosso modo, a mulher ainda vive em situação de muita vulnerabilidade, submissão aos parceiros, dependência financeira e dificuldade em romper relações pouco saudáveis, bem como se aventurar em funções que extrapolem a dedicação exclusiva à família.

Tal característica cultural **reflete num comportamento muitas vezes abusivo por parte dos homens** - que têm as esposas como propriedade/mercadorias - **e resignado por parte das mulheres** - cujos maridos ainda são vistos como pares/provedores imprescindíveis.

Pexels

A mulher no Ceará

Comparativamente a outros centros/ outras capitais brasileiras (mencionam RJ e SP), **o Ceará é considerado atrasado em termos de emancipação feminina e ocupação de espaços diversos pela mulher na sociedade.**

De forma geral, é muito valorizado o fato de ter um companheiro: as mulheres têm medo da solidão, de criar filhos sozinhas, de serem julgadas pela família, pela sociedade e de não conseguirem se virar sem a proteção de um marido. **“É como se fosse um fracasso não ter um homem, um companheiro”**, exemplifica uma entrevistada.

Este cenário reforça o status-quo tradicional, onde **as mulheres se desdobram na sua capacidade de ceder, ignorar seus próprios desejos, relevar maus tratos, atenuar a ocorrência de episódios de violência**, seguir sendo exclusivamente o que dela se espera, socialmente: o esteio da família.

Esta vulnerabilidade feminina é percebida como mais acentuada em função de fatores econômico (no segmento de baixa renda) e regional (região Sul do estado – Cariri).



Pexels

A mulher no Ceará

Não significa que não tenha havido mudanças e avanços nesse quadro, no estado, de maneira geral. Mas esse movimento tende a estar mais **concentrado na Capital e seu entorno** e em centros urbanos onde já se estabeleceu um aparato social mais robusto em torno da vulnerabilidade feminina.

Prova disso seria o fato de que, **onde há delegacias e instituições especializadas ou centros de referência e apoio à mulher, observa-se aumento de registros de busca por apoio**, por parte de vítimas de violência. **Nestes ambientes, elas se sentem mais encorajadas a denunciar e buscar orientações para suas questões.**

“Aqui (na Capital) a gente tem o abrigo municipal e o estadual para essa mulher que corre risco de vida e não tem rede de apoio. Quando não tem para onde ir, ela pode ser abrigada, ela e os filhos.” (Especialista)

“Quanto mais distante o interior da capital, mais vulneráveis essas mulheres são.” (Especialista)





“Aqui existe um machismo muito grande, é aquele homem viril, que toma posse da mulher, ele é dono dela. Esse pensamento é muito divulgado no Nordeste, a questão do homem não ser traído, o homem não pode ser chamado de corno.” (Especialista)

“A questão de ter um companheiro masculino, o medo da solidão, esses valores mais conservadores ainda são muito fortes na cabeça das mulheres, e isso pode ocorrer em todas as classes sociais, porque a violência contra a mulher não acontece somente com as mulheres pobres.” (Especialista)

“Mudou muito no sentido da mulher estar no mercado de trabalho, na faculdade, em todos os cantos. Mas ela está muito para servir, ela ainda se reconhece pouquíssimo.” (Especialista)

“A mulher vai se constituindo como essa figura subalterna, cidadão de segunda categoria, quando a gente começa a ter a ideia da cidadania no Brasil. E, infelizmente, é isso que está posto até hoje: nós somos tidos como cidadãos de segunda categoria.” (Especialista)

“Eu percebo que é um lugar com muitas possibilidades de mudança porque quando eu olho para o número de mulheres ocupando o mercado de trabalho, ainda sinto falta de certos pontos, por exemplo, as CEOs, mulheres líderes. Então ainda temos muito a evoluir, muito caminho pela frente.” (Especialista)

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER



Formas de violência

Conforme já mencionado, **os parâmetros estabelecidos pela Lei Maria da Penha são tratados como referência para estudos e ativismos na luta pela emancipação e proteção da mulher.**

As especialistas ouvidas discorrem sobre as formas de violência pontuando cada uma delas conforme a tipificação apresentada na Lei: **violência física, psicológica, moral, patrimonial e sexual.**

Nem sempre são tão claras ou passíveis de serem classificadas com precisão, uma vez que **envolvem sutilezas, nuances e sentimentos conflitantes. Mas são o parâmetro utilizado nas discussões atuais.**

Formas de violência

- **Violência física:** é apontada como a mais clara, assumida, conhecida e de difícil ocultação, por parte da vítima. Maus tratos físicos geralmente deixam marcas visíveis e muitas vezes são presenciados ou testemunhados por pessoas do entorno (o que facilita a exposição e a comprovação da ocorrência).
- **Violência psicológica:** mais difícil de precisar, por haver muitas nuances e tender a ser enfrentada silenciosamente pela vítima, no seu cotidiano. Envolve ameaças, descontroles verbais, ciúme excessivo, diminuição da autoestima da mulher, provocações que incutem, ao mesmo tempo, medo e culpa em relação ao parceiro. A mulher tende a se isolar e viver em permanente estado de insegurança quanto a si própria, seus valores e capacidades.

Formas de violência

- **Violência moral:** envolve injúria, difamação, calúnia, mentiras, exposição pública de fragilidades ou questões pessoais, que deveriam permanecer restritas ao ambiente íntimo.
- **Violência patrimonial:** tende a provocar prejuízos à mulher, no intuito de manter a condição de dependência (financeira e emocional). Controlar o salário e os gastos da mulher que eventualmente trabalha fora, quebrar seus pertences, rasgar documentos, manter-se no controle dos bens físicos do casal – são algumas das atitudes que configuram esse tipo de violência.
- **Violência sexual:** submeter a mulher a qualquer tipo de ato sexual indesejável ou sem consentimento da própria, geralmente utilizando a força ou agressões físicas para consumir. Recusar o uso de métodos anticoncepcionais (manter a mulher sempre grávida é também uma forma de prendê-la e aumentar a dependência).



“Violência física, aquela violência propriamente dita, que é a mais conhecida por parte da mulheres, tapa, beliscão, chute.” (Especialista)

“A violência psicológica é uma porta de entrada, dificilmente alguém vai chegar te batendo, antes de qualquer coisa vem a violência psicológica e ela atinge a saúde mental da mulher de uma forma muito cruel.” (Especialista)

“Não tem final feliz para as vítimas, principalmente para crime sexual. Aquele trauma ocorreu e não tem como voltar no tempo para desfazer o que foi feito.” (Especialista)

“(Violência moral) Eles acharem que estão sendo traídos, que a vítima não sai de casa para trabalhar, mas para se encontrar com outros homens. (...) através do WhatsApp, mensagens no Instagram são recorrentes.” (Especialista)

“O tipo de violência que está se configurando muito mais presente é a violência patrimonial, mulheres sendo roubadas dentro das suas conjunturas familiares, contas desaparecendo, os bens sendo colocados a dúvida. Eu digo que a violência patrimonial caminha junto com a violência psicológica, e as demais violências também.” (Especialista)



Formas de violência

Parêntesis para a questão religiosa:

Extrapolando as referências da Lei Maria da Penha, algumas das entrevistadas destacam a religiosidade dos nordestinos como uma das forças de manutenção dos papéis tradicionais na sociedade.

Segundo esta avaliação, as religiões incentivam a manutenção do casamento, a tolerância com os maridos, a resiliência, o perdão, a submissão da mulher ao chefe da família. *"A mulher deve seguir o marido"*, aí incluído o que houver de adversidades ou ocorrências desagradáveis no casamento.

Nesse contexto, a mulher é desencorajada a denunciar, procurar ajuda ou orientações que possam vir a fortalecer a ideia de necessidade de mudança nos padrões familiares. Consideram essa uma forma de violência velada e de difícil enfrentamento, sobretudo por reforçar crenças espirituais e valores conservadores intrínsecos, menos propensos a transformações.

De novo acentuam que a região do Cariri reúne características que justificam maior incidência de violência contra a mulher: religiosidade + conservadorismo + baixa alfabetização.



*“A maior dificuldade que temos é com as igrejas, principalmente as evangélicas, porque elas penetram e ficam no fortalecimento da crença e insistindo para a mulher aceitar a manutenção daquela relação.”
(Especialista)*

“Mulheres religiosas aceitam mais os mitos do amor, conseqüentemente toleram mais as violências e, pra minha grande surpresa, isso ocorre em todas as religiões.” (Especialista)

“O que a gente escuta: ‘ele é doente, você precisa transformá-lo, ajude o seu marido a parar de beber, de usar droga, quando ele não está sob efeito de bebida é bonzinho’. Então essa mulher acha que é responsável por esse homem.” (Especialista)

*“A religiosidade se junta com o pensamento conservador.(...)É um fortalecimento das relações patriarcais.”
(Especialista)*

*“Em torno do Padre Cícero vem toda pobreza do Nordeste, e ela se fixa muito no Cariri. Lá o índice de pessoas alfabetizadas é baixíssimo, porque o Cariri reúne a expressão da pobreza do Nordeste.”
(Especialista)*

LUGARES ONDE AS VIOLÊNCIAS ACONTECEM



Pexels

Ambiente doméstico

É onde se registra maior incidência de violência contra a mulher. Os parceiros íntimos (marido/ companheiro) são os principais agressores, mas também há ocorrências envolvendo outros familiares (irmão, pai, filho, padrinho, tios, demais parentes com trânsito fácil no domicílio).

Aqui podem estar presentes todos os atos tipificados de violência: física, psicológica, moral, patrimonial e sexual.

Paradoxalmente, onde a mulher deveria se sentir mais segura e protegida é onde ela está mais vulnerável. Existe uma tensão cotidiana, permanente, objetiva, no lugar que supostamente seria seu principal abrigo.

Outro paradoxo é o fato de os atos de violência ocorrerem a partir de pessoas “a priori” confiáveis – não de estranhos ou de pessoas superficialmente conhecidas. Lidar com agressões por parte do próprio parceiro e/ou outros familiares representa um grande baque para a mulher, aumentando muito o sofrimento e as consequências psicológicas.



Pexels

Ambiente doméstico

É onde se registra maior incidência de violência contra a mulher. Os parceiros íntimos (marido/ companheiro) são os principais agressores, mas também há ocorrências envolvendo outros familiares (irmão, pai, filho, padrinho, tios, demais parentes com trânsito fácil no domicílio).

Aqui podem estar presentes todos os atos tipificados de violência: física, psicológica, moral, patrimonial e sexual.

Paradoxalmente, onde a mulher deveria se sentir mais segura e protegida é onde ela está mais vulnerável. Existe uma tensão cotidiana, permanente, objetiva, no lugar que supostamente seria seu principal abrigo.

Outro paradoxo é o fato de os atos de violência ocorrerem a partir de pessoas “a priori” confiáveis – não de estranhos ou de pessoas superficialmente conhecidas. Lidar com agressões por parte do próprio parceiro e/ou outros familiares representa um grande baque para a mulher, aumentando muito o sofrimento e as consequências psicológicas.



Pexels

Ambiente doméstico

Importante ressalva: a experiência e constatação de algumas destas especialistas indica que a violência física tende a diminuir - ainda que o assédio psicológico aumente - à medida que a mulher se conscientiza sobre os canais de proteção e se dispõe a denunciar o agressor. Quanto mais esclarecida a respeito de seus direitos e dos aparatos disponíveis para o acolhimento à questão, mais atenuados vão se tornando os episódios de maior gravidade.



“Infelizmente, a maioria das violências contra as mulheres está no espaço doméstico mesmo, no espaço cotidiano. **É uma violência que vem da pessoa que você confia.**” (Especialista)

“Geralmente são violências que acontecem dentro de casa entre quatro paredes, o que é difícil ela provar. **É justamente no local onde ela poderia se sentir mais segura, ela é mais vulnerável.**” (Especialista)

“Eu digo que **existe a vida antes da violência e a vida depois da violência, essa mulher nunca mais vai ser a mesma.**” (Especialista)

“A violência sexual é muito semelhante à violência física quando vem de um lugar estranho, um estupro, uma passada de mão, mas ela também existe nos casamentos. **As mulheres dentro da “obrigação” de satisfazer seu marido não identificam aquilo como um estupro, uma violência.**” (Especialista)

“Existe a violência velada, onde **a mulher se sente convencida de que estar em casa, fazer o que lhe é pedido é o certo. Ela não está apanhando, mas vai adoecendo de forma lenta.**” (Especialista)



Pexels

Espaço público (ruas e meios de transporte)

No espaço público, a mulher se comporta permanentemente de maneira defensiva: ao sair de casa, já se sente ameaçada por situações diversas, potencialmente agressivas.

Suas preocupações envolvem a maneira de se vestir, como se comportar, por onde transitar, os horários de circulação, as pessoas ao seu redor, a espera no ponto do ônibus, os possíveis interlocutores e todas as situações que compõem sua rotina fora de casa.

Além disso, teme ser constrangidas por piadinhas, cantadas desagradáveis, abordagens grosseiras e toda sorte de ocorrências nesse transitar pelos espaços públicos, sobretudo se estiver sozinha. Esta é, aliás, uma questão relevante: em geral, a mulher não se sente com liberdade para fazer nada desacompanhada. E se for agredida, de alguma forma, tende a ser culpabilizada por algo que possa ser tachado como comportamento “inadequado” (seja o vestuário, o local, o horário, o fato de estar sozinha ou tantas outras coisas).

Espaço público (ruas e meios de transporte)

A possibilidade de sofrerem assédio, importunação ou violência sexual, nas ruas, transporte público ou privado (aplicativos) são preocupações constantes e pertinentes. Além destes, há temor quanto a violência patrimonial, com a subtração de itens pessoais de valor.

Diferente dos homens que temem principalmente serem assaltados, a mulher teme sobretudo a violência sexual. Se por acaso sofrem assalto, consideram-se, de certa forma, aliviadas, “no lucro”.



Pexels



“Se um homem se encontra numa situação de isolamento, a primeira coisa que ele tem medo é de ser assaltado. **A primeira coisa que a mulher tem medo é de ser estuprada. Inclusive, se ela for só assaltada, é lucro.**” (Especialista)

“Hoje, a **violência sexual dentro dos transportes públicos é maior do que os assaltos.**” (Especialista)

“**O medo da violência, medo de sair na rua, medo de ficar parado esperando ônibus, medo de ser assaltada, medo das piadinhas, medo de sair com roupa curta, com saia curta ou short colado. O medo das mulheres aqui é muito grande, sensação de insegurança, sensação que você não pode estar só.**” (Especialista)

“**Toda mulher sai de casa meio na defensiva, meio que olhando para os lados.**” (Especialista)

“**Vejo muito a questão da tensão da mulher não se sentir segura em lugar algum. Principalmente se está no shopping, no coletivo ou andando pela rua. Porque você fica a todo momento achando que vai ser importunada com uma cantada que não deixa de ser um constrangimento.**” (Especialista)



Freepik

Ambiente profissional

Os tipos de violência recorrentes no ambiente profissional costumam ser o assédio sexual e/ou assédio moral. A mulher é coagida a manter algum tipo de relação de natureza libidínica, por pressão de seus superiores hierárquicos, sob pena de ter sua carreira prejudicada. Ou pode ser constrangida com piadinhas e comentários com conotação sexual, sugerindo favorecimentos ou punições, dependendo da sua postura mais ou menos amigável frente ao assédio.

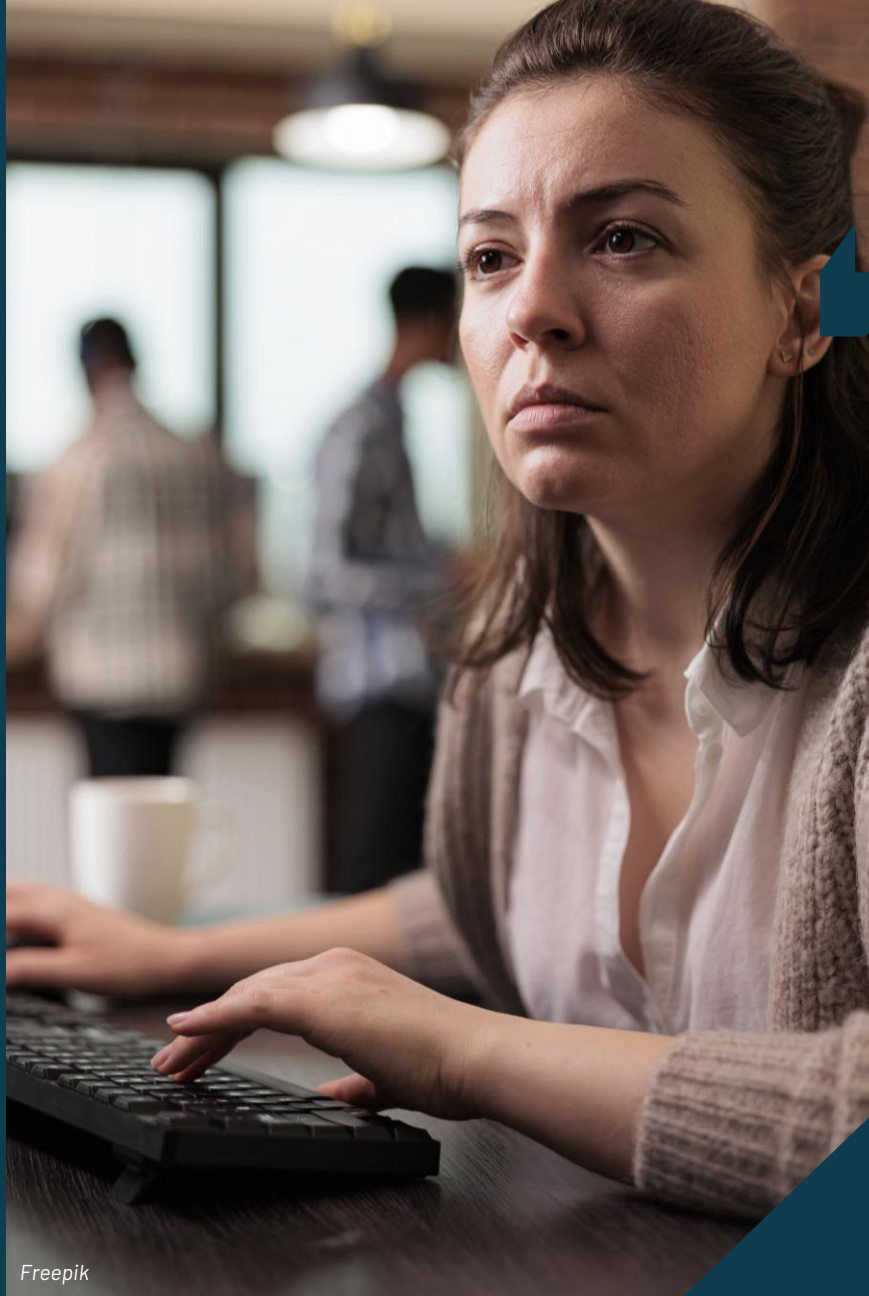
Outro tipo de distorção nesse território é a contratação baseada em aspectos físicos (e nem sempre na qualificação comprovada), seguida de manipulação via assédio sexual, colocando em cheque a manutenção do emprego, ascensão a cargos, salários ou outras posições pretendidas.

Não é incomum ocorrer, também, de mulheres serem assediadas em festas da empresa, sobretudo profissionais mais jovens, com menor traquejo para reconhecerem abordagens sedutoras com vistas a algum proveito sexual. Esse tipo de situação pode resultar em estupro de vulnerável, quando a mulher está sem condição de se defender ou se posicionar frente a atitudes de assédio (por ingestão de álcool, por exemplo).

Ambiente profissional

Segundo algumas das Especialistas, essas questões de assédio dentro das empresas tendem a estimular as mulheres a se exporem menos, se manterem discretas, questionarem ou contestarem o mínimo possível, com receio de serem julgadas ou penalizadas por quaisquer atitudes mais ativas, menos “conservadoras”.

Esse tipo de violência pode ser muito sutil e de difícil comprovação. As denúncias de atos dessa natureza normalmente dependem de provas (filmagens ou testemunhas dispostas a se envolverem com o caso), porque do contrário é palavra contra palavra, o que torna a situação muito desgastante e embaraçosa.



“O primeiro medo que a mulher cearense sofre no espaço de trabalho é o medo de se expor, de falar a sua opinião, tem receio do que vão achar. **A mulher é criada para ser amudada, para ser a famosa caladinha, ou então a opinião dela não vai ser relevante. Ficar quieta é a norma.**” (Especialista)

“Embora o RH contrate observando as capacidades da mulher, o aspecto físico ainda conta muito nessa escolha. É uma seleção por cor, idade, e **o chefe acha que pode se apropriar da mulher. Primeiro vem o assédio sexual e, quando ela se nega, vem o assédio moral.**” (Especialista)

“As mulheres sentem que só podem denunciar se alguém gravou. É impressionante! **É a minha palavra contra a dele: vou ser inquirida, humilhada e alguém vai defendê-lo, vai atentar contra a minha própria honra pra livrá-lo.**” (Especialista)

“O assédio sexual que coloca essa mulher em **situações de extremo constrangimento de cunho sexual, por exemplo, quando alguém encosta no braço dela no meio de uma reunião onde todos veem e acham aquilo normal, quando a mão é deslizada nas costas.**” (Especialista)



Ambiente educacional

O ambiente escolar, seja ele voltado para crianças ou adultos, é cenário para vários tipos de violência, sendo o assédio sexual e assédio moral os mais prevalentes.

De forma semelhante ao que ocorre nos espaços empresariais, autoridades do meio acadêmico usam de suas prerrogativas hierárquicas para intimidar e buscar vantagens sexuais, ameaçando com rebaixamento de notas e reprovações. Há também atitudes de exibicionismo e outros comportamentos intimidadores.

No meio infantil, observa-se que os meninos ainda refletem atitudes machistas frente às meninas, reproduzindo o modelo doméstico (pais, padrastos, tios). Se entre os adultos esse padrão se mantém ou muda muito lentamente, o mesmo cenário se repete entre os meninos, com repercussão no relacionamento escolar.

Além disso, a questão do “bullying” tornou-se problema crônico a ser enfrentado, sendo que este conceito genérico engloba diferentes tipos de violência, como racismo, machismo, misoginia, gordofobia e constrangimentos de natureza diversa.



“O fato do **professor querer um envolvimento com uma aluna e ela recusar faz com que ele a assedie moralmente, ameaçando reprová-la, perseguindo-a.** Na universidade, o assédio sexual e o assédio moral caminham juntos.” (Especialista)

“Na época que está em recesso da universidade, **a gente cria uma rede de proteção. Se vão para o laboratório, vão duas, três, quatro, cinco juntas, vão ao banheiro juntas. Têm medo de uma violência sexual dentro da universidade.**” (Especialista)

“**Os adolescentes meninos acabam reproduzindo o comportamento que eles veem em casa, do pai, do tio...** eles reproduzem esses comportamentos pra suas colegas de sala.” (Especialista)

“Essa relação hierárquica que existe no ambiente de trabalho também existe no ambiente acadêmico, então **as meninas ficam muito expostas quando os professores emitem um comando que para as meninas pode ser normal, por exemplo, “vamos tomar uma cerveja, senta aqui para a gente conversar”.**” (Especialista)

Ambiente virtual

No ambiente virtual, ocorrem atos de violência que envolvem intimidações, difamações, exposições indevidas de intimidades, golpes afetivos, sexuais e patrimoniais. A violência nesse meio acomete adultos, adolescentes e crianças.

O cenário das plataformas digitais favorece a atuação de falsos personagens, que atuam deliberadamente – e estrategicamente – com o intuito de enganar, intimidar e tirar proveito próprio.

No caso das mulheres, a questão amorosa é muito explorada por falsas “personas”, que se aproveitam de vulnerabilidades femininas e acabam por se revelarem estelionatários ou exploradores sexuais.

Encerrar um relacionamento afetivo, por exemplo, pode dar margem a atitudes que geram constrangimentos públicos e prejuízos de imagem, por parte de um homem inconformado. Expor na internet conteúdos obtidos na intimidade é uma das formas corriqueiras de constranger e humilhar.

Ambiente virtual

Já os assediadores, aproveitando-se da distância e dos recursos das plataformas, constroem “jogos” aparentemente atrativos, enquanto se armam de insumos para ameaçar e chantagear (fotos, print de conversas, áudios etc.).

A ação de pedófilos é favorecida por esse meio. Além de lidar com sua própria segurança, a mulher ainda precisa se preocupar com a proteção dos filhos, num ambiente que nem elas dominam completamente.



“Uma das formas dos agressores de atingir essas mulheres é quando eles têm acesso a **algum tipo de conteúdo íntimo que obtiveram no decorrer do relacionamento e ameaçam expor**. Até mesmo expõem em grupos de Whatsapp para os amigos, fotos e vídeos íntimos.” (Especialista)

“Mulheres aqui sofrem com a exposição da sua imagem... **Você tem casos de meninas que abandonam a escola porque saíram fotos íntimas delas** e aí elas não aguentam mais ir para o espaço escolar, então têm que trocar de escola.” (Especialista)

“**O abusador não é bobo, ele sabe construir o jogo**. Uma frase que ela diga inocentemente, ele vai printar e dizer que vai mostrar para os pais: ‘sei onde você mora’. **Ele vai inventar, vai jogar, ele vai mentir. Ela vai ficar amedrontada e isso vai se perpetuando.**” (Especialista)

“Tem a questão da **exposição dos corpos, troca de vídeos e imagens, uma permuta desigual**, mulheres que se colocam a disposição desses homens e acabam sofrendo as consequências.” (Especialista)

OBSTÁCULOS NO ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA



Dificuldades no enfrentamento

CONSCIENTIZAÇÃO LENTA:

Quando a mulher chega a denunciar o marido por violência doméstica, ela já testou todos os seus limites. Em geral, já existe um histórico de violência; não é a primeira agressão.

Episódios de violência, quando acontecem, tendem a ser repetitivos, recorrentes. Quando um relacionamento termina, provavelmente o agressor irá repetir a mesma postura nos próximos.

O processo de conscientização e de confiança nas instituições de proteção é gradual. A mulher se machuca profundamente, antes de procurar ajuda e orientação.

A ÓTICA MASCULINA:

Questão crucial, que precisa ser englobada no movimento de transformação do cenário.

A postura dos homens quase chega a representar um "contra-movimento": à medida que avançam as conquistas femininas e se fortalecem os instrumentos de proteção, na outra ponta aumenta o machismo, a ideia de propriedade, a incompreensão e mesmo sentimentos de ódio.

As mudanças dependem também da conscientização e mudança de comportamento destes.

Dificuldades no enfrentamento

APOIO EM CASOS DE VIOLÊNCIA:

As estruturas são limitadas para o volume da demanda. Funcionamento é satisfatório, mas carente de recursos (humanos e materiais).

Delegacias de Mulher têm boa estrutura, mas a dinâmica é aquém da necessidade. Envolve multidisciplinas e instituições de apoio diversificadas (social, jurídica, financeira, psicológica etc.)

ACESSO À ASSISTÊNCIA À SAÚDE:

Há dificuldades para obter os atendimentos demandados pela saúde da mulher. Consultas, exames, medicamentos, procedimentos são demorados e muitas vezes levam ao agravamento dos problemas.

Carência de material é também uma questão relevante.

SUS não consegue atender satisfatoriamente e no tempo desejável: mulheres precisam de assistência rotineira.

FALTA DE SEGURANÇA PÚBLICA:

A insegurança é crescente em relação à família. A mulher que sai para trabalhar receia pela segurança dos filhos. Nem sempre conta com uma rede de apoio permanente e confiável. Se o marido abandona ou acontece uma separação, sua responsabilidade aumenta.



“Você vai criando os mecanismos estatais, cria a lei, cria a casa de acolhimento, cria todas essas estruturas, mas ainda não consegue criar uma nova geração que entenda que não pode agredir, bater e matar mulheres. Então, a gente está o tempo todo correndo contra essa estrutura social.” (Especialista)

“O Estado vai lutando na contramão das estruturas socioculturais. Porque, enquanto você cria esses aparelhos, a gente não consegue convencer os homens de que ele não têm direito a bater na mulher, a persegui-la e assassiná-la.” (Especialista)

“Ela precisa de uma política muito forte de apoio para que essa medida seja eficaz. Não é só dar um papel, tem que fiscalizar, tem que ter assistente social, psicólogo, patrulha Maria da Penha, e a porta aberta dizendo: ‘se você sentir alguma coisa, ficar amargurada, vem para cá, vem conversar com a gente.’” (Especialista)

“Depois da criação da Secretaria das Mulheres tem ampliado muito a assistência, mas essa assistência e essa política são frágeis, porque as Casas não têm um orçamento próprio.” (Especialista)

“Quanto mais educação, conhecimento essas mulheres tiverem, mais possibilidade vão ter de denunciar, de encarar. Muitas não fazem por medo, às vezes têm conhecimento, mas têm medo.” (Especialista)

Obstáculos para a denúncia

Falta de credibilidade em relação à Justiça e aos aparatos oficiais

As mulheres não sabem que as instituições protetivas funcionam de fato (sucesso em 80% dos casos). Tendem a desacreditar na efetividade das denúncias, perante às instâncias públicas. Evitam o desgaste decorrente da busca por responsabilização do ato de violência, por entender ser uma ação infrutífera.

*“Hoje o descumprimento de medidas é um novo crime. O homem é afastado de casa, pode ter que usar tornozeleira... **As medidas protetivas estão mais rigorosas, melhorou o monitoramento.**” (Especialista)*

Desconhecimento de direitos e dos protocolos de proteção

Acreditam que o agressor ficará revoltado e ainda mais violento ao ser denunciado – quando na realidade ele tende a recuar, perante ação de autoridades. Não desejam, também, prejudicar os parceiros (pai dos filhos) e causar mais transtornos à vida familiar. Segundo os registros, a denúncia não contribui para um crime pior (já a omissão, sim).

*“**O agressor é um covarde! Ele só é valente em casa.** Ao ser abordado pelas autoridades muitos chegam até a chorar.” (Especialista)*

Obstáculos para a denúncia

Sufrimento de reviver os traumas e relatar inúmeras vezes o ocorrido

Buscar ajuda institucional significa percorrer várias instâncias e reviver em cada etapa os detalhes da violência sofrida. Os processos são longos e desgastantes, emocionalmente. Mesmo a responsabilização do agressor e a sensação de justiça não interrompem o sofrimento de uma violência sexual sofrida - que é inesquecível, insuperável, eterno.

"A violência sexual é um trauma que não cessa." (Especialista)

Situação de dependência do agressor, vulnerabilidade financeira e social

Não ter emprego ou sua própria renda dificulta a autonomia da mulher - e, portanto, a possível separação.

Ter filhos pequenos requer estrutura doméstica e divisão de responsabilidades. Receiam não dar conta de todas as atribuições da família, em outra configuração do lar.

*"São muitas mulheres **dependentes financeiramente**, isso é uma das grandes causas para que a mulher continue no ciclo da violência." (Especialista)*

Obstáculos para a denúncia

Preconceito e preceitos religiosos

Culturalmente preparada para ser “cuidadora”: cuidar de tudo e de todos (incluindo o agressor).

Não desejam ser mulheres separadas, divorciadas, viúvas, sozinhas. Idealizam o casamento, que ainda é tido como vocação e destino da mulher. O julgamento da sociedade (e das próprias) é uma preocupação.

“Existe o pensamento ‘o que Deus uniu não se separa’.” (Especialista)

*“Hoje ainda é visto que **ter um casamento é ser vitoriosa. No Ceará há uma máxima que diz que o quilo de homem aqui é muito caro.**” (Especialista)*

ATORES RESPONSÁVEIS E SOLUÇÕES

Atores responsáveis e soluções

ATORES	SOLUÇÕES
PODER PÚBLICO	<p>Estabelecer e operacionalizar políticas públicas voltadas para a questão. Instrumentalizar as cidades com órgãos de apoio (descentralizar).</p> <p>Destinar verbas e suprir recursos humanos para ampliação da rede de proteção.</p>
PODER JUDICIÁRIO	<p>Ampliar capacidade de agilização de processos. (Denúncia da mulher a coloca em período crítico de vulnerabilidade). Andamento das ações precisa ser dinâmico.</p>
INSTITUIÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL	<p>Fornecer apoios de natureza diversa (psicológica, logística, orientações jurídicas, acolhimento em geral).</p> <p>Incentivar a qualificação e autonomia financeira da mulher.</p> <p>Investir em ações educativas, que visem à mudança de mentalidade.</p>

Atores responsáveis e soluções

ATORES	SOLUÇÕES
UNIVERSIDADES/ ESCOLAS	<p>Formar, qualificar cidadãos com nova mentalidade.</p> <p>Fornecer recursos humanos qualificados para atuar em instituições de apoio (estagiários/voluntários).</p> <p>Promover palestras, debates, estudos com vistas à conscientização sobre o assunto.</p>
MEIO EMPRESARIAL	<p>Investir na mudança da mentalidade/ cultura machista do meio.</p> <p>Treinamentos, qualificação da mulher para autonomia financeira.</p> <p>Incentivar o empreendedorismo feminino.</p> <p>Oferecer vagas específicas para vítimas de vulnerabilidade.</p> <p>Apoio material às instituições de proteção (função social).</p>

Atores responsáveis e soluções

ATORES	SOLUÇÕES
MÍDIA EM GERAL	<p>Informar sobre direitos, recursos disponíveis/ redes de apoio (oficiais e autônomas).</p> <p>Noticiar avanços na questão e não apenas ocorrências/ episódios isolados.</p> <p>Investir na educação da população, com abordagens contínuas que busquem a mudança de comportamento.</p>
SOCIEDADE EM GERAL	<p>Estar vigilante e denunciar agressões (parentes, vizinhos, amigos, colegas). Os processos podem correr independente da denúncia da própria vítima.</p> <p>Acolher, proteger seu entorno – evitar julgamentos.</p> <p>Mudar posturas: educar para o respeito, combater o machismo e a violência.</p>



“O primeiro passo e o mais simples é fazer lei, criar orçamento e equipamentos estatais. O mais profundo é mudar as mentalidades.” (Especialista)

“Ter vagas e convênios direcionados a vítimas de violência. A maioria das vítimas sente o impacto financeiro da falta do parceiro. E muitas dessas mulheres nunca trabalharam, não são qualificadas pra nenhum tipo de emprego.” (Especialista)

“Ter pessoas para acolher essas mulheres porque, além de punir o agressor, essa mulher precisa de apoio psicológico, um suporte que dê minimamente a ela a condição de ser ouvida, ser acolhida, saber o que aconteceu, porque muitas vezes elas não sabem nem nomear o que aconteceu. As empresas poderiam começar por esse ponto.” (Especialista)

“Não é fazer um curso com essas mulheres e pronto, tem que ser do começo ao fim, pra essas mulheres entenderem os lugares que elas podem ocupar. Tem uma frase que diz ‘lugar de mulher é onde ela quiser’, mas onde está esse lugar? Criar ONGs que realmente se dediquem, estruturas que se dediquem a mostrar pra essa mulher, com indicadores, que o que ela quiser ser é possível, ao invés de só dar uma aula, bater a porta e pronto.” (Especialista)

“Eu acredito muito na educação para os meninos, para que eles saibam crescer dignos, serem realmente homens. (...) A primeira coisa é explicar o que é o machismo, o sistema patriarcal. Esses meninos crescem odiando o feminismo porque na cabeça deles o feminismo é o contrário de machismo, não é sobre igualdade.” (Especialista)

Insights para comunicação sobre o tema

Aspectos fundamentais destacados para uma campanha de conscientização sobre a violência contra a mulher:

Focar nos homens: que sejam criados/ educados/ orientados para entender a mulher como pessoa igual e digna. Abordar o papel dos homens nesse círculo de violência, “masculinidade tóxica”, mudança de mentalidade.

Focar nas mulheres: incentivar o empoderamento, a busca por autonomia, o empreendedorismo, a necessidade de ampliação do seu espaço na sociedade (incluindo o espaço político). Ocupação dos espaços de decisão ainda é pouco significativa.

Focar na educação das crianças: ensinar valores atuais (respeito, cuidado, emancipação feminina) e desconstruir conceitos associados ao patriarcado e ao machismo (propriedade, abuso, piadinhas...). Público preferencial: pré-escola e ensino fundamental.

Insights para comunicação sobre o tema

Focar nos canais de proteção: dar visibilidade aos canais de proteção e redes de apoio existentes (oficiais e autônomos). Demonstrar a real eficácia dos mesmos (ainda que não sejam perfeitos). Fazer entender que a mulher agredida sempre vai estar mais protegida se denunciar – feminicídios tendem a afetar principalmente mulheres que não buscaram redes de proteção.

Focar na exaltação/ valorização de sentimentos e comportamentos contrários ao machismo: afirmar a importância do amor, afeto, respeito, harmonia, felicidade – em contraponto à violência, agressão, abuso, sentimento de posse. Demonstrar o que representa a vida versus a morte, no sentido de posturas e comportamentos, no convívio social. Reafirmar o amor e desqualificar a cultura do ódio.



“As mulheres já sabem que sofrem violência, já estão organizadas, lutando, tentando acessar o poder pela política. Agora, precisamos urgentemente transformar as masculinidades.” (Especialista)

“Uma campanha onde a gente ensinasse aos homens que eles não precisam pegar e assediar as mulheres pra serem homens. A gente tem que começar lá atrás e não é só ensinando as meninas a se protegerem, é ensinando os meninos a se respeitarem também.” (Especialista)

“Para as mulheres a questão do empoderamento, que ela é capaz, que não precisa passar por isso, que não está sozinha, que existem mecanismos, entidades, que podem ajudá-la.” (Especialista)

“Sempre a melhor saída, na dúvida, é denunciar. Existe todo o acompanhamento da polícia militar, todo empenho da Polícia Civil no atendimento. Desmistificar que o serviço público é ineficaz e que a vítima não vai conseguir proteção. Ela sempre vai estar mais protegida se denunciar.” (Especialista)

“Uma campanha positiva, pelo afeto, pelo respeito, redefinir o que é felicidade, o valor da vida, da experiência e em contraponto, isso é vida, isso não é. Vida e morte seguem juntas, isso é felicidade, aquilo não é.” (Especialista)

“É importante o letramento, a disseminação da informação de diversas formas, desenhos, vídeos, para todas as pessoas, de todas as formas, explicar o que é a violência, como ela se configura, quais os principais locais onde ela acontece.” (Especialista)

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Considerações finais

RaioX: as mulheres vivem em uma dicotomia

EXPANSÃO

Empoderamento: reconhecimento da sua força em relação às próprias habilidades, competências e potencialidades

Conquista de espaço no mercado de trabalho e busca pela autonomia financeira

Ganho de consciência sobre os paradigmas patriarcais e tentativa de rompê-los

Aquisição de conhecimento sobre as diversas faces da violência de gênero



RETRAÇÃO

Privações de diversas ordens: do ir e vir, do que vestir, de andar sozinha nos espaços públicos, da exposição/ comunicação nas redes sociais

Autonomia enfraquecida pela assimetria nas relações pessoais e profissionais

Sentimento de opressão: viver sob a lente masculina que desrespeita os desejos, necessidades e direitos femininos

Sentimento de impotência: dificuldade de ocupar o espaço desejado numa sociedade pautada pelo apagamento e silenciamento da mulher

Considerações finais

Essas mulheres carregam o peso de viver em uma sociedade que não lhes garante equidade e segurança. Apesar de todas as conquistas femininas, sabem que estão muito longe de ter a plenitude dos seus direitos. **Desde muito cedo, aprenderam a conviver com o medo.**

Praticamente todas as mulheres ouvidas já passaram por algum tipo de violência. Uma violência que tem várias faces, se faz presente em diferentes ambientes, se manifesta de diferentes formas. Em qualquer variável, **o fio comum é a dor causada, as marcas deixadas.**



Freepik

Considerações finais

As violências aqui apreendidas não são individuais, são estruturais. Relacionadas a uma cultura de desigualdade, opressão e silenciamento.

Da mesma forma, são estruturais os custos emocionais e obstáculos para as mulheres pedirem ajuda ou denunciarem o agressor.

Nesse sentido, existe um pedido de socorro conjunto que **endereça a necessidade de ações concretas de proteção, acolhimento e (re) inserção social/ profissional das vítimas.**



Pexels

Considerações finais

Na perspectiva dos especialistas, existe a consciência de que muito se avançou no contexto da violência contra a mulher. Mas o caminho para uma mudança consistente ainda é longo. Envolve toda uma cultura e mentalidade social. **Os processos são lentos e os recursos disponíveis para este fim são limitados.**

A mulher está submetida a inúmeras formas de violência, em todos os ambientes que frequenta. **Mudar esse cenário requer envolvimento da sociedade como um todo.**

A Lei Maria da Penha é um marco histórico nessa conjuntura. Um aparato de proteção foi delineado e vem sendo estruturado, aos poucos. **Os resultados são notáveis, ainda que a abrangência seja restrita.**



Pexels

Considerações finais

A descrença na Justiça e nas redes de proteção à mulher precisa ser combatida: a impressão geral é de que nada acontece, nada anda, não adianta denunciar. Contudo, **as Especialistas afirmam que a mulher é concretamente mais protegida quando busca apoio formal, os crimes de feminicídio tendem a afetar mulheres que não denunciaram.**

Apreendeu-se a necessidade de ampliação e descentralização das redes de proteção à mulher. A capital e o entorno estão mais bem atendidos que o Interior do estado. A região do Cariri, particularmente, envolve características que tornam mais aguda a vulnerabilidade da mulher: misto de religiosidade, cultura machista e analfabetização dificulta avanços.

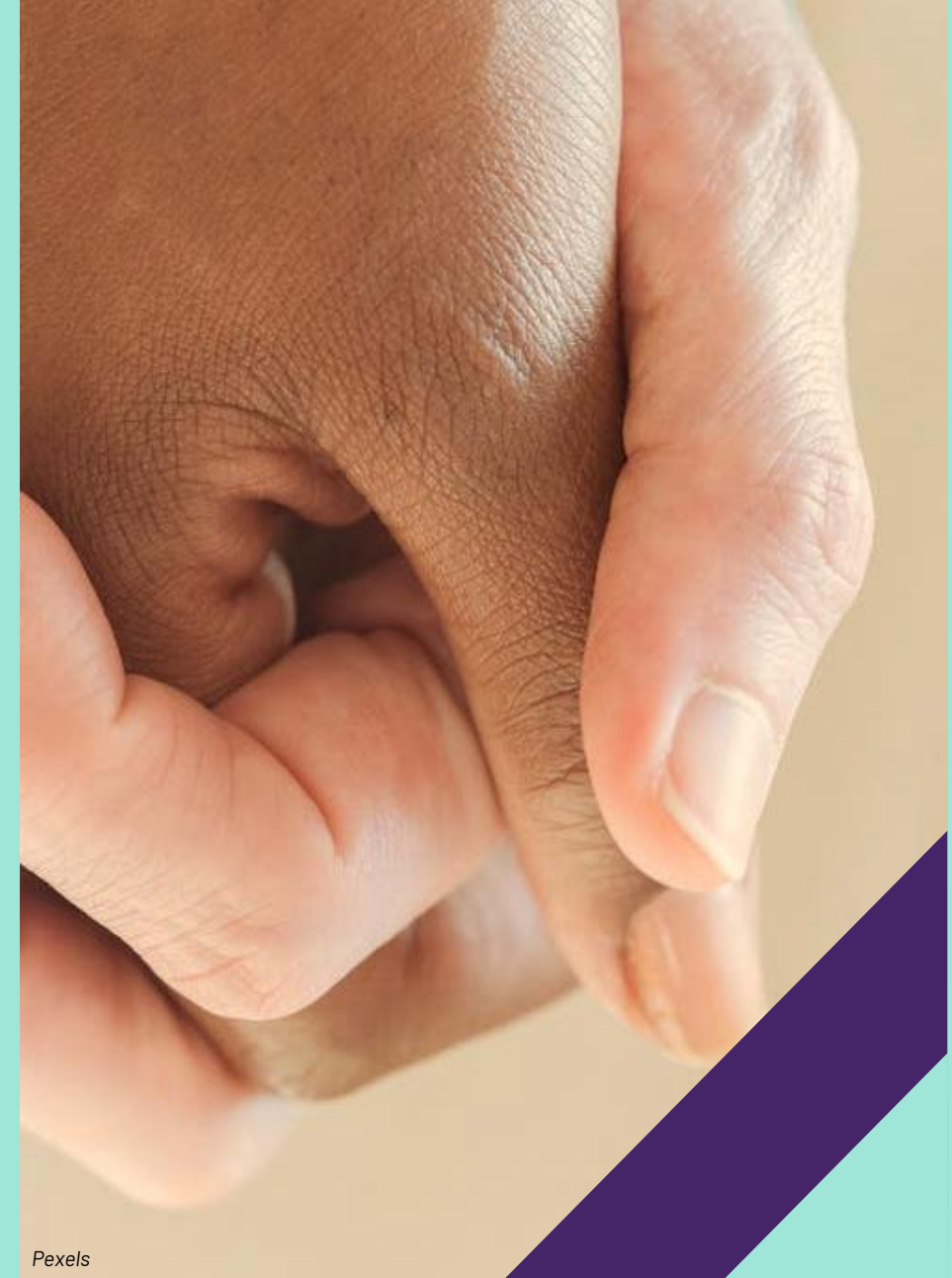


Freepik

Considerações finais

Diferentes agentes sociais precisam ser envolvidos/ mobilizados no processo de transformação da mentalidade coletiva. Não há mudança possível sem um acordo social amplo:

- **A abordagem masculina é essencial na busca de transformação do cenário.** Homens repetem padrões de comportamento ancestrais. Não sabem se posicionar frente à “nova mulher”, que busca autonomia e empoderamento;
- **A emancipação financeira da mulher é crucial nesse quadro.** Ser dependente do parceiro obstaculiza muito o enfrentamento ao ciclo de violência doméstica;
- **A educação das crianças também precisa ser cuidada** para que novos valores floresçam e se estabeleçam;
- **As leis são feitas por homens e a ocupação do espaço político pela mulher ainda é ínfimo. É preciso avançar nessa direção.**



Pexels

Considerações finais

Por fim, mesmo que haja um “mas” para cada conquista apontada – e quase todos convergem para a lentidão com que as mudanças se consomem e para a limitação de recursos destinados à causa – avalia-se que muito se caminhou até aqui.

O rompimento da postura de acomodação dentro de um ciclo de exploração e inferiorização abriu novos espaços e perspectivas.

As mulheres “acordaram” para o seu problema, obrigando boa parte da sociedade a também antenar para as necessidades de mudanças de comportamento.

O cenário é de transformação.



Pexels

OBRIGADA



Patricia Pavanelli

patricia.pavanelli@ipsos.com

Patricia Vicente

patricia.vicente@ipsos.com

Rachel Fukuda

rachel.fukuda@ipsos.com

